U.PORTO

MESTRADO INTEGRADO

ARQUITETURA

Desenhar a Noite.
Porto: uma leitura crítica dos territórios da noite urbana.

Nuno Lopes Delgado

M

2021

Nuno Lopes Delgado. *Desenhar a Noite.* Porto: uma leitura crítica dos territórios da noite urbana.

M.FAUP **2021**

U.PORTO

Desenhar a Noite.
Porto: uma leitura crítica
dos territórios da noite urbana.

Nuno Lopes Delgado

FACULDADE DE ARQUITETURA

FACULDADE DE ARQUITECTURA DA UNIVERSIDADE DO PORTO

Desenhar a Noite.

Porto: uma leitura crítica
dos territórios da noite urbana.

Nuno Lopes Delgado

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura
orientada pelo Professor Mário João Freitas Mesquita

Porto, 2021

Movimentos, interacções e ocupações no espaço público nocturno da Rua Escura. Porto, Portugal. Conjunto de desenhos do autor.

Nota à edição

1. A presente dissertação não obedece ao novo acordo ortográfico, por opção do autor. Contudo, poderão existir excepções, por exemplo, no caso de transcrições onde se mantém a grafia original.

2. Todas as citações referentes a edições de língua não portuguesa sofreram traduções livres pelo autor, encontrando-se a versão em que foi lida a bibliografia em nota de rodapé. Algumas das citações apresentadas não integram o corpo de texto ao inscreverem um gesto de fundamentação ou fortalecimento descritivo da ideia abordada, encontrando-se em nota de rodapé e, por sua vez, na língua em que foi lida a bibliografia.

3. Num esforço de coesão gráfica da imagem global, algumas das figuras utilizadas sofreram edições de recorte e modificações cromáticas em relação à sua versão original.

4. A numeração das notas de rodapé é reiniciada em cada capítulo.

Eu, Nuno Lopes Delgado, autorizo a publicação desta Dissertação no sistema de Informação da Universidade do Porto. Consinto também a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrónico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.
E-mail do autor: nunocdelgado@gmail.com

Agradeço,

ao professor Mário Mesquita,
pela sua orientação, confiança e amizade;

à minha família, aos meus amigos,
pelas coisas todas, pelas coisas belas,
interiores e exteriores, que tenho e que me têm;

aos meus colegas e professores,
à comunidade FAUP-PTRI,
por um percurso repleto mas não findo:
projecto inesgotável de (re)descoberta, em comum.

ao escuro da noite portuense,
íntima, incansável e sonhadora,
de todos e só minha.

Resumo

O presente exercício académico, o *Desenhar a Noite*, assume-se como uma leitura crítica da mudança da percepção da morfologia do espaço público *entre tempos* (período diurno e período nocturno). Desta forma, objectivando-se o reconhecimento do paradigma nocturno do projecto urbano contemporâneo, evidenciando-o, problematizando-o e legitimando-o à luz do seu quadro histórico e contemporâneo de desenvolvimento.

Esta proposta de consideração e aproximação ao paradigma nocturno-urbano do espaço público será alimentada por uma matriz diversa de contributos teóricos, tendo o seu prisma de confirmação e análise qualitativa do real na experiência sensorial e individual pelos territórios nocturnos do espaço público da cidade do Porto. Neste sentido, e numa malha operativa de entendimento, apela-se a um discurso e prática de arquitectura consciente das múltiplas realidades sociais, económicas e culturais em que intervém, considerando-se o desenho urbano como ferramenta em constante mutação que carece de novos eixos de expansão e regeneração sobre a forma como opera.

Palavras-chave:
Estudos Urbanos,
Teoria da Arquitectura
Urbanismo nocturno,
Cidade nocturna.

Abstract

This academic exercise, *Desenhar a Noite*, is a critical reading of the change in perception of the morphology of public space *in-between times* (daytime and nighttime), as an acknowledgement of the nocturnal paradigm of the contemporary urban project through its model of historical and contemporary development.

This proposal of “approximation” to the urban-nocturnal paradigm of public space will be informed by a diverse set of theoretical contributes, followed by a qualitative analyses of the material context of the sensorial and individual experience of the nocturnal territories of Porto’s public space. In this way, in an operative system of understanding, the field of architecture and urbanism is seen as a discourse and practice which must be conscious of the multiple social, economic, and cultural realities in which it intervenes – the urban drawing interpreted as a tool in constant mutation and development in need of new axes of expansion and regeneration.

Key-Words:
Urban Studies,
Theory of Architecture,
Nighttime Urbanism,
Nocturnal city.

Sumário

I. Acto Introdutório 014
i. Aproximações 014
ii. Seduções 016
iii. Imersões 017

II. Desenhar a Noite 020

● **Momento 1** 022
Noite: eixos de encontro e relação.
Problematizar a condição nocturna da urbanidade.

1.1 O Sublime: entre a ausência de luz e o corpo urbano. 024
i. Noite, espaço interior e individual - intra-subjectividade 024
ii. Noite, espaço exterior e colectivo - inter-subjectividade 030

1.2 *As nictofobias das geografias urbanas:* 038
A herança nocturna no espaço público da cidade.
i. Nictofobias urbanas 038
ii. "Nocturnalização": domesticar a luz 044

1.3 A questão urbana contemporânea: 052
formas e processos. *Do local ao global.*
i. Transparência 052
ii. Concentração / Dispersão 056
iii. Globalidades e localidades nocturnas 063

1.4 *A morte e a vida da grande cidade pandémica.* 070
Paisagens Pandémicas: as (in)visibilidades do espaço público em interlúdio.
i. Peste(s) no espaço urbano 072
ii. (In)visibilidades 078

◐ **Momento 2** 084
Noite: percursos, encontros, (in)visibilidades.
Porto: percursos solares e lunares na "viagem" pela urbanidade contemporânea.

2.1 Cidade-ideologia, cidade-desejo, cidade-expressão. 088
A Ronda da Noite. o arquitecto na cidade.
i. Do percurso: as "ritmicidades" do urbano 088
ii. Instrumentos 091

2.2 *Diário de campo.* Percursos, Lunares e Solares. 093

Percurso 1 098
Entre-Pontes

Percurso 2 138
Subindo a "colina"

Percurso 3 166
Em viagem- o autocarro e a paragem de autocarro

○ **Momento 3** 180
Noite: objecto disciplinar e objecto de projeto.
Apontamentos sobre novas compreensões e eixos de estudo na área disciplinar dos estudos urbanos. Breves apontamentos para eixos estratégicos de regeneração da noite urbana.

3.1 "Em retrospectiva": da Condição Nocturna da Urbanidade. 182
i. Para novos eixos de estudo na área disciplinar dos estudos urbanos 182
ii. "Elogio crítico": em expansão do campo disciplinar 183

3.2 *Ideário.* Em Comum: *(Re)considerar o projecto nocturno.* 186
i. Para uma estratégia de regeneração 186
ii. Do desenvolvimento e gestão do solo urbano 188
iii. A noite do desenhar 192

III. Acto Retrospectivo 194
i. Em suma 194
ii. A linha nocturna do horizonte 198

IV. Fontes de Informação 202

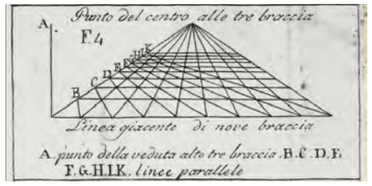
V. Índice e créditos de figuras 210

VI. Apêndices - Conversas Vadias 222

Lonely Metropolitan, Fotomontagem.
Helbert Bayer, 1932.

"A linha do horizonte é jamais defasada da posição do olhar."

I. Acto Introdutório



De Pictura, desenho de linhas no espaço tridimensional com ponto de fuga.
Leon Battista Alberti, 1450.

i. Aproximações

Desenhar é "senão" a tentativa genuína de reconhecimento que parte do foco individual e subjectivo para o plano colectivo e inter-subjetivo. Desenhar é expressão, mas também é desejo. É esquisso: íntimo, curioso ou convicto. Mas também é palavra: diálogos, expressões em confronto, memórias cruzadas. O Arquitecto desenha pois sabe que para traçar a evidência do *sítio*, metamorfoseando o *lugar*, terá primeiro de erguer o seu próprio *projecto*.

Ao desenhar, o Arquitecto "desenha-se a si".

"Desenhar é uma forma de conhecimento e de comunicação. A montanha ou a cadeira, a cidade ou a folha de árvore, conhecem-se com rigor pelo desenho. Só ele permite detectar a natureza, a estrutura, a alma das formas, só ele as comunica, interpretando-as, criticando-as tantas vezes com humor.
E é através dele, ainda, que nós Arquitectos, formalizamos e comunicamos a nossa concepção do mundo.
Louvor ao desenho, forma eterna e magnífica de entendimento entre os homens." [1]

[1.] TÁVORA, Fernando - Minha Casa / Prólogo, Desenho, [C2], pág. 3.

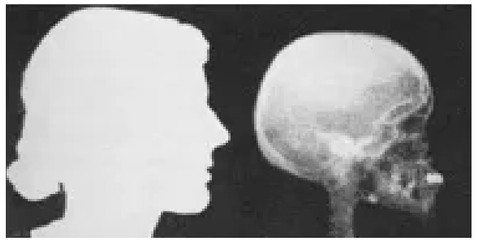
Este trabalho é (também ele) um desenho. Tal como aqueles que apuraram a abstracção do fenómeno perspéctico em plano bidimensional, traduzindo paisagem em representação, esta dissertação compreende que qualquer olhar sobre o espaço heterogéneo que nos rodeia, que habitamos, assim como qualquer tentativa de o plasmar, provém de um único ponto observador que lança a matriz e a moldura da paisagem final[2]. *A linha do horizonte é jamais desfasada da posição do olhar.*

E, no entanto, tanto o horizonte como o indivíduo se inter-definem e inter-motivam, ao inscreverem em si formas que dançam entre planos de luz e de sombra, leituras e discursos contraditórios entre a lucidez do diurno e os espectros do nocturno. A cidade é fruto e organismo deste mesmo material de relação.

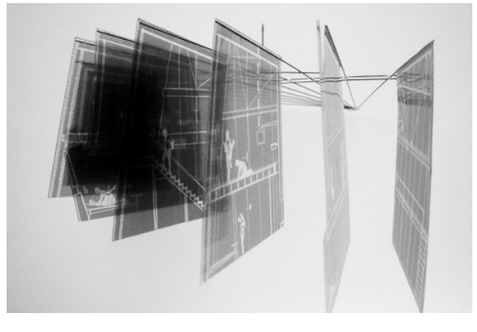
Por consequência, também o processo projectual "habita" este

[2.] Em *Modos de Ver*, John Berger ensaia sobre a profunda relação entre a cultura ocidental e o olhar perspéctico. "This difference can be illustrated in terms of what was thought of as perspective. The convention of perspective, which is unique to European art and which was first established in the early Renaissance, centres everything on the eye of the beholder. It is like a beam from a lighthouse - only instead of light travelling outwards, appearances travel in. The conventions called those appearances reality. Perspective makes the single eye the centre of the visible world. Everything converges on to the eye as to the vanishing point of infinity. The visible world is arranged for the spectator as the universe was once thought to be arranged for God." BERGER, John – Ways of Seeing, pág. 16.

Porto, a cidade nocturna (vista aérea). A percepção morfológica do território altera-se.
O desenho do território dá-se através da rede de iluminação pública.
Setembro, 2020.



Radio-X in *X-RAY Architecture*.
Beatriz Colomina, 2019.



Maquete experimental de exposição de projecto de casa unifamiliar através da sobreposição de negativos-acetato in *Flesh: Architectural Probes*, Diller Scofidio + Renfro, 1994.

O Desenhar da Noite e
a Noite do Desenhar.

"O Arquitecto habita também o seu *projecto*"

processo dinâmico. Desde a obra de arquitectura ao projecto urbano, desde o idear primeiro de uma intenção à estrutura firme que se ergue do chão, desenhar é desafiar as distâncias entre o horizonte e o indivíduo, entre a noite e o dia, revelando-as e conectando-as, simultaneamente.

Desenhar, casar (in)visibilidades ao descobrir evidências, por mais complexas ou contraditórias, num gesto íntimo mas colectivo de *projecto*,

de procura,
de compreensão,
de expressão
e de serviço.

O Arquitecto "habita" também o seu *desenho*,

o seu *projecto*, as suas *distâncias*, os seus processos diurnos e nocturnos, sempre investindo na construção colectiva e perpétua do *ser*.

ii. Seduções

A Cidade e a sua Noite.

A Cidade, que se deixa seduzir pela escuridão noctívaga. A cidade e os seus diálogos atmosféricos e múltiplos, ínfimos e globais, oficiais e não oficiais com a escuridão tardia:

A evidência da dialéctica formal e social entre o corpo urbano e o (seu) inescapável negrume.

O arquitecto, que organiza e esculpe o espaço com a sombra durante o dia, fá-lo com a luz durante a noite. Sendo, porventura, necessário experienciar a dimensão nocturna do conjunto para o compreender quando em pleno iluminado. Por tal, entende-se como vital que o percurso e o projecto-de-arquitectura do estudante inscrevam esta motivação e este projecto singular de interpretação.

A motivação para este trabalho parte da vontade de aproximação e de compreensão da "segunda cidade"[3] que surge com o sol-pôr. Cede-se, portanto, à sedução do escuro, à íntima vontade (e forçosamente inexequível, pela vastidão do território) de *desenhar a noite*. De a capturar, reflectir, entrecruzar, decifrar.

O *desenhar da noite* é, na verdade, um meio para a produção

[3] EDENSER, Tim - The gloomy city: Rethinking the relationship between light and dark, pág. 423.

de uma *noite do desenhar* – a criação de uma lente de entendimento da cidade que se habita, na sua plenitude horária, visando-se a inclusão deste aprendizado nos instrumentos e investimentos futuros na disciplina e profissão.

iii. Imersões

Esta dissertação, *Desenhar a Noite*, inserida no âmbito dos trabalhos da Comunidade de Inovação Pedagógica PTRI (Porto: Territórios e Redes de Invisibilidade) MIArq, assume-se como uma leitura crítica do espaço público da cidade, nomeadamente durante o seu período nocturno e a sua actividade noctívaga.

Através de uma reflexão pessoal e crítica, este trabalho pretende contribuir para a compreensão da transformação da percepção da morfologia dos espaços urbanos *entre tempos*[4] (período diurno – período nocturno). Neste sentido, procura-se estudar a urbanidade reconhecendo-se o paradigma nocturno do projecto urbano através da rede *invisível* de fluxos e dinâmicas, experiências, apropriações e "resistências" (sociais, económicas, identitárias e comunitárias).

Pretende-se também apelar a um discurso e prática da arquitectura consciente das múltiplas realidades sociais, económicas e culturais em que intervém, compreendendo o desenho urbano como ferramenta (inequivocamente ideológica) que carece de novos entendimentos sobre a forma como opera. Desta forma, enaltecendo-se no contexto académico português e no discurso contemporâneo de arquitectura a salvaguarda do espaço público, nomeadamente das paisagens urbanas de um paradigma nocturno inclusivo e participativo, considerando-se os diferentes impactos que esta condição (a Noite) provoca nos territórios da cidade.

A abordagem metodológica (de matriz qualitativa e possivelmente etnográfica, recorrendo a técnicas de observação--participante e de investigação-acção) compreende uma atitude transdisciplinar na sua forma de análise do objecto seleccionado que, de forma crítica e sistemática, procura estabelecer uma relação entre a sua base teórica com a componente prática (estudo de casos).

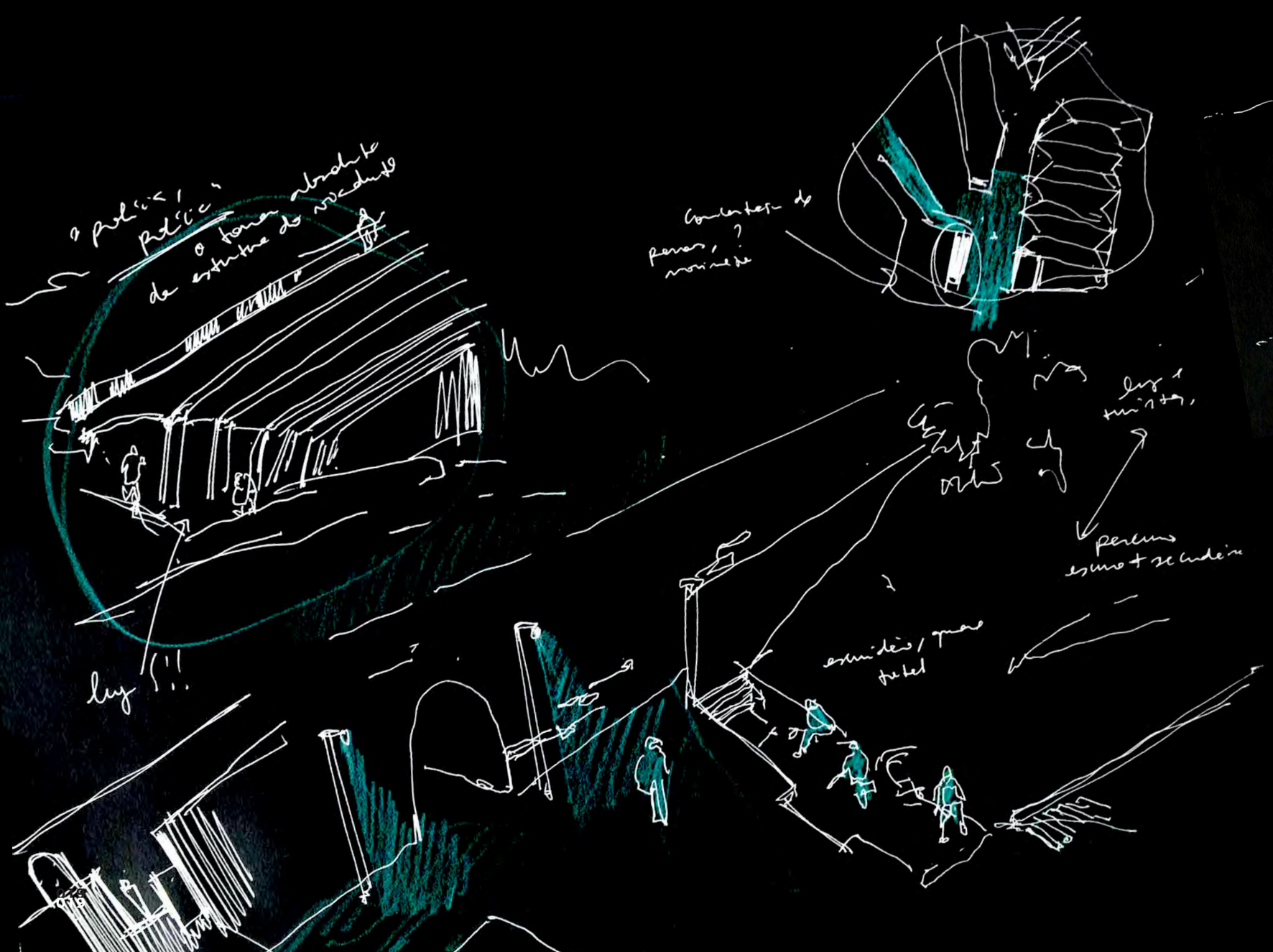
[4] Ao invés de considerar o tempo nocturno como período inequivocamente delimitado por uma baliza horária - ou mesmo de se adoptar uma estratégia de estudo que assente numa leitura metronómica e rectilínea, historiográfica e cronológica, da evolução do assentamento urbano ou da própria condição de urbanidade, da relação histórica entre espaço urbano e o período nocturno - a estratégia adoptada incentiva que o estudante teça a sua própria recensão crítica destas questões, através da formulação de um *modo de ver* (BERGER , John - Modos de Ver), fazendo recurso à sua constelação de referências, pensamentos e relações.

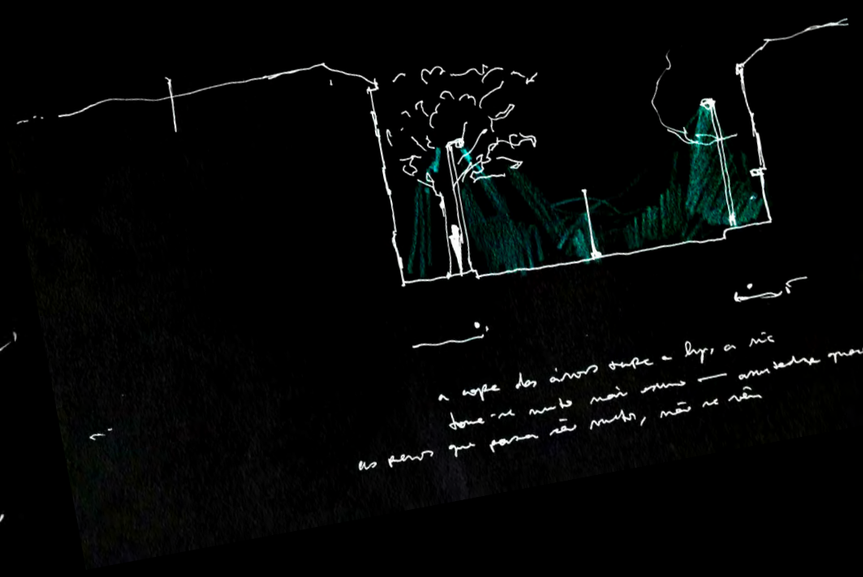
A dissertação, e a sua narrativa, segmenta-se em três momentos distintos.

No primeiro momento, pretende-se a formulação de um entendimento pessoal e crítico sobre o objecto de estudo através da exploração de eixos teórico-problematizantes. O estudo do paradigma urbano-nocturno motivará a abordagem de temas e sistemas que o subjazem, como é o caso de (1) a relação indivíduo--espaço-noite e comunidade-noite-cidade, (2) a questão da evolução da relação do desenho urbano e do seu *modus vivendis* com a escuridão nocturna, (3) os processos actuais de desenvolvimento urbano-nocturno e (4) o corrente contexto pandémico.

Os posicionamentos teóricos estabelecidos no Momento 1 serão o fundamento e instrumento de orientação para o segundo momento, onde se concretiza a aproximação ao objecto local e concreto, a cidade do Porto. Através da delineação de percursos encarados como casos de estudo, será possível compreender a mudança da percepção da morfologia dos espaços do período diurno para o nocturno. Desta forma, identificar-se-ão as dinâmicas de vivência e de transição do espaço público, bem como quais os agentes intervenientes e mecanismos motivadores destes processos.

Tendo em conta a base teórica estabelecida e a aproximação ao real através dos casos de estudos analisados, no terceiro e último momento da dissertação, procura-se a definição de princípios orientadores da regeneração do espaço público nocturno. Assim, propagando-se novas perspectivas sobre o espaço urbano assentes em princípios estratégicos que procurem uma noite devidamente planeada, segura e inclusiva.





Movimentos, interacções e ocupações no espaço público nocturno da Rua Escura, Rua de Santa Catarina e Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, Porto, Portugal. Conjunto de desenhos do autor.

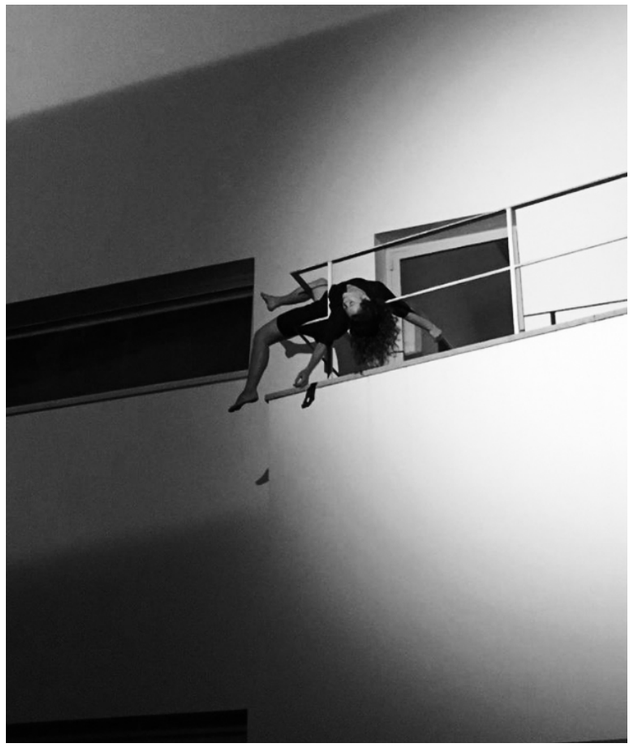
“A noite é o espaço
vago, o tempo sem
história
Em que as
perguntas
nascem
dentro da memória
Em tudo o que já
fomos, está o que
seremos
Mas cabe
perguntar:
Foi isto que
quisemos?”

A noite, canção. José Mário Branco, 1996.

- **Momento 1**

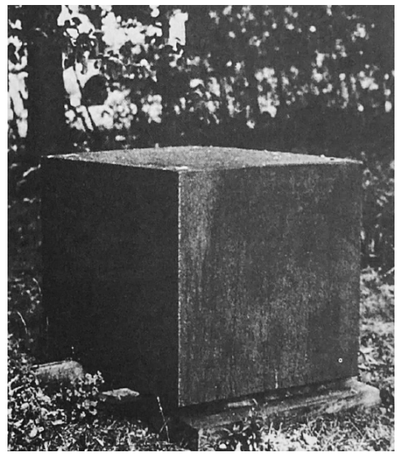
Noite: eixos de encontro e relação.

Problematizar a condição nocturna do urbano.



Percursos pela arquitetura, performance coreográfica na Escola de Arquitectura. Companhia Instável, FAUP, Abril de 2017.

"No princípio, Deus disse: «Faça-se luz.» E a luz foi feita. Deus viu que a luz era boa e separou a luz das trevas. Deus chamou dia à luz, e às trevas, noite. Assim, surgiu a tarde e, em seguida, a manhã: foi o primeiro dia." Gn 1,3-5, A Bíblia.



The Black Box. Tony Smith, 1961.

Night, escultura de Tony Smith, fotografada com o próprio. Byant Park, Nova Ioque, 1967.

1.1 Do Sublime: entre a ausência de luz e o corpo urbano.

A aproximação e reconhecimento da questão paradigmática da noite urbana e da cidade nocturna inscreve, indubitavelmente, uma primeira reflexão-base sobre o seu elemento de relação mais primário e arquetípico: a relação entre o indivíduo, o objecto e o espaço em escuridão;

o corpo - os corpos - o espaço - o escuro.

O conjunto global da cidade é construído por simples unidades de identidade e relação como esta. Assim sendo, analisar a morfologia desta dinâmica "molecular", a morfologia do espaço e da experiência em escuridão, é compreender contornos íntimos da forma como nos organizamos em sociedade e como habitamos o espaço em comum.

i. Noite, espaço interior e individual - intra-subjectividade.

"O corpo, esse país mais ou menos habitável, em nada lhe lembrava aquele outro país geograficamente definido nos mapas, e que toda a gente insistia em dizer-lhe que era o seu país. O corpo evocava-lhe sempre outro sítio luminoso, distante, onde podia agir e respirar, pensar e mover-se livremente. Território semelhante à noite das cidades em que se perdessem, ele e o seu corpo, propositadamente, para se abastecerem de sexo, de renovados desejos, inesperadas seduções, pequenos perigos e emoções. Nocturno território onde alastrava a paixão na exacta medida da desolação que os situava." [1]

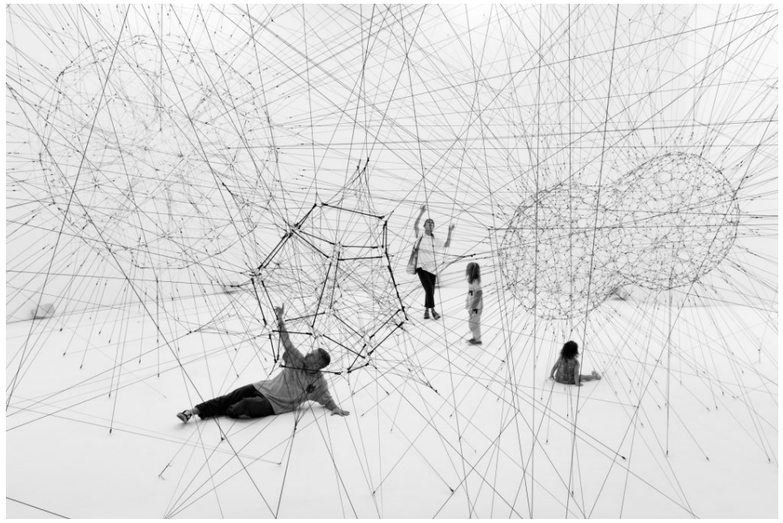
Para Didi Huberman, a obra de Tony Smith, artista plástico norte-americano, é simultaneamente obra e processo[2]. A sua primeira peça, *The Black Box*, é fruto das intimidades de um terror nocturno, onde a insónia insistia em "cingir a noite nas dimensões de um volume negro desconcertante, problemático, demasiado pequeno ou demasiado grande"[3].

Um cubo. Volume estático e negro, próximo e longínquo,

1. BERTO, Al - Lunário, pág. 16.

2. DIDI-HUBERMAN, Georges – O que nós vemos, O que nos olha, pág. 70.

3. Idem, pág. 72.



On Air, instalação temporária.
Tomás Sarraceno, Palais de Tokyo, Paris, 2018.

Utiliza-se esta figura como representação espacial do "móbil" referencial de uma abordagem crítica ao reconhecimento de um paradigma espacial - *por entre diferentes contextos físicos, surgem perspectivas e reações emocionais únicas.*

A Casa é o Corpo (The House is the Body),
Lygia Clarck, 1968.

Casa Moller.
Adolf Loos, Viena, 1928-1929.

A noite, enquanto *espaço sentimental*: familiar e estrangeiro, em simultâneo.

A construção de uma constelação pessoal de referências que formulem um quadro de entendimento sobre a proposta conceptual do espaço em escuridão carece igualmente de uma abordagem "espacialmente íntima", simultanemanente individual e transversal.

4. Idem, pág. 69.

5. "Diante dele, o nosso *olhar* é inquietado. Mas de que maneira um simples cubo pode chegar a inquietar o *olhar*? Mais uma vez, a resposta pode estar relacionada com a noção de *jogo*, na medida em que o jogo supõe ou engendra um poder próprio do *lugar*. A criança inventara com o carrinho de linhas, isto é, com o seu jogo rítmico – elementarmente temporizado, ou mesmo temporizador - *um lugar para inquietar a sua visão*, e portanto para operar todas as expectativas, todas as revisões a que o seu desejo conduzia." Idem, pág. 76.

6. Idem, pág. 75.

7. Idem, pág. 85.

8. Idem, pág. 78.

9. Idem, pág. 82.

10. Ibidem.

11. Idem, pág. 94.

12. SMITH, Tony cit. pot DIDI-HUBERMAN, Georges - Idem, pág. 80-81. dem, pág. 94.

íntimo na distância enigmática do seu devir - "*sempre tombado, mas [...] sempre erguido*"[4]. Excessivamente simples e, simultaneamente, estranhamento complexo. Um objecto honesto e *minimal*, detentor de uma latência dialéctica: a vontade de um diálogo com quem o olha em reticencia (curiosa), ou, talvez, a súbita abertura de uma lente através da qual *deitar o olho e ver o mundo*. Um objecto que é mais um *jogo*, ou que inscreve em si um jogo de inquietação, criador de *lugar*[5]. De todo o modo, um ensaio escultural a ser encarado "para além da oposição canónica do visível e do legível"[6].

A materialidade da obra de Smith é consistentemente a da escuridão, ou a da *penumbra* ("*corpo de sombra* e não sombra de um corpo"[7]), como se o impacto visual do seu imaginário e imagética inscrevesse "a própria cor do elemento que lhes dera vida: a noite"[8]. A noite, ou o jogo da noite, dos ritmos da noite, do conhecido e do desconhecido, "do próximo e do distante"[9], do "aparecimento e do desaparecimento"[10]. Estruturas fundadas num "lugar da memória"[11], no palimpsesto experiencial e individual do escuro, ou talvez, na *memória colectiva de um lugar*.

"Quando, por exemplo, o mundo dos objectos claros e articulados se encontra abolido, o nosso ser perceptivo, amputado do seu mundo, desenha uma espacialidade sem coisas. É o que acontece na noite. Ela não é um objecto diante de mim, ela envolve-me e penetra por todos os meus sentidos, sufoca as minhas lembranças, quase que apaga a minha identidade. [...] A angústia dos neuropatas durante a noite vem do facto de ela nos fazer sentir a nossa contingência, o movimento gratuito e incansável através do qual procuramos ancorar-nos e transcender-nos nas coisas, sem nenhuma garantia de ainda as encontrarmos."[12]

A Noite como corpo dialéctico, de estimulação interior e exterior, a memória de um lugar familiar. Uma presença, personagem ou, talvez, sentimento inquietante, confrontante, inconclusivo e, porventura, perturbador.

A dialéctica inerente à obra de Nicks, entre o *corpo* e a *massa estranha e nocturna*, entre o corpo e a (sua) noite, surge como ponto de partida para este trabalho que pretende, também, iniciar-se nas intimidades individuais perante o espaço em escuridão. A intimidade e individualidade do espaço ambivalente e estimulante da escuridão – o diálogo entre o *medo* e *sublime*.

Aniki-Bóbó, fotograma.
Manoel de Oliveira, Porto, 1942.

"De dia somos imóveis e estamos presos.
Mas de noite somos livres e dançamos."
ANDERSEN, Sophia Mello Breyner e - O Rapaz de Bronze, pág. 9.

Dança ao Luar, óleo sobre tela.
Paula Rego, 1988.

Generator, performance interactiva e participativa.
Marina Abramovic, Sean Kelly Gallery, Nova Iorque, 2014.

O medo do escuro, ou a nictofobia, é um instrumento primitivo e retroactivo de alerta à incapacidade de se detectarem possíveis ameaças em ambiente hostil e de fraca visibilidade[13]. Surge, normalmente, no confronto com o que não vemos, com o que nos é desconhecido ou Outro. O processo de desenvolvimento cognitivo da criança passa pela reorientação da apreensão negativa do espaço em escuridão[14], já que esta experiência de encontro com o significante visual do desconhecido, do escondido ou invisível, a obriga a um profundo reavaliar dos seus medos e ansiedades.

No estudo do comportamento e da condição humana, esta relação entre o indivíduo e o espaço em escuridão é um elemento de extremo interesse. Na psicologia junguiana[15], a sombra alegoriza o aspecto inconsciente ou subconsciente da psique[16], as figuras e os processos *invisíveis* que subjazem um sistema visível. Se por *enantiodromia* se entende "a emergência do oposto inconsciente durante o curso do tempo"[17], a escuridão pode ser lida como agente catalisador deste processo, um movimento duplo de fobia e de atracção, um processo de *visibilização de invisibilidades*[18]. Em certos contributos teóricos chave do século XX, é exactamente nessa dicotomia que o constructo de escuridão se cruza com certas definições do plano do sublime:

"Creio que o belo não é uma substância em si, mas apenas um desenho de sombras, um jogo de claro-escuro produzido pela justaposição de diversas substâncias."[19]

Byung Chul-Han afirma que a alma humana necessita de esferas onde possa estar só e invisível ("Há uma impermeabilidade que lhe é inerente. Uma iluminação total queimá-la-ia"[20]). Esta posição sobre a necessidade de obscuridade na identidade humana alinha-se com a posição de Walter Benjamin, que afirma que para que haja beleza é inevitável uma conjugação entre espaço iluminado e em escuridão, entre encobrimento e visibilidade: "porque o belo não é o invólucro nem o objecto encoberto, mas o objecto no seu véu. Desvelado, mostrar-se-ia infinitamente insignificante. [...] Com efeito, não se pode caracterizar de outra maneira o objecto ao qual acaba por faltar o véu. Uma vez que só o belo e nada senão o belo pode ser essencialmente encobridor e velado, é no mistério que está o fundamento divino do ser da beleza"[21].

Em continuidade, segundo George Simmel, "somos feitos

[13] LEVOS, Joshua; ZACCHILLI, Tammy Lowery - Nyctophobia: From Imagined to Realistic Fears of the Dark, pág. 102.

[14] Idem, pág. 203.

[15] Relativa ao trabalho desenvolvido por Carl Yung, psiquiatra e psicanalista suíço.

[16] "Empirically, therefore, the self appears as a play of light and shadow, although conceived as a totality and unity in which the opposites are united." JUNG, Carl – Psychological Types, pág. 636.

[17] "I use the term enantiodromia for the emergence of the unconscious opposite in the course of time. This characteristic phenomenon practically always occurs when an extreme, onesided tendency dominates conscious life; in time an equally powerful counterposition is built up, which first inhibits the conscious performance and subsequently breaks through the conscious control." Idem, pág. 593.

[18] Este conceito será objecto de análise e reflexão no presente trabalho, tendo a sua representação material nos casos de estudo abordados no trabalho de campo do Momento 2.

[19] TANIZAKI, Junichiro - Elogio da Sombra, pág. 48.

[20] HAN, Byung-Chul – A Sociedade da Transparência, pág. 13.

[21] BENJAMIN, Walter cit. por HAN, Byung-Chul - Idem, pág. 37.
Também a experiência arquitectónica depende deste paradgima do belo, onde a constante (re) descoberta das espacialidades de um percurso, bem como o desenho do jogo perspéctivo constitui a fórmula base da interação entre corpo e obra.

de tal maneira que não só [...] temos necessidade de uma certa proporção de verdade e de erro como base da nossa vida, como temos também necessidade de uma certa proporção de claridade e de obscuridade na imagem dos elementos da nossa vida"[22]. Simmel cunhou a expressão *direito ao segredo*, acreditando que o conhecimento absoluto leva exclusivamente à exaustão psicológica e ao atrofiamento das relações[23]. "A evidência não admite sedução, mas somente um procedimento."[24]

O escuro é encarado como um *segredo essencial*, a verdade mais *profunda e eterna*[25]. Torna-se impossível não transportar estes contributos para uma análise da cidade em escuridão, onde o sublime do espaço, da arquitectura e da vida se regenera nesse habitar do véu que dança entre espaço iluminado e espaço em escuridão.

"Até um espaço que se pretende ser escuro deve ter luz suficiente de uma abertura misteriosa para nos mostrar o quão escuro é." [26]

O Dentro é o Fora, peça-escultura. *Lygia Clarck*, 1963.
A obra plástica da artista articula conceitos físicos e de relação na espacialidade e mabealidade do objecto, que retratam intimidades e distâncias - possivelmente, entre o interior e o exterior, entre o sujeito e a sua comunidade, entre indivíduo social e sociedade, entre elemento particular e projecto global.

[22] SIMMEL, George cit. por HAN, Byung-Chul - Idem, pág. 14. Sobre o tema da Sociologia da Escuridão: SIMMEL, George - The Sociology of Secrecy and of Secret Societies.

[23] Idem, pág. 30.
"O facto de que um conhecimento absoluto, de uma exaustão psicológica, basta para nos desencantar, ainda que na ausência de um entusiasmo anterior, paralisa a vitalidade das relações [...]. A profundidade fértil das relações, que, para lá da última revelação, pressente e respeita ainda outro extremo mais último, é o prémio dessa ternura e desse domínio de si mesmo que, até na relação mais estreita, abarcando o homem inteiro, continua a respeitar a propriedade privada, que limita o direito a perguntar devido ao direito ao segredo." Ibidem.

[24] A experiência arquitetónica dá-se no sentimento sedutor do que se vê e do que nao se vê, no jogo existencial da coordenada e do eixo de relação. "Precisamente, a negatividade do segredo, do véu e do encobrimento espicaça o apetite e intensifica o prazer. Assim, o *sedutor* joga com máscaras, ilusões e formas aparentes. A coação da transparência elimina espaços de *jogo* do prazer. A evidência não admite sedução, mas somente um procedimento." Idem, pág. 29.

[25] "A hermenêutica do segredo não é uma dimensão diabólica que a todo o momento seja necessário eliminar em benefício da transparência. É uma simbólica e, até mesmo, uma especial técnica cultural, que engendra uma *profundidade*, ainda que enquanto aparência". "O 'prazer' nietzschiano, esse 'prazer' que quer 'eternidade'. tem a sua origem na 'meia-noite'. Nietzsche diria que não teremos acabado com Deus enquanto continuemos a acreditar na transparência. Frente ao olhar penetrante, frente à obsessão de tudo tornar transparente, Nietzche defende a aparência, a máscara, o segredo, o enigma, o ardil e o jogo: ' Tudo o que é profundo ama a máscara; as coisas entre todas mais profundas chegam a sentir ódio pela imagem e pelo símbolo.'" Idem, pág. 33. "**Light is the experience of inhabiting the world of the visible, and that its qualities – of brilliance and shade, tint and colour, and saturation – are variations, upon this experience**" BILLE, Mikkele; SØRENSEN; Tim Flohr - An anthropology of Luminosity: The Agency of Light, pág. 264.

[26] "Even a space intended to be dark should have just enough light from some mysterious opening to tell us how dark it really is" KAHN, Louis cit. por BILLE, Mikkele; SØRENSEN; Tim Flohr – Ibidem.

ii. Noite, espaço exterior e colectivo - inter-subjectividade.

"O café só começaria a encher por volta das dez da noite. A essa hora iniciar-se-ia o habitual desfile de rostos maquilhados, de poses inesperadas, de gritos e gargalhadas, de gestos e de cumplicidades que só se cumprem durante a noite. Uma outra cidade se levantava assim que o dia recolhia. Cidade de excessos e de abismos, de sangue e de música, de drogas e de sexo, de banalidades e de beleza. E de ternura e de paixão."[27]

[27] BERTO, Al - Lunário, pág. 35.

Terá a escuridão morfologia espacial?
Será a escuridão um espaço comum?

Para Cláudia Rodrigues, "o espaço-tempo noctívago gera-se na triangulação e dialéctica entre material, experiencial e simbólico, entre espaço vivido, concebido e praticado e entre espaço territorializado, desterritorializado e reterritorializado"[28]. A dimensão nocturna é lida como um espaço de palimpsesto do subjectivo e intersubjectivo, individual e social, permeado por constantes movimentos de ocupação e interacção. Esta leitura compreende que a constelação de processos de significação, vivência e ocupação que geram a experiência fenomenológica do urbano diurno não são homólogas aos da experiência nocturna.

[28]RODRIGUES, Cláudia - A Cidade Noctívaga: Ritmografia Urbana de um Party District na Cidade do Porto, pág. 39.

A escuridão da cidade nocturna oferece novos contextos que motivam a alteração da percepção da morfologia do espaço-público num confronto tanto paradigmático como *paradoxal*[29] entre códigos sociais, culturais e económicos distintos, ou porventura, antagónicos[30]. Por *alteração da morfologia*, compreenda-se não uma literal metamorfose nos contornos físicos do corpo espacial. De outra forma, trata-se de uma mudança profunda no perfil de iluminação e na percepção social desse mesmo corpo, que, por sua vez, inscreve uma mudança radical na sua fisicalidade, bem como nos seus fluxos e dinâmicas de percepção, vivência e ocupação.

Tal leitura do espaço, hoje-em-dia ubíqua, é proveniente de discursos pós-modernistas e pós-estruturalistas pioneiros, como o de Michel Foucault, que o encaram não como um plano homogéneo e vazio, mas pelo contrário, como dimensão ambígua e mutável carregada de qualidades projectadas pelo sujeito, cuja significação permeável atravessa complexos processos cognitivos e emotivos[31]. O seu conceito de heterotopia surge como inteiramente pertinente ao

[29]"To study the Night, one must stare into what one realizes intuively as a paradoxical infatuation; that Night hides certain acts but that things are also said to "come out at night"; that we are surprised and caught off-guard by its sudden noises, while also recognizing its calm familiarity; and that even Night's mythological child Sleep is no safe bet, dualistically bringing up both dreams and nightmares, meaning and nonsense, to the oblivious mind. Beyond this, we must engage Night through the varying prisms of its most fascinating practiocioners: namely those who keep strange hours and navigate the different potentialities of nocturnal experience (both of terror and enchantment)." DUNN, Nick - Dark matters: a manifesto for the nocturnal city, pág. 94.
"A noite é um lugar [...] onde as tensões do poder se aligeiram [...] Ou seja, um lugar para esquecer a espécie de distopia diurna (com regras, obrigações, rotinas, trabalho) e encontrar a utopia do lazer, da arte, do momento oportuno e único, a **utopia da noite.**" FINA, Rosa - pessimismo e as distopias do séc. XX: a noite como refúgio?, pág. 9.

[30] Dá-se nota do estudo pioneiro intitulado de DEVIANCE IN THE DARK, realizado nos anos 70 na Universidade Swarthmore College na Pensilvânia, onde oito pessoas desconhecidas entre si (quatro pessoas do género masculino e quatro do género feminino) foram colocadas numa sala almofada e sem iluminação e outras oito numa sala semelhante, mas totalmente iluminada. Ambos os grupos permaneceram nas respectivas salas durante 60 minutos. Na sala iluminada, os sujeitos foram mais introvertidos e menos comunicativos ao terem a sua identidade completamente revelada. Na sala em escuridão, os participantes falaram mais, moveram-se mais (tacteando e percorrendo o espaço), chegando-se a tocar (despropositada e propositadamente) e a beijar (sendo que o estudo se comprometia a nunca revelar a identidade dos participantes, antes, durante e depois da experiência). GERGEN, Kenneth; GERGEN, Mary; BARTON, William – Deviance in the Dark, pág. 129-120.

Night Windows. Edward Hopper, 1928.

A minha obra é o meu corpo, O meu corpo é a minha obra. - Negrura Aguada.
Helena Almeida, 1964.

estudo do paradigma nocturno. Entende-se a heterotopia como um espaço real e físico que age, simultaneamente, como outros espaços através de processos cognitivos, funcionais e simbólicos.

Para Foucault, todas as culturas têm as suas heterotopias, embora possuam formas muito variadas e nunca universais. São, essencialmente, espaços onde a normativa de comportamento é interrompida[32], tendo a capacidade de se sobrepor a um lugar real, um palimpsesto de outros lugares que seriam, normativamente, incompatíveis. Toda a heterotopia tem uma função particular, podendo possuir mecanismos de funcionamento através de formas e funções distintas, de acordo com a sincronicidade com a sua cultura, sendo inevitavelmente parte integrante e reflexiva da sociedade onde existem. No entanto, não é livremente acessível, tem um sistema de abertura e fecho que num movimento duplo a isola e permeabiliza, permitindo a entrada através uma chave concreta, uma permissão expressa, um bilhete, um gesto ou um ritual.

Em suma, a heterotopia inscreve mudanças paradigmáticas a nível temporal e espacial, existindo na suspensão do tempo tradicional[33] e circunscrevendo uma determinada função na criação de um espaço de ilusão que expõe os espaços reais[34]. Trata-se de um espaço entre realidade e a utopia; simultaneamente ilusão, metáfora e transição. Tal como o reflexo de um espelho, um lugar sem lugar, que nos entrega de volta a nossa própria (in)visibilidade[35].

Neste seguimento, também a noite pode ser entendida heteropológicamente, já que é por inerência um espaço liminal (ou fronteiriço) de confronto paradigmático e de *enantiodromia*, o espaço social do diurno e do nocturno em coexistência num mesmo território. As heterotopias da noite urbana têm a sua abertura com a ausência de luz do sol-pôr, oferecendo-se a quem as solicita através de certas práticas, palavras, gestos, ocupações, encontros e desejos. O indivíduo, síncrono com a sua experiência urbana e nocturna, posiciona-se no espaço nocturno inter-subjetivo e poliédrico - um espaço mais silencioso, onde o som se propaga mais facilmente, onde os sentidos se activam[36], onde a narrativa da cidade é rebatida por discursos e práticas nocturnas inéditas ao diurno[37].

[31] Foucault acredita que os nossos espaços de sonho ou de imaginário contam com fortes características físicas, cujo ideário emocional é então projectado para a leitura fenomenológica do espaço concreto. “The space of our primary perception, the space of our dreams and that of our passions hold within themselves qualities that seem intrinsic: it is a light, ethereal, transparent space, or again it is a dark, rough, encumbered space; it is a space from above, a space of summits, or on the contrary a space from below, a space of mud; it is a space that can be flowing like lively water, or it is a space that is fixed, solidified, like stone or like crystal.” FOUCAULT, Michel In. DEHAENE, Michiel [et. al]– Heterotopia and the City: Public space in a postcivil society, pág. 16.

[32] As heterotopias da crise, que o autor considera estarem em vias de extinção, são espaços privilegiados sagrados ou proibidos, que estão em crise em relação à sociedade (asdolescentes, mulheres grávidas, séniors). As heterotopias do desviante consideram que o comportamento do individuo seja desviante em relação à norma estabelecida, exercendo-se a prática do Outro, por exemplo, hospitais psiquiátricos, prisões, lares de idosos. Idem, pág. 18.

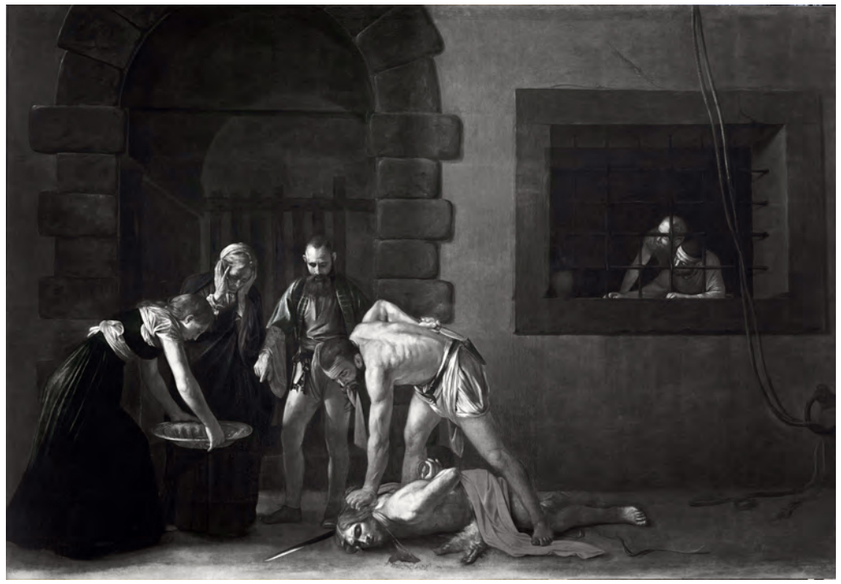
[33] Sendo que o tempo pode ter propriedades acumulativas (como em bibliotecas e museus) ou propriedades transitórias (uma feira temporária no perímetro da cidade). Idem, pág. 20.

[34] Cláudia Rodrigues entende que “a heterotopia refere-se a usos antieconómicos dos lugares, ela existe num tempo antieconómico.” (RODRIGUES, Cláudia - A Cidade Noctívaga: Ritmografia Urbana de um Party District na Cidade do Porto, pág. 205), e embora a noite seja cada vez mais o espaço do ócio desde a revolução industrial, como será analisado adiante, considera-se aqui as dinâmicas nocturnas que exceptuam a economia da noite (economia do ócio, bares, discotecas, etc).

[35] Tal como Foucault se olha ao espelho e cria uma analogia para a heterotopia, também o indivíduo nocturno se posiciona e se movimenta através de um paradigma virtual, a experiência nocturna e a escuridão urbana, que por sua vez retorna e plasma-se no próprio individuo e no próprio espaço, energizando a reconfiguração da prática e entendimento do sujeito.
“The mirror functions as a heterotopia in the respect that it renders this place that I occupy at the moment when I look at myself in the looking glass at once absolutely real, connected with all the space that surrounds it, and absolutely unreal, since, in order to be perceived, it has to pass through this virtual point, which is over there.” Foucault, Michel cit. pot DEHAENE, Michiel [et. al]– Heterotopia and the City: Public space in a postcivil society, pág. 15. “[...] heterotopia in so far as the mirror does really exist, and as it exerts on the place I occupy a sort of return effect; it is starting from the mirror that I discover my absence in the place where I am, since I see myself over there” Ibidem.

[36] O espaço nocturno está inequivoca e intimamente relacionado com a sua determinada cultura e sociedade. Em zonas próximas do polo norte, a noite surge durante largos períodos de meses, onde se recorre a luz artificial, mesmo como tratamento a depressão. https://www.theatlantic.com/health/archive/2015/07/the-norwegian-town-where-the-sun-doesnt-

[37] “As invisibilidades podem assim sê-lo simplesmente por defeito do olhar que (não) observa. Mas os discursos invisíveis são sempre uma consequência de uma contraposição em relação ao visível.” Fernando Pimenta O Elogio da Noite, Dédalo N°18, pág.34.



The Beheading of St. John the Baptist. Caravaggio, 1608.

Street Accident. Arthur "Weegee" Fellig, Nova Iorque, 1941.

"A questão pode já não ser sobre com que espaços desejamos interagir, mas *quando* o desejamos."

"Noite, a amada. Noite, quando as palavras desvanecem e as coisas ganham vida. Quando a destrutiva análise do dia acaba e tudo o que é verdadeiramente importante se torna completo e são outra vez."[38]

[38] "Night, the beloved. Night, when words fade and things come alive. When the destructive analysis of day is done, and all that is truly important becomes whole and sound again."- SAINT-EXUPERY, Antoine cit. pot DUNN, Nick - Dark matters: a manifesto for the nocturnal city, pág. 1.

Paralelamente, Nick Dunn publica uma obra intitulada de *Dark Matters: A manifesto for the nocturnal city* onde encara a Noite não como um período temporal, um recorte inconsequente da fisionomia do dia, mas como um estado onde certos códigos e condutas diurnos são temporariamente diluídos (ou exacerbados)- um estado *do* e *de* ser[39]. Para o urbanista, a história do *nightwalking*, ou do andar pela cidade durante a noite, está normalmente associada a planos de perigo e clandestinidade, oferecendo, no entanto, muito mais do que vício ou comportamento desviante. Para o autor, a noite não deve ser encarada como um simples contraste do dia, embebido por um imaginário de medo, escuridão, crise, crime e vício. Pelo contrário, investe-se na ideia um território nocturno de rico e diverso potencial ainda não explorado, onde é possível experienciar ao que chama de "sublime líquido"[40]. "Líquido", já que a cidade nos é apresentada com o seu *véu* de distorção e o seu diverso espectro (quantitativo e qualitativo) de iluminação, onde a experiência pela paisagem urbana é intersectada por filtros mais complexos de interpretação e exploração[41].

[39] Passim. DUNN, Nick - Dark matters: a manifesto for the nocturnal city.

[40] "To suggest that we must abandon our daily roles and responsibilities or that the nocturnal city is an entirely different world within which we can explore would be misleading. Instead. Rather than the liquidity of the daytime – easy-access, always-on, pervasive exploitation – the nighttime urban landscape offers what may be understood as sublime liquidity." Idem, pág. 97.

[41] "In the study of chemistry, to be sublimed is defined into vapour when heated, typically forming as solid deposit again and cooling. I believe this is the state that the nocturnal city provides. The liquidity of the daytime can be bypassed, the palpable darkness and varying levels of light providing a rich landscape for exploration both physically and of the psyche. The nighttime city is full of opportunities to probe, examine and elucidate. It is deep canvas of merged grey-yellow-brown-orange-blacks that can always be added to." Idem, pág. 98.

Retracta-se, portanto, o sublime das oportunidades na (re) descoberta de um território nocturno, **território não *onde*, mas *quando*:** "A questão pode já não ser sobre com que espaços e territórios desejamos interagir, mas quando desejamos?"[42]. É sobre este território de experiência colectiva e diversa que Jason Bahbak Mohaghegh, ao longo da sua obra *Night: a philosophy of the afterdark*, ensaia as tipologias das diversas possibilidades experienciais da noite. Esta obra procura o nomear das grandes temáticas, expressões sociais e personagens--arquétipo do imaginário colectivo, da literatura e cultura histórica do mundo ocidental sobre a experiência nocturna.

[42] Idem, pág. 10.

Mohaghegh traça, então, o seu retrato do paradigma enquanto-

A noite *do mendigo*

do bêbado

do criminoso

do marginal

da prostituta

do estrangeiro

do trabalhador

Retrata-se, portanto, a noite que se inicia com um conjunto de personagens inerentes à urbanidade. Já no âmbito deste trabalho que se foca na experiência urbana e contemporânea do nocturno de uma outra perspectiva disciplinar, a dos estudos arquitectónicos e urbanos, estas nomeações categóricas metamorfoseiam-se. Procura-se, portanto intersectar a relação entre o contexto espacial e as suas dinâmicas e presenças sociais. Atendendo-se ao percurso geral pela narrativa da dissertação, e de um modo sintetizador das identidades e movimentos na cidade posteriormente abordadas, define-se aqui-

A experiencia urbana da cidade nocturna enquanto *metáfora*

metamorfose

descoberta

ilusão

anonimato

transgressão

conspiração

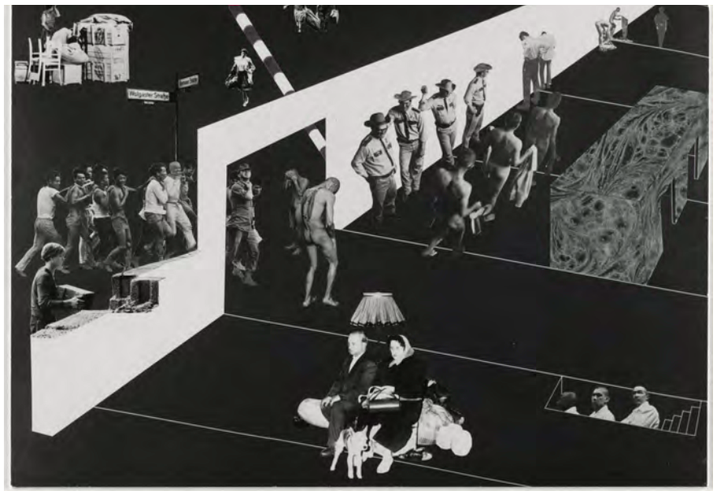
pobreza

trabalho

clandestinidade e marginalidade

mobilidade e comunicação

Neste sentido, este trabalho encara os territórios da noite urbana enquanto um espaço-tempo onde as narrativas da cidade oferecem novos planos de experiência, interacção e ocupação que, por sua vez, carecem de novos instrumentos metodológicos e quadros de interpretação. Num apanhado sintético, talvez seja esta a morfologia da escuridão: a impressão de uma nova percepção da morfologia espacial e social sobre o espaço público da cidade, onde o território se (re)activa e metamorfoseia diariamente com o pôr e o nascer do sol, e, onde a urbanização nos mostra as suas vísceras obscuras, outrora invisíveis.



Exodus, or the Voluntary Prisoners of Architecture: The Reception Area. Rem Koolhaas, Elia Zenghelis, Madelon Vriesendorp, Zoe Zenghelis, 1972.

Frozen Assets: A Cross-Section Throught the City, Diego Rivera, Nova Iorque, 1931.

“ Historicamente, a urbanidade nocturna é intimamente esculpida pelos seus movimentos transgressores e ‘anti-diurnos’.”

1.2 *As nictofobias das geografias urbanas*: A herança nocturna no espaço público da cidade.

A íntima e indubitável relação do desenho, *modus operandis* e *modus vivendis* no espaço urbano com a escuridão da noite é transversal à História da Humanidade, e, por sua vez, da Cidade. Naturalmente, este trabalho não pretende ser um estudo exaustivo e cronológico da relação do espaço público da cidade com a escuridão do tempo nocturno. De outro modo, o presente capítulo procura estabelecer uma perspectiva histórica, sob entendimento crítico, dessa mesma relação, compreendendo-se os *pontos de viragem* decisivos para a construção do paradigma nocturno-urbano da cidade contemporânea.

i. Nictofobias urbanas[1]

Com a noite, um evento natural e naturalmente cíclico, os territórios nocturnos da urbanidade são, e sempre foram, um espaço socialmente construído e mediado[2]. Por esta razão, e para Robert Williams, o conceito de espaço nocturno pode ser entendido e utilizado como instrumento de leitura e interpretação das relações sociais de poder e autoridade[3], nomeadamente no mundo ocidental. Williams acredita que a análise e problematização dos ambientes sociais e nocturnos são, hoje-em-dia, uma vertente essencial de qualquer aproximação à urbanidade[4], devendo-se muito ao contributo pioneiro de Brian D. Palmer em *Cultures of Darkness: Night travels in the history of transgression*. Na sua obra, Palmer defende que a urbanidade nocturna é intimamente esculpida pelos movimentos transgressores da sua determinada época:

“A noite pode ser entendida historicamente tanto como um fragmento dos medos imaginados do poder, uma designação escura que ilumina os traumas históricos de regimes hegemónicos, como um sítio e espaço concretos em que se deram as contestações ubíquas do quotidiano[...]”[5]

[1] Em referência à obra de Tim Edensor, onde se refere ao contexto da cidade europeia e medieval com o termo “nyctophobic geographies” EDENSER, Tim - The gloomy city: Rethinking the relationship between light and dark, pág. 423.

[2] Williams defende que a escuridão urbana é sempre socialmente mediada pelas actividades e valores humanos. “[night spaces] do not exist prior to, or apart from, human practices and the attendant social relationships that seek to appropriate, even control, the darkness in its myriad human uses and meanings. [...] However, night spaces are neither uniform nor homogenous. Rather they are constituted by social struggles about what should and should not happen in certain places during the dark of the night.” Williams, Robert - Night Spaces: Darkness, Deterritorialization, and Social Control, pág. 514.

[3] “Night space as a concept is an attempt to interrogate the societal dimensions of space. When doing so, we often find that space in quite variegated. Concepts of space proliferate because the physical landscape is only one of the ways that social life is constituted. Indeed, different types of spaces—like night spaces—are themselves produced by and through the expression of social relationships of power and authority in the first instance.” Idem, pág. 515.

[4] Ibidem.

[5] “The night can be grasped historically as both a figment of power’s imaginative fears, a dark designation illuminating the historical traumas of hegemonic regimes, and as an actual place and space in which the ubiquitous contestations of everyday life were fought out on a terrain that afforded slightly more opportunity for engagement by the oppressed and the exploited.” PALMER, Brian - Cultures of Darkness: Night Travels in the Histories of Transgression, pág. 454. (Também cit. por Williams, Robert - Night Spaces: Darkness, Deterritorialization, and Social Control, pág. 514).

Também a partir da perspectiva de Palmer, Tim Edensor defende que é necessário encarar a leitura do espaço nocturno como uma questão mutável que acompanha e espelha o quadro ideológico e o contexto socioeconómico da sua determinada realidade. Para o autor, a cidade medieval comporta "geografias nictófobas"[6] onde "a escuridão inscreve um importante papel simbólico enquanto metáfora para o plano religioso"[7]: as ruas estreitas, íngremes, escuras e vazias metamorfoseavam-se no território do nocturno obscurantismo pagão, do diabolismo, do pecado, da monstruosidade e do comportamento desviante.

Paralelamente Craig Koslofsky que estuda o desenvolvimento do território nocturno no mundo ocidental na sua obra *Evening's Empire: A History of Night in Early Modern Europe*, afirma uma constante associação cristã da escuridão ao espaço da heresia, do pecado e da morte, transversalmente à cidade da Idade-Média e Moderna:

"A escuridão inspirou novas formas de piedade, encapsulando metaforicamente a luta religiosa em direcção à luz e o caminho da miséria terrestre ao pós-vida iluminado, a invisibilidade, inefabilidade e inexpressividade do divino."[8]

Na época moderna, a noite urbana continuava a circunscrever um elevado potencial de perigo[9] - devido à fraca visibilidade, com recurso apenas a técnicas de combustão para a iluminação, qualquer obstáculo físico (árvores caídas, ruínas, desníveis) poderia implicar uma ameaça séria ao transeunte[10]. De todo o modo, o espaço nocturno estava socialmente restringido a vigias ou guardas dentro e fora da muralha (no caso português, o quadrilheiro[11]), indivíduos com propósitos específicos de presença (deslocações, trabalhos pontuais) e a certas personagens de identidade desviante (ladrões, assassinos, piromaníacos, prostitutas)[12].

Para Brian Palmer, o espaço nocturno define-se historicamente exactamente na associação com estas últimas presenças referidas, as *personagens nocturnas* da cidade que percorrem territórios e contextos de transgressão, alienação, "práticas clandestinas, revolucionárias e conspiradoras"[13], que desafiam as normas diurnas da *razão e regulação*, traçando orientações e identidades num plano de libertação da contingência horária laboral e do seu código social, "desejos libidinais, sexualidades transgressoras e práticas místicas"[14].

No caso português, e reservado ao género masculino, a taberna representava um espaço de extrema importância nas redes sociais da cidade - um centro nevrálgico das movimentações nocturnas[15].

De facto, estes contributos sobre o desenvolvimento histórico do espaço nocturno no mundo ocidental apontam para uma mesma génese de compreensão: "a escuridão da noite facilita a oposição a políticas e práticas que procurem a criação de uma sociedade unidimensional"[16]. A luz é essencial à vigilância e à efectividade das condutas formais e informais de interacção e ocupação. É aqui pertinente a análise de Michel Foucault, que analisa e conceptualiza este tipo de dinâmicas humanas face à escuridão. Em *Vigiar e Punir*, o filósofo ensaia um entendimento sobre a evolução histórica da prisão, percorrendo instituições de punição e controlo, e explorando as dimensões e técnicas operativas da biopolítica.

[6] "Nyctophibic geograhies" EDENSER, Tim - The gloomy city: Rethinking the relationship between light and dark, pág. 423.

[7] "darkness plays an important symbolic role as a metaphor of pagan obscurantism – deviancy, monstrosity, diabolism" Idem, pág. 423-234.

[8] "Darkness inspired new forms of piety, metaphorically encapsulating the religious struggle towards the light and the path from earthly gloom to illuminated afterlife, and the invisibility, ineffability and inexpressibility of the divine." Idem, pág. 428.

[9] "fallen trees, thick underbrush, steep hillsides and open trenches" EKIRCH, R. cit. EDENSER, Tim – Idem, pág. 424.

[10] Ibidem.

[11] "Ao que foi possível apurar, a estrutura de segurança civil denominada Quadrilheiros, criada ainda no século XIV, teve várias oscilações ao longo do tempo e fraca adesão voluntária dos habitantes da "quadrilha" (bairro) por razões diversas: fraca remuneração, o perigo que representava e a falta de regalias oferecidas." FINA, Rosa - Portugal nocturno e a ameaça do dia. A ideia de noite na cultura portuguesa (séculos XVIII a XX), pág. 92.

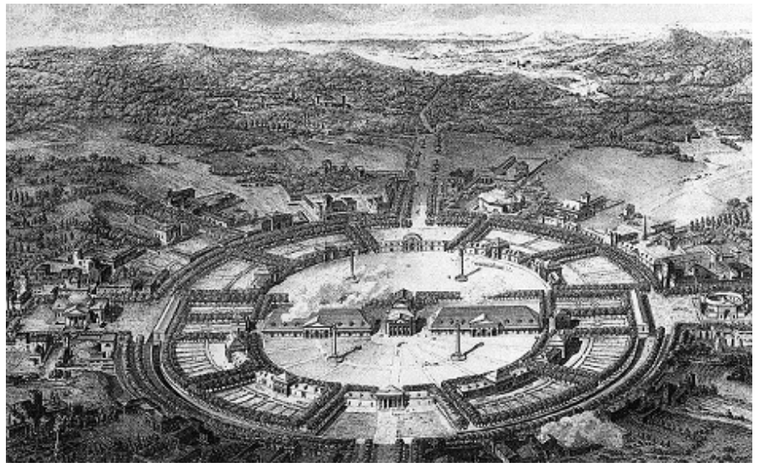
[12] Tendo-se em vista um retracto geral do mundo ocidental. "time for daylight's dispossessed – the deviant, the dissident, the different" EDENSER, Tim - The gloomy city: Rethinking the relationship between light and dark, pág. 429.

[13] PALMER, Brian - Cultures of Darkness: Night Travels in the Histories of Transgression, pág.16-17.

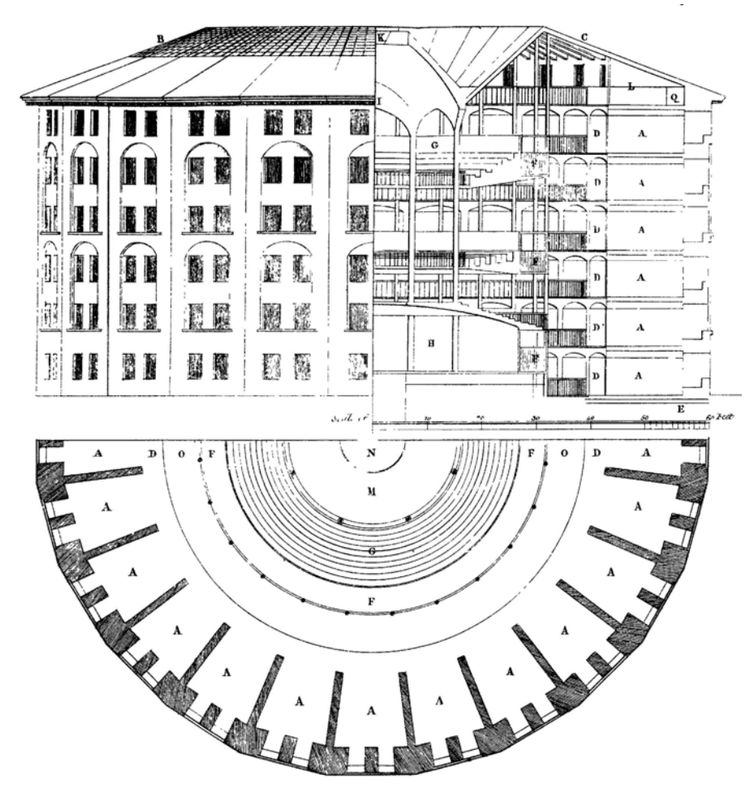
[14] "libidinal desires, transgressive sexualities and mystical practices" PALMER, Brian - Cultures of Darkness: Night Travels in the Histories of Transgression, pág. 454.

[15] FINA, Rosa - E agora a noite: A transformação da noite lisboeta entre os séculos XVIII e XIX, pág. p2-3.

[16] "The darkness of night facilitates opposition to policies or practices that seek to create a 'one-dimensional' society." Williams, Robert - Night Spaces: Darkness, Deterritorialization, and Social Control, pág. 2.



Salinas de Chaux. Claude-Nicolas Ledoux. 1774.
Michel Foucualt referencia esta obra (pelo seu desenho pan-óptico) já que o Superior se posicionava na estrurura central, em observação de todo o complexo de trabalho - a arquitectura enquanto materialização das relações de poder, de trabalho, do capital; o espaço enquanto instrumento operativo de um determinado código social.



Pan-Óptico, Planta e Corte.
Idealizado por Jeremy Bentham, 1791.

FORMA - FUNÇÃO - CORPO SOCIAL

O código social depende da visibilidade no espaço arquitectónico. O instrumento disciplinar da prisão não permite penumbra.

*

A obra setecentista do Pan-Óptico de Jeremy Bentham, que consiste no desenho de uma estrutura prisional circular onde cada cela conta com dois vãos, um para o exterior, recolhendo luz natural, e outro para o interior, apontando para o recinto central e circular. No ponto central deste recinto, circunscrito pela estrutura perimetral, encontra-se uma torre de vigilância que, a partir da sua implantação estratégica, possui alcance de vigilância para o interior de cada uma das celas. O prisioneiro, que por ter consciência de ser permanente objecto de vigilância e domínio a partir de um único ponto no espaço, pratica também a autovigilância do seu próprio corpo - a construção de uma presente noção de domínio resulta no verdadeiro objectivo, a capitulação voluntária ao espectro da disciplina[17]. "Se a internalização (ou interiorização) dos códigos sociais não está completa, então a vigia e as estratégias e tecnologias panópticas podem assistir."[18]

A estrutura pan-óptica conceptualiza e radicaliza através do engenho arquitectónico o fenómeno da vigilância do corpo no espaço, confinando-o e automatizando-o: um corpo submisso, um *corpo dócil* [19].

Para Foucault, "a visibilidade é uma armadilha"[20], já que na escuridão os corpos e os movimentos se resguardam do olhar que vigia. A obra do Pan-Óptico levanta a questão da vigilância total e ininterrupta através da visibilidade constante. Visibilidade esta possibilitada pelo engenho arquitectónico e pela iluminação permanente. Em escuridão, a amplitude da vigilância seria mitigada e os prisioneiros dar-se-iam a outras possibilidades de comunicação.

"Quem está submetido a um campo de visibilidade, e disso tem consciência, assume as coerções do poder, fá-las agirem espontaneamente sobre si próprio; inscreve em si a relação de poder na qual ele desempenha simultaneamente os dois papéis; torna-se o princípio da sua própria sujeição."[21]

É claro o paralelismo possível entre a estrutura pan-óptica de Bentham, das questões de expressão e vigilância que ensaia, e a dualidade entre o espaço urbano *entre-tempos*, diurno e noturno. A condição nocturna do espaço, que floresce na escuridão, depende do *desarmamento* da armadilha da visibilidade. A ausência de luz convida à possibilidade, ao desviante, o dissidente, o desobediente, o inútil, o

[17] "A institucionalização da disciplina não se prende a acções de opressão, mas a um estudo de como a sociedade se organiza, se gere e controla. "O Pan-óptico funciona como uma espécie de laboratório de poder. Graças aos seus mecanismos de observação, ganha em eficácia e em capacidade de penetração no comportamento dos homens; um aumento de saber vem se implantar em todas as frentes do poder, descobrindo objectos que devem ser conhecidos em todas as superfícies onde este se exerça". FOUCAULT, Michel - Disciplinar e Punir: Nascimento da Prisão, pág. 169.

[18] "If the internalization (or interiorization) of social codes is not complete, then surveillance and panopticist strategies and technologies can assist". Williams, Robert - Night Spaces: Darkness, Deterritorialization, and Social Control, pág. 5.

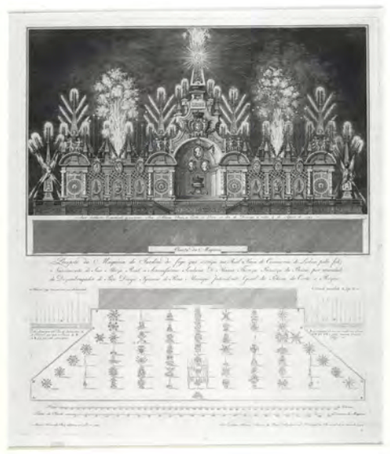
[19] "O filósofo apresenta a concepção do indivíduo social, o corpo dócil, caracterizado como objeto de domínio por parte de uma força disciplinar que opera a todas as dimensões. "Esses métodos que permitem o controlo minucioso das operações do corpo, que asseguram a submissão constante das sua forças e que lhes impõem uma relação de docilidade, podem ser designados por disciplinas. Desde há muito que existem numerosos processos disciplinares – nos conventos, nos exércitos e também nas oficinas. No entanto, nos séculos XVII e XVIII, as disciplinas tornaram-se fórmulas gerais de domínio." FOUCAULT, Michel - Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão, pág.159.

[20] "FOUCAULT, Michel -
Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão, pág. 230.

[21] Idem, pág. 33.

Avenue de l'observatoire. Brassai, c. 1937.
A iluminação artificial enquanto elemento definitivo de transição na experiência nocturna das paisagens da urbanidade. A penumbra rende-se às bandas de luz em contorno bucólico, numa manta de retalhos de diferentes perfis iluminativos.

Fifth Day: Fireworks on the Grand Canal of Versailles. Jean Lepautre, 1676.



Projecto da Maquina do Jardim do fogo que se erigio na Real Paraça do Commercio de Lisboa, pello feliz Nascimento de Sua Alteza Real a Serenissima Senhora D. Maria Thereza Princesa da Beira, por mandado do Desembargador do Paço Diogo Ignacio de Pina Manique Intendente Geral da Policia da Corte e Reyno.
José Caytano Rivara, 1793.

abjecto, o desejo[22]. Um panóptico submetido à absoluta ausência de luz perderia as suas qualidades arquitectónicas de exímia vigilância periférica em desenho axial[23].

A Noite, espaço de oportunidade que a armadilha não vê.[24]

ii. "Nocturnalização": domesticar a luz

Para Walter Benjamin, "a arquitectura é porosa como a pedra"[25].

Benjamin refere-se à pedra porosa de Nápoles, que se deixa moldar pelos movimentos naturais dos corpos pelo tempo. O espaço público é poroso, maleável e o movimento é parte integrante da sua essência. Assim, a luz, ou o perfil iluminativo, é uma valiosa faceta desta maleabilidade: o espectro da luz metamorfoseia a fisicalidade, materialidade e morfologia do espaço publico e a possibilidade de o *habitar.*

A passagem da Idade Moderna para a Contemporânea entende a visão como o sentido privilegiado, sendo a noite "o último reduto"[26] de conquista.

O processo da domesticação humana da luz, ou o que Craig Koslofsky chama de "nocturnalização"[27] (a expansão da actividade económica e social para a noite, a colonização do escuro urbano estraves da iluminação artificial), inicia-se no século XVII e XVIII quando os monarcas europeus adoptam tecnologias que ensaiavam "uma nova vontade de manipular profundamente a escuridão e a noite"[28]. Estes tipos de eventos têm início com os espectáculos de fogo de artificio e eventos de luz, em momentos nobres e ostentativos, como é o caso das cortes do rei-sol francês, Luís XIV, confrontando o poder religioso[29].

No final do século XVII e durante o XVIII (nomeadamente a partir de 1795[30], a iluminação artificial da rua ia-se tornando um fenómeno consistentemente em expansão em Amsterdão, Paris, Turim, Londres e Hamburgo[31], enquanto a escuridão se "lentamente transformava de presença primordial para um aspecto mais manejável da vida"[32]. Dá-se nota da vontade de se criar luz artificial cada vez mais brilhante, começando-se com lamparinas de azeite e luz a gás[33]. Em Vienna de 1882, "'Qualquer pessoa que passasse por uma das ruas iluminadas a gás e entrasse [na Stephansplatz e na rua Graben], sentia-se como se deslocasse inexperadamente de uma

[22] "Because of its transgressive meanings and societally harmful uses, darkness threatens to deterritorialize the rationalizing order of society. Darkness serves to deterritorialize society when it obscures, obstructs, or otherwise hinders the deployment of the strategies, techniques, and technologies that enforce the rationalizing order of society, thereby allowing potentially transgressive behaviors to occur under a veil of anonymity." WILLIAMS, Robert - Night Spaces: Darkness, Deterritorialization, and Social Control, pág. 5.

[23] Ibidem.

[24] Naturalmente, a dimensão do comportamento desviante ou transgressor no espaço público não se restringe ao tempo nocturno. No entanto, e como refere Robert Williams no seu artigo, a escuridão no espaço público cria o espaço para a oportunidade . Ibidem.

[25] "A arquitectura é porosa como a pedra. A construção e as actividades interpenetram-se em pátios, arcadas e escadas". BENJAMIN, Walter cit. por STAVRIDES, Stavros – Espaço Comum: A Cidade como Obra Colectiva, pág. 126.

[26] FINA, Rosa - E agora a noite: A transformação da noite lisboeta entre os séculos XVIII e XIX, pág. 1-2.

[27] Passim. KOSLOFSKY, Craig - Evening's Empire: A History of the Night in Early Modern Europe.

[28] Idem, pág. 425.

[29] Ibidem.

[30] FINA, Rosa - E agora a noite: A transformação da noite lisboeta entre os séculos XVIII e XIX, pág. 2-3.

[31] Idem, pág. 3.

[32] "slowly transformed from primordial presence to a more manageable aspect of life" KOSLOFSKY, Craig - Evening's Empire: A History of the Night in Early Modern Europe, pág. 278.

[33] "Similarly, in his historical account of the technological development of lighting, Wolfgang Schivelbusch (1988) describes how the attitude to the use of light and illumination shifted during the late 18th century and throughout the 19th century. In the earlier part of this history, there was a great deal of excitement about the development of increasingly brighter light sources in interior lighting as well as in street lighting and industrial lighting." BILLE, Mikkele; SØRENSEN; Tim Flohr - An anthropology of Luminosity: The Agency of Light, pág. 6.

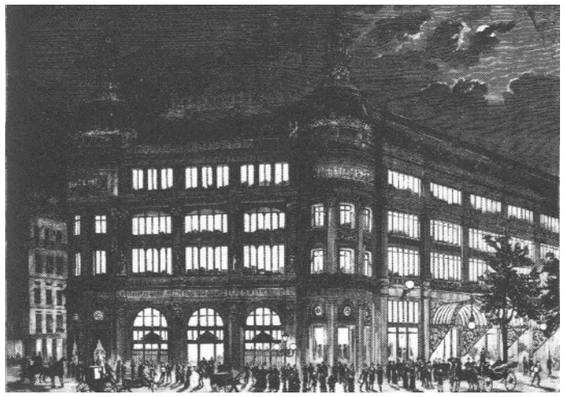


Ilustração de avenida parisiense. Iluminação artificial na sua relação com o espaço público nocturno. In *La Lumière Électrique*. [s/a], 1991.

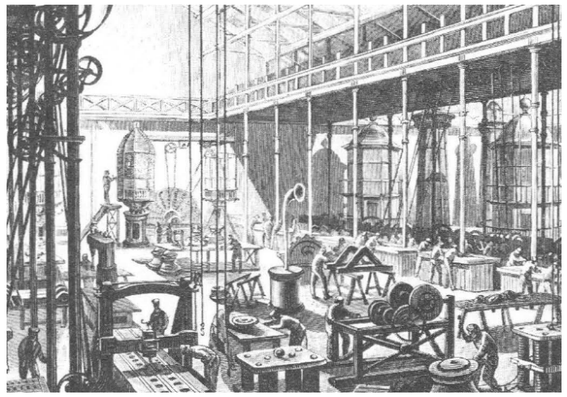


Ilustração de fábrica parisiense iluminada por iluminação elétrica.
In *Eclairage à l'éctricité*. H. Fontaine, 1877.

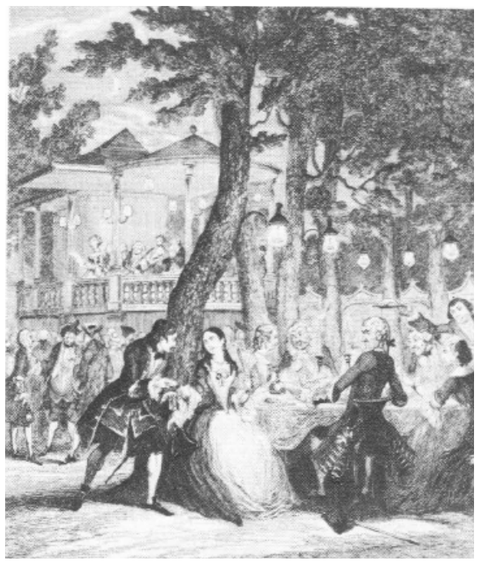


Ilustração de um baile noctuno nos Vauxhall Gardens em Londres no século XIX. A vivência do espaço nocturno em consequencia da domesticação da claridade - o ócio aristocata.
George Cruikshank.

Ilustração de uma cena nocturna em Paris no século XVIII - a Mulher e o perigo do ambiente urbano (em iluminação artificial) In *Les Nuits de Paris*. [s/a], 1788.

passagem em meia-penumbra para um quarto cheio de luz solar"[34]. Também rapidamente se investiu no desenho e colocação do perfil iluminativo, que deveria estar acima do campo de visão para não a ferir[35]. Nesta preocupação com a estética da cidade iluminada, surge uma inédita *poesis* urbanística, entre focos de luz sobre a rude penumbra urbana.

Já no caso português, quando estrangeiros visitavam Lisboa estranhavam que não fosse alumiada de noite, sendo difícil e inseguro cruzar a cidade[36]:

"Durante o reinado de D. João V e muito devido a todas as constrições financeiras causadas pela construção do Convento de Mafra, a sugestão do então seu conselheiro, D. Luís da Cunha, de 'alumiar com lanternas todas as ruas de Lisboa, porque a obscuridade da noute facilita os roubos, as mortes e outros crimes' fica sem efeito. Só em 1780, depois de muita insistência do Intendente Pina Manique, Lisboa é iluminada com parca profusão por lamparinas de azeite e, ainda assim, não de maneira definitiva."[37]

No contexto portuense, apenas no século seguinte se deram os primeiros ensaios e investidas no processo. Em 1824, no Porto, iniciar-se-ia o processo de iluminação a gás[38]. Só em finais do século surge a iluminação eléctrica com a Companhia de Luz Eléctrica (fundada a 2 de maio de 1887[39]).

*

O processo de iluminação pública foi efectivamente uma revolução de desenvolvimento tecnológico, mas também uma rápida mudança cultural e social a escala mundial. Na obra *O Elogio da Sombra*, o autor Junichiro Tanizaki dá conta da introdução da electricidade no paradigma japonês, sucedendo-se um brusco e violento processo de ocidentalização da ambiência da arquitectura japonesa e da sua vital relação com a penumbra. Para o autor, acontece uma mudança do gosto pela sombra e a sua sedução, com a iluminação artificial e intensa. De facto, também a morfologia do espaço público europeu sofreu esta mudança, a era contemporânea inscreveu o que talvez possa ser denominado como o maior ponto de viragem na história da relação entre a cidade e a escuridão nocturna a introdução da luz artificial na via pública, entendida como uma mudança de paradigma total com grandes consequências sociais. [40]

[34] "These luminous improvements – in terms of the quantity of light – was introduced especially by the advent of gas light and reached an apex with electric lighting, which transformed light on the streets markedly, illustrated by a passage in Illustrierte Zeitung in 1882: 'Anyone who came out of one of the gas-lit side streets and entered [Stephansplatz and the Graben in Vienna] felt as though he were stepping unexpectedly out of a half-dark passage into a room filled with daylight" Ibidem.

[35] Ibidem.

[36] FINA, Rosa - E agora a noite: A transformação da noite lisboeta entre os séculos XVIII e XIX, pág. 3.

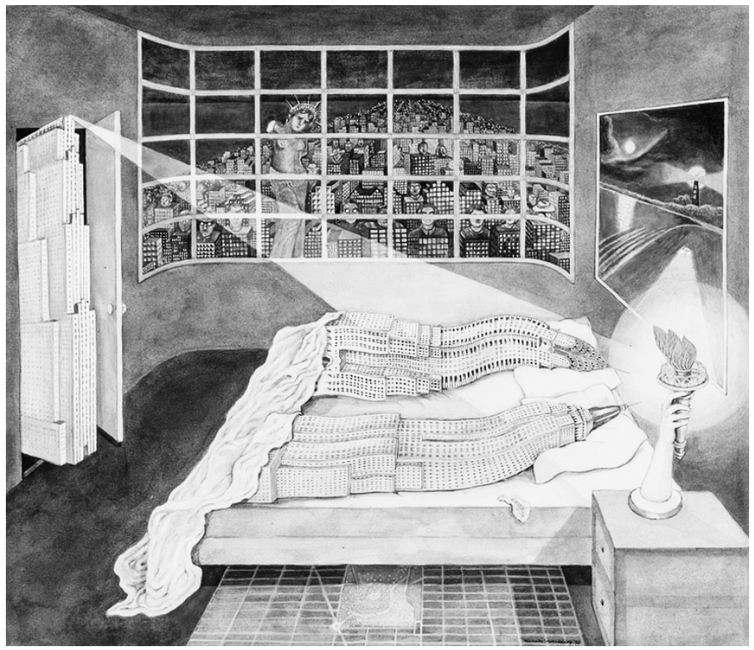
[37] Ibidem.

[38] SOUSA, Francisco - Subsídios para a História da Electrificação Portuguesa, pág. 141.

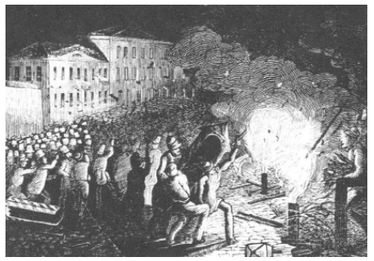
[39] Idem, pág. 145.

O espaço público, o espaço privado e o espaço íntimo da cidade nocturna, em sobreposição.
A rede pública de iluminação democratiza o espaço urbano, diversifica e complexifica-o.

[s/n], Arthur "Weegee" Fellig, (antes de 1968).



Flagrant délit. Madelon Vriesendorp, 1975.



Multidão em acções de vandalismo à rede pública de iluminação a gás. [s/a], Viena, 1849.

[41] FINA, Rosa - Pessimismo e as distopias do séc. XX: a noite como refúgio?, pág. 1.

[42] "Regarding the social unrest in Paris in 1830, Schivelbusch wrote of the creation in effect of what could be called the night spaces of resistance: "Lantern smashing erected a wall of darkness, so to speak, protecting an area from incursion by government forces" Williams, Robert - Night Spaces: Darkness, Deterritorialization, and Social Control, pág. 6.

[43] FINA, Rosa - E agora a noite: A transformação da noite lisboeta entre os séculos XVIII e XIX, pág. 2.

Em reacção à *nocturnalização*, ou "a invasão da noite pelo mundo quotidiano e diurno ao longo do tempo, iluminando-a, legislando-a, sectorizando-a"[41], em algumas cidades europeias, especialmente em Paris e Viena e durante o final do século XVIII e XIX, emergiram movimentos que vandalizavam e destruíam a rede pública de iluminação[42]. Estes grupos tinham em vista um acto consciente de insurreição contra o que era entendido como o avanço da autoridade e do poder para os territórios nocturnos.

Historicamente, é esta a acção dupla da expansão da rede de iluminação pública, pois, se por um lado (1) a escuridão e *obscuridão* paradigmática dos territórios da noite da cidade foram tomados e invertidos pelo olhar da autoridade, transbordando-se códigos diurnos para o tempo nocturno, por outro, (2) compreende-se que o espaço público passou a substituir-se ao privado naquilo que era a iluminação, democratizando-se o acesso a esta, e, por sua vez, à cidade na sua plenitude, inclusive o seu espaço nocturno. Ao mesmo tempo, surge uma nova mitologia do medo, ou das nictofobias urbanas. Desta vez, entre uma rua bem ou mal iluminada[43].

*

"Até há umas décadas atrás, a escuridão na cidade capitalista tinha sido um sinónimo de pecado e crime. Desde a Pré-História até à revolução do lazer dos anos sessenta, a história da noite urbana nas cidades Europeias pode ser lida como uma compilação de episódios de um policiar repressivo da sordidez, miséria, prostituição, desviância moral... e conspirações do proletariado."[44]

[44] "Until a few decades ago, darkness in the capitalist city has been seen as synonymous of sin, immorality, and crime. Since the early age until the leisure revolution of the 1960s, the history of the urban ngiht in European cities can be read as a compilation of episodes of repressive policing agaisnt sordidness, misery, prostitution, moral deviance,.. and proletarian conspiracies." MARTINS, João Carlos; NOFRE, Jordi - The disneyfication of the neoliberal urban night, pág. 115.

[45] É o caso, por exemplo, da União Soviética, aquando a liderança de Lenin. "For Lenin, the equation between electricity, the Soviet Union and socialism in the GOELRO plan was a symbol of power and modernity. It was materialized in the light-bulb, also referred to as Ilyich's lamp, i.e. Lenin's lamp. The light-bulb became an icon of technological development and progress by the electrification of the Soviet Union." Williams, Robert - Night Spaces: Darkness, Deterritorialization, and Social Control, pág. 7.

O uso da iluminação eléctrica da via e do espaço públicos avança para o século XX em *crescendo* enquanto elemento e presença simbólica de *estatuto*, modernidade, poder político e financeiro e capacidade de desenvolvimento tecnológico[45]. É vital compreender como a relação entre espaço-público e rede de iluminação artificial e pública integra um constante diálogo entre estes paradigmas.

É também pertinente abordar a forma como a *domesticação* da luz mudou a vivência da noite durante a primeira metade do século XX. Trata-se portanto de uma possível associação da cidade industrial e pós-industrial com uma paradigmática revolução do contexto do ócio nocturno (e com o surgimento das cidades activas 24h por dia),

[Trabalhadores em processo de alcatroamento das estradas].
Brassai, 1934.

intimamente relacionada com o alargamento e intensificação da rede de iluminação pública pelo mundo ocidental.

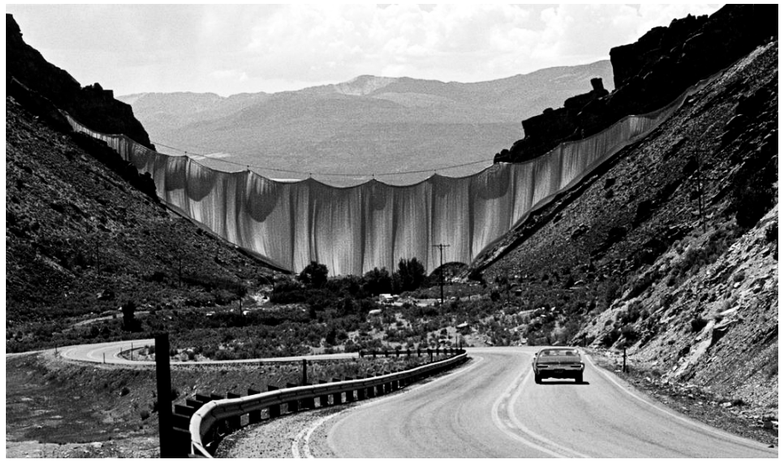
Na aproximação à cidade ocidental da primeira metade do século XX, é vital abordar tanto o trabalho de Brassai, como o do fotógrafo Arthur Fellig, ou Weegee. Brassai fotografou as noites parisienses, captando outras dinâmicas para além das socialmente não aceites, como a prostituição e assentamentos da população na condição de sem-abrigo[46]: a noite do trabalhador, do abastecimento de mercados e estruturas comerciais à recolha dos lixos e esgotos domésticos. Já Weegee, captou a noite nova-iorquina nos seus momentos mais caricatos entre crimes nocturnos a pequenas manifestações de intimidade no espaço público, traçando o retracto de uma "Big Apple" absolutamente noctívaga.

[46] ALVES, Teresa – Geografias da Noite, pág. 50.

Para Rosa Fina, a noite contemporânea nasce exactamente desta herança que inscreve tanto a consequente intensificação de lógicas capitalistas através do crescimento do acesso ao território nocturno, como uma consequente complexificação e incompreensão dos territórios e movimentos, onde surgem também inéditas vontades e expressões submersas no anonimato nocturno:

"Lidamos, portanto, com uma espécie de paradoxo da liberdade"[47].

[47] Ibidem.



Valley Curtain. Christo, 1974.

Muralha Fernandina do Porto,
vista de Vila Nova de Gaia. 2018.

1.3 A questão urbana contemporânea: forma(s) e processo(s). *Do local ao global*.

Estudar o paradigma nocturno da cidade pressupõe a formulação *a priori* de um embasamento teórico sobre a urbanidade e a urbanização contemporâneas, que, por sua vez, é informada pela inter-relação entre condição urbana e condição humana.

Na obra *A Questão Urbana*, Manuel Castells, cuja carreira inscreveu pioneiras contribuições para a área disciplinar dos estudos urbanos, lança a questão: "existem unidades urbanas específicas?"[1]. Ou seja, *qual a forma da unidade urbana*?

No contexto desta dissertação, a questão carece de ser reformulada:

Qual a forma da unidade urbana na relação com a forma da sua noite?

Qual a forma do projecto da noite urbana?

[1] CASTELLS, Manuel – The Urban Question, pág. 101. Também no artigo de Neil Brenner, Theses on Urbanization, este é o ponto de partida usado pelo urbanista para se iniciar uma reflexão sobre a urbanidade e a urbanização contemporâneas, como será abordado mais à frente (BRENNER, Neil – Theses on Urbanization, pág. 104.).

i. Transparência

A ideia de limite, de fronteira, encontra-se actualmente num plano de profunda crise.

Segundo Bying-Chul Han, "a analítica do poder de Foucault já não é capaz de descrever as mudanças psíquicas e topológicas"[2] da sociedade do século XXI. Han entende que a sociedade disciplinar da biopolítica foucaultiana[3] é uma questão obsoleta. Para o filósofo, a actual sociedade inscreve-se numa nova lógica de organização, onde o poder institucional não se materializa no instrumento arquitectónico e urbanístico, mas numa inédita rede de fluxos e influências geralmente associadas a dinâmicas de produção. O indivíduo social já não se encontra sob o domínio de forças ou movimentos concretos e externos que o explore ou coaja a trabalhar, ao invés exercendo-se colectivamente uma "liberdade coerciva [...] em prol da maximização da produtividade"[4].

[2] HAN, Byung-Chul – A Sociedade do Cansaço, pág. 19.

[3] Relativa às contribuições de Michel Foucault, tanto em História da Sexualidade como em Vigiar e Punir. A biopolítica refere-se à normativa institucional do poder sobre o corpo social e individual.

[4] Han traça o perfil da condição contemporânea através da ideia de corpo produtivo, objecto inserido numa equação e operação global onde o valor é atribuído à maximização, automatização e auto-responsabilização da sua capacidade de produção. Uma sociedade de produção onde "os seus habitantes já não são, por sua vez, 'sujeitos de obediência', mas, sim, sujeitos de produção" Idem, pág. 23.

Para o autor, a obra disciplinar e panóptica de Bentham que Foucault nos apresentou virtualizou-se, encontrando-se agora num plano sistémico de presença. Hoje, dá-se uma contínua transição para uma rede de poderes "abertos, transparentes, móveis", *líquidos*, sem fronteiras, onde o agente individual está na verdade dependente de fluxos financeiros, de dinâmicas internacionais de expansão e comunicação, de sociedades anónimas e de decisões de multinacionais, ou o que Solà-Morales definiria como "um modo mais subtil de dominação"[6], ao referir-se à violência neocolonial dos movimentos globais contemporâneos. Esta abordagem é também convergente com a noção de "modernidade líquida" e de supervalorização do indivíduo que Zygmunt Bauman indica: a era contemporânea introduz constantes e inescapáveis comunicações de fenómenos colectivos[7].

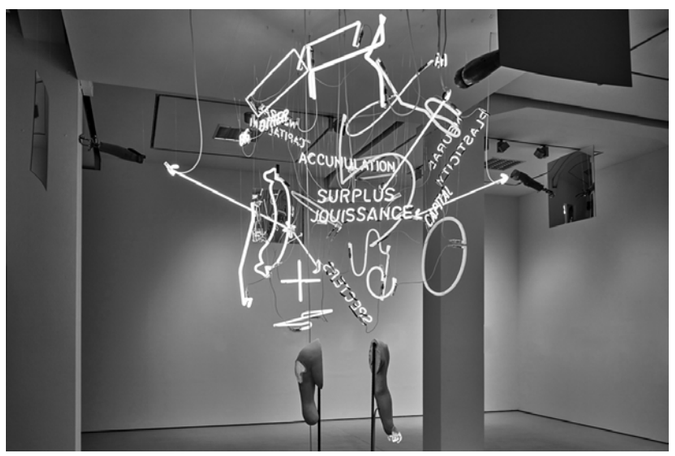
O contorno mais sagaz do retrato de Byung Chul-Han desta rede de poderes e influências globais é a definição da *transparência* enquanto o traço estrutural da condição humana contemporânea, de todos os planos que encaram os modos de vida e de formulação e ocupação de espaço e de território[8]. Ao contrário da normativa disciplinar e dos seus meios arquitectónicos e técnicas de organização e vigilância, esta não tem fisionomia concreta, sendo ao invés um processo sistémico de operacionalização, rentabilização,

[5] "As coisas tornam-se transparentes quando abandonam toda a negatividade, quando se alisam e aplanam, quando se inserem sem resistência na corrente lisa do capital, da comunicação e da informação. As ações tornam-se transparentes quando se tornam operacionais, submetendo-se aos processos do cálculo, da direção e do controlo. O tempo torna-se transparente ao nivelar-se como a sucessão de um presente disponível. E também o futuro se positiviza como presente otimizado. O tempo transparente é um tempo destituído de todo o destino e de todo o acontecimento." HAN, Byung-Chul – A Sociedade da Transparência. Lisboa: Relógio D'Água Editores, Setembro de 2014, pág.11 e 12.
"A pressão da aceleração acompanha a desarticulação da negatividade. A comunicação atinge a sua velocidade máxima onde o igual responde ao igual, quando tem lugar uma reação em cadeia do igual. A negatividade do outro e do estranho, ou a resistência do outro, perturba e atrasa a comunicação lisa do igual. A transparência estabiliza e acelera o sistema através da eliminação do outro ou do estranho. Esta coação sistémica torna a sociedade da transparência uma sociedade uniformizada. Eis no que consiste o seu traço totalitário: 'Uma nova palavra para a uniformização: transparência.'" Idem, pág. 12.

[6] SOLÀ-MORALES, Ignasi - Los Artículos de Any, pág. 54.

[7] "A corrosão e a dissolução dos laços comunitários transformaram-nos, sem pedir a nossa aprovação, em indivíduos de jure (de direito); mas circunstâncias opressivas e persistentes dificultam que alcancemos o status implícito de indivíduos de facto (de fato). Se, entre as condições da modernidade sólida, a desventura mais temida era a incapacidade de se conformar, agora – depois da reviravolta da modernidade "líquida" – o espectro mais assustador é o da inadequação." BAUMAN, Zygmunt – Confiança e Medo na Cidade, pág. 11. Também Marc Augé refere na sua obra a mudança de paradigma ao longo do século XX. O autor retracta a ideia de sobremodernidade - uma superabundância de fenómenos no espaço-tempo da urbanidade, onde parece que MARC, Augé - Não-Lugares: Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade, pág. 93.

[8] HAN, Byung-Chul – A Sociedade da Transparência, pág. 11.



Specters of the Acephalous. Warren Neidich, 2020.

automatização, aceleração e globalização de todos os movimentos e dinâmicas que integra[9]. Este paradigma associado com as novas vertentes tecnológicas e digitais, está em evolução constante .

"A sociedade da transparência é inimiga do prazer. [...] A coação da transparência elimina espaços de jogo do prazer. A evidência não admite sedução, mas somente um procedimento."[11]

Também o *ciberespaço* introduziu um novo espaço público digital de profunda reconstrução das dimensões pessoais e inter-pessoais da era actual. O novo indivíduo social tem acesso directo aos contornos e registos de todos os grandes acontecimentos que decorrem em todo o planeta.

A obra de Warren Neidich, objectiva intersectar, problematizar e cristalizar no espaço esta mesma dimensão *líquida, transparente* ou *sobremoderna,* da condição humana contemporânea. Em *Espectros do Acéfalo*, instalação de néones em estrutura de móbil sobre uma peça de manequim, sugestiva de um corpo desfragmentado, o artista ensaia no espaço a captura desta rede global e dos inéditos desafios que inscreve[12].

Neidich consegue cristalizar no seu processo criativo e nas suas acções artísticas a constelação de relações entre os contributos sobre a contemporaneidade aqui abordados. Nas suas instalações, o espaço torna-se um instrumento meta-analítico e discursivo de relações paradigmáticas, essencial ao arquitecto para a compreensão da formação e organização de espaço e de vida.

[9] Idem, pág. 12.

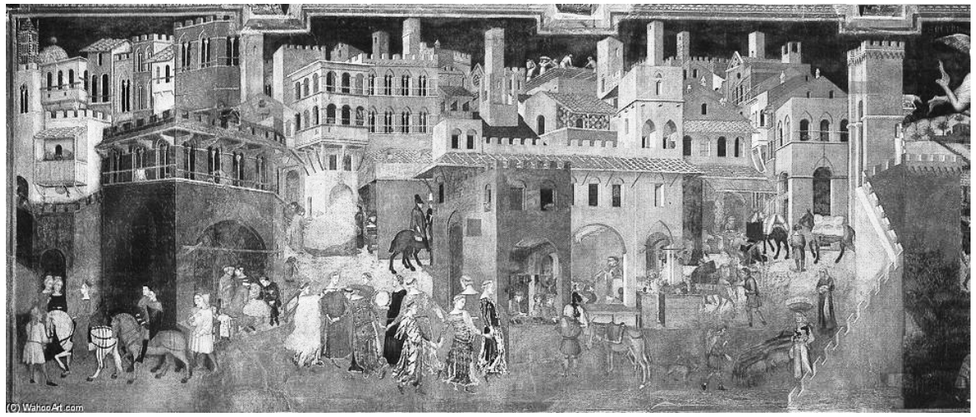
[10] Paul B. Preciado também reflete sobre uma clara mudança de paradigma que atravessamos, onde já não é a forma arquitetónica ou urbana o meio predileto de domínio. Isto, já que com a revolução tecnológica e digital os aparelhos de comunicação e organização são agora menores que a escala humana, sendo eles a conduzir os processos de formação e organização na macro-escala (forma urbana). "Well before the appearance of Covid-19, a process of global mutation was already underway—we were undergoing social and political changes as profound as those that transpired in early modernity. We are still in the throes of the transition from a written to a cyber-oral society, from an industrial to an immaterial economy, from a form of disciplinary and architectural control to forms of microprosthetic and media-cybernetic control. In other writings, I've used the term pharmacopornographic for this type of management and production of the body as well as to describe the political technologies that produce sexual subjectivity within this new configuration of power and knowledge. We are no longer regulated solely by their passage through disciplinary institutions (school, factory, barracks, hospital, etc.) but by a set of biomolecular technologies that enter into the body by way of microprostheses and technologies of digital surveillance subtler and more insidious than anything Gilles Deleuze envisioned in his famous prognostications about the society of control." https://www.artforum.com/print/202005/paul-b-preciado-82823

[11] HAN, Buyng-Chul -Idem, pág 29. Note-se, também que "O poder não é diabólico em si mesmo. É, em muitos casos, produtivo e gerador. Gera um espaço de liberdade e jogo para a configuraçao politica da sociedade." Idem, pág. 32.

[12] O artista considera a sua obra como uma forma de "activismo cognitivo", onde se evidenciam dinâmicas a que chama de pós-digitais, e, que ameaçam corpos sociais democráticos. "We should understand the society of control, in contrast, as that society (which develops at the far edge of modernity and opens toward the postmodern) in which mechanisms of command become ever more 'democratic', ever more imanente to the social field, distributed throughout the brains and bodies of the citizens. The behavious of social integration and exclusion proper to rule are thus increasingly interiorized within the subjects themselves. Power is now exercised through machines that directly organize the brains (in communication systems, information networks, etc) and bodies (in welfare systems, monitored activities, etc.) toward a state of autonomous alienation from the sense of life and the desire for creativity." HARDT, Michael; NEGRI, Antonio cit. por NEIDICH, Warren - Glossary of Cognitive activism (for a not so distant future), pág.8.

É pertinente cruzar esta consideração com a proposta teórica de Georges Teyssot sobre os *corpos mutantes da arquitectura,* onde o autor disserta sobre a relação entre o corpo indivudal e o espaço tecnológico da época contemporânea - um paradigma que complexifica e multiplica os palcos de interacção e de relação (onde existe uma carência de novos eixos de compreensão e interpretação). TEYSSOT, George - The Mutant Bodies of Architecture In DILLER, Elizabeth; SCOFIDIO, Ricardo - FLESH: Architectural Probes.

Praça da Liberdade e Rua dos Clérigos. 2018.



Efeitos do Bom Governo sobre a vida da cidade (um dos paineis do conjunto de).
Ambrogio Lorenzetti. Palazzo Pubblico; Siena, Itália. 1338.

Rede planetária de iluminação artificial. NASA.

[13] "La historia europea de las ciudades hasta la época barroca mostrará una ciudad que, sin embargo, se parece de algún modo a aquella que aparece descrita en el fresco Alegoría del buen gobierno del palacio de Siena, obra de Ambrogio Lorenzetti: una ciudad donde el elemento de comunión y de comunicación está presente más allá del "aura" mítico con la que se representa (seguramente en aquella ciudad había conflictos debidos generalmente a la cercanía como factor de enemistad). Esa ciudad fue destruida por el ímpetu conjunto de industria y mercado, y de este modo aparece la metrópoli, la Grossstadt, dominada por las dos "figuras" clave, los dos 'cuerpos' que la regulan: *la industria y el mercado*." Massimo Cacciari, La Ciudad, pág. 29.

[14] A analogia e confronto entre quadros epistemológicos do campo disciplinar dos estudos urbanos estabelecida nesta dissertação através do quadro de Lorenzetti provém das matérias e trabalhos da unidade curricular de Teoria 4 leccionada pelo Professor Álvaro Domingues.
Recorreu-se também a outras fontes (como https://www.nga.gov/collection/artist-info.1492.html).

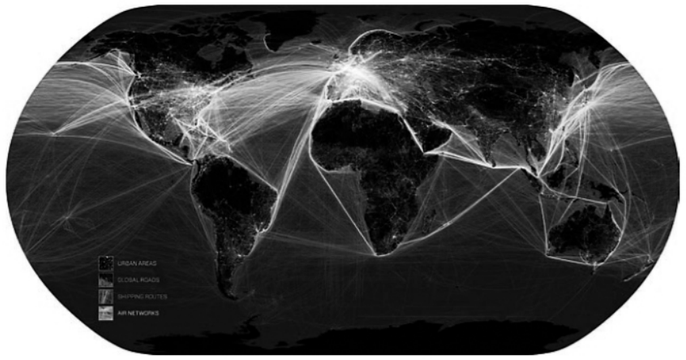
ii. Concentração / Dispersão

É fundamental considerar a forma como tanto a fisionomia da urbanidade como a epistemologia dos estudos urbanos espelham esta linha anterior de entendimento sobre a condição humana e o seu paradigma urbano.

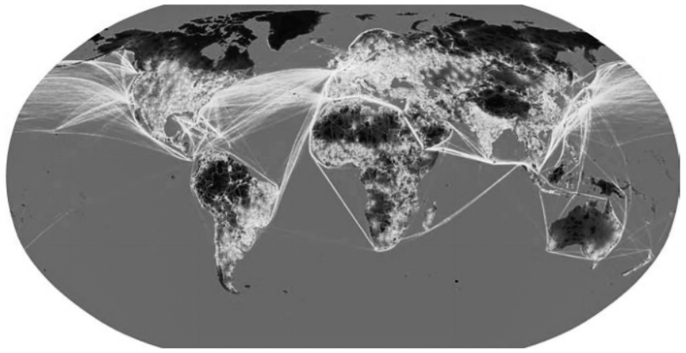
"A história europeia das cidades até ao período barroco mostra uma cidade que, ao invés, e de certa maneira, se assemelha à do palácio de Siena, descrito no fresco de Ambrogio Lorenzetti da Alegoria do bom governo: é uma cidade em que está presente o elemento de comunhão e de comunicação; existe também o elemento mítico (certamente nessa cidade havia conflitos, causados na sua maioria pela proximidade como factor de inimizade), mas a sua forma prevalecente é a da partilha comunitária dos espaços. Essa cidade é destruída pelo ímpeto simultâneo da indústria e do mercado e, assim, surge a metrópole, a Großstadt, dominada pelas duas "figuras" chave, os dois corpos que a regulam: *a indústria e o mercado*."[13]

Em *Efeitos do Bom Governo sobre a vida da cidade* de 1338, Lorenzetti pinta um retrato de uma cidade medieval que plasma à semelhança da sua Siena. A premissa da narrativa do quadro parte do Conselho da República de Siena que pediria uma peça a ser exposta na Sala do Concelho, enquanto forma de lembrança e advertência aos decisores das suas responsabilidades para com todo o espectro de planos de influência (religiosos, políticos, sociais e económicos) que as suas considerações e resoluções afectariam[14].

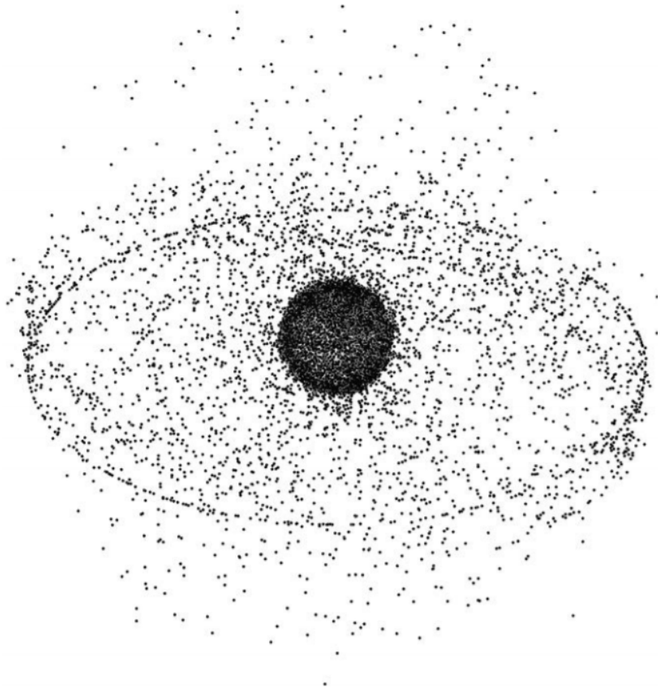
Através de seis cenas, Lorenzetti ensaia uma alegoria visual do *bom* e do *mau* governo da sociedade e do território da sua época. Destaca-se aqui a sua representação da dualidade efectiva entre as paisagens rural e urbana, separadas por um elemento físico de fronteira (a muralha). Fora da muralha, observa-se o espaço não-urbano, onde os territórios acidentados se encontram maioritariamente não urbanizados, exibindo vias singelas e sinuosas de ligação aos campos agrícolas e a estruturas pontuais de habitação ou de apoio às culturas envolventes. Já circunscrito pela muralha encontra-se o espaço urbano, ou a *cidade*, relacionado a uma urbanização consolidada e centralizando um programa diverso de infraestrutura e de arquitectura em contraposição ao que a rodeia, o *rural*. A cidade é aqui entendida como um território estrategicamente posicionado e delimitado, retendo em si todos os pólos máximos da política, economia, cultura e religião, contando com um corpo social vigoroso e diverso - sendo porventura dependente dos recursos provenientes das actividades agrícolas dos territórios envolventes.



Rede global de transporte de mercadorias,
Photo Researchers, 2012.



Rede global de mobilidade humana.
Photo Researchers, 2012.



A urbanidade depende de redes planetárias e
super-planetárias. NASA.

É claro nesta obra que a ideia de *cidade* e a de *campo* provêm de campos distintos de experiência e significado. Lorenzetti pinta a condição da urbanidade e a fisionomia da urbanização como algo manifestamente diferente, senão em absoluto contraste à de ruralidade.

Note-se que Lorenzetti aponta para certos símbolos e noções de fronteira, segmentação, zonamento e outras estruturas de disciplina e poder que darão forma, no séc. XX, aos símbolos fulcrais da normativa disciplinar de Foucault. Consequentemente, contrapor o caso e o entendimento medieval ao contexto contemporâneo é na sua essência evidenciar o quão radicalmente evoluiu a questão urbana, sublinhando-se a necessidade de um profundo questionamento e reavaliar de métodos e conceitos ao observar-se contextos e paisagens actuais. Isto, visto que a urbanidade contemporânea transgride esses símbolos disciplinares à procura da *transparência* - um projecto nevrálgico de sintonização planetária[15] - onde as geografias urbanas não consideram o entendimento divisionista do território, como é o caso na questão urbano/rural [16].

A obra de Neil Brenner é particularmente vibrante e inovadora ao intersectar exactamente estas questões e ao pretender redefinir os modos de conceptualização e teorização do fenómeno urbano. Brenner entende que a ideia de *limite*, ou de fronteira, a par do entendimento de *cidade*, território urbano, e o de *campo*, território rural, tornou-se obsoleta. A sua obra *Theses on Urbanization* encontra o seu valor ao propor e estimular um novo entendimento e *modus operandi* do campo dos estudos urbanos. As suas "reorientações teóricas e culturais"[17] insistem em repensar de forma paradigmática o fenómeno urbano através de uma equação que atenda à supramencionada crise contemporânea do limite.

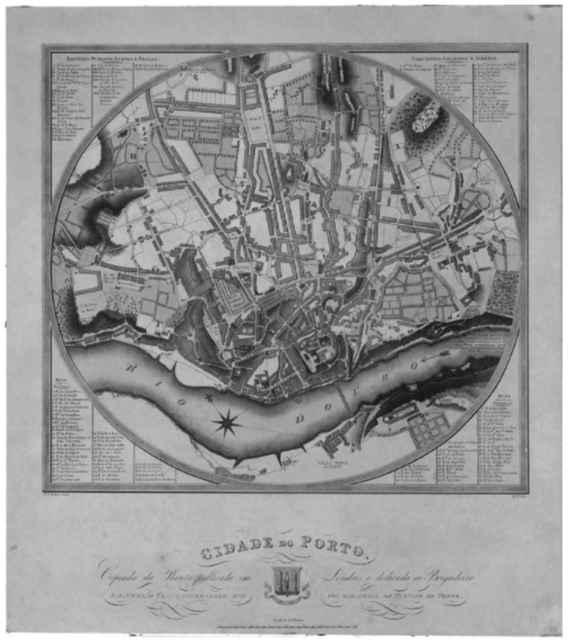
O autor defende que, mais do que nunca, os processos contemporâneos de urbanização arremessam putativas crenças em unidades urbanas isoladas responsáveis pelas suas próprias dinâmicas internas, os seus próprios processos de expansão, seguindo condições locais e exclusivas perfeitamente delimitadas e externas a influências ou sistemas globais, ou seja, inequivocamente autónomas[18]. Segundo Brenner, pensar a urbanização carece de um entendimento do fenómeno urbano não a partir de uma perspectiva formalista e isolada, mas a partir da forma como este participa em todos os territórios, estruturas e comunidades, estando inequivocamente circunscrito em dinâmicas de dimensões globais.

[15] "Um dos elementos centrais da sociedade contemporânea, e das manifestações do seu poder político, consiste em compreender que o poder hoje funciona não tanto através da repressão do desejo, mas por meio do controlo e da organização desse desejo. Nesse sentido, o papel da arquitetura como estrutura orgânica para o exercício do poder também se modificou." CORTÉS, Jose Miguel G - Políticas do Espaço. Arquitectura, Gênero e Controle Social, pág. 118.

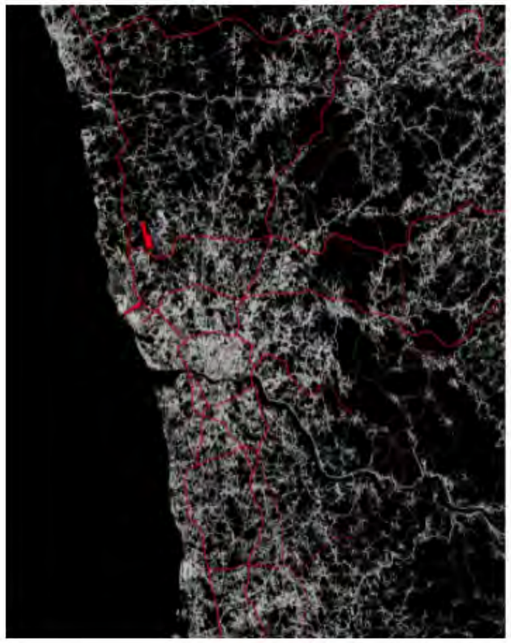
[16] "First, the geographies of urbanization, which have long been understood with reference to the densely concentrated populations and built environments of cities, are assuming new, increasingly large-scale morphologies that perforate, crosscut, and ultimately explode the erstwhile urban/rural divide." BRENNER, Neil – Theses on Urbanization, pág. 92.

[17] " These intellectual and cultural reorientations are synchronous with a number of large-scale spatial transformations, institucional reorientations, and social mobilizations that have intensified the significance and scale of urban conditions." Idem, pág. 86.

[18] "Writing in the late 1930s, Chicago School urban sociologist Louis Wirth, famously delineated the analytical contours of urbanism with reference to a classic triad of sociological properties". By contrast, in the early twenty-first century, the urban appears to have become a quintessential floating signifier: devoid of any clear definitional parameters, morphological coherence, or cartographic fixity, it is used to reference a seemingly boundless range of contemporary socio spatial conditions, processes, transformations, trajectories, and potentials." Idem, pág. 90.



Cidade do Porto. George Balck, 1813.



A urbanização contemporânea do Porto.
CEAU-FAUP.

O autor entende que é imperativo não só considerar-se a definição do contexto particular, das narrativas e dinâmicas específicas de um lugar enquanto um plano sujeito às macrorelações do contexto global, como fundir os dois paradigmas num só, ao invés considerando um sistema inaudito, supremo e viral de organizações socioespaciais.[19]

Relativamente a esta questão, Brenner evoca a importância do *contexto do contexto* [20] no estudo e aproximação a qualquer forma de urbanização, definindo-o como "as mais amplas dimensões geopolíticas e geoeconómicas dos processos de urbanização contemporâneos"[21]. Brenner entende que o *contexto do contexto* não só participa na rede de influência da urbanização como é parte integrante dela.

A longo das nove teses sobre a urbanização, confronta-se e provoca-se o debate relativamente à condição urbana contemporânea, contribuindo para a vaga de estratégias emergentes de compreensão, conceptualização e teorização no campos dos estudos urbanos, orientadas pelo apelo que Lefèbvre lança em *The Urban Revolution* por uma metafilosofia da urbanização que, em vez de olhar o objecto de estudo como parte de um processo estanque e completo, se baseie numa abordagem exploratória para o *traçar de orientações* e o *definir de horizontes*[22]. Seguindo esta linha de entendimento, Brenner insiste na urgência em se desenhar novos mapas cognitivos para a condição urbana que, por sua vez, permitirão novos caminhos de conceptualização e investigação.

O urbanista reconhece que o local e o objecto dos estudos urbanos sempre foram alvo de acentuado debate desde a institucionalização da sociologia urbana, no início do séc. XX, sublinhando a importância da constante reconfiguração teórica da "natureza da questão urbana"[23]. Neste sentido, o autor propõe uma rearticulação teórica que defina o urbano não como um território específico mas como uma abstracção ou representação[24], uma construção teórica que incontornavelmente condiciona o próprio objecto de estudo, as suas propriedades e a sua observação - a urbanidade vista enquanto a construção de um entendimento sobre a rede territorial de unidades de assentamento e comunicação baseada em dinâmicas pendulares do capital, do trabalho, dos recursos humanos, das infraestruturas de produção, transporte e comunicação[25].

Neste sentido, entende-se que a estratégia de conceptualização (que o autor define como a base de toda a investigação urbana, até

[19] "the proliferation of deep confusion regarding the specificity of the urban itself, both as a category of analysis for social theory and research and as a category of practice in politics and everyday life. Especially in their ontologically inflected variants, such approaches reject abstract or macrostructural forms of argumentation in favor of place-baed narratives and thick descriptions, which are claimed to offer a more direct means of accessing the microsocial contours of a rapidly changing urban landscape." Idem, pág. 89 e 90.

[20] "the context of the context" Idem, pag. 92.

[21] "the broader geopolitical and geoeconomic dimensions of contemporary urbanization processes and associated forms of worldwide capitalist restructuring, dispossession, and uneven spatial development" Ibidem.

[22] "Lefebvre's call for a metaphilosophy of urbanization - an exploratory approach that 'provides an orientation,... opens pathways and reveals a horizon' rather than making pronouncements regarding an actualized condition or a completed process." Idem, pág. 95.

[23] "the nature of the urban question" Idem, pág. 97.

[24] "The urban is not a pregiven site, space, or object – its demarcation as a zone of thought, representation, imagination, or action can only occur through a process of theoretical abstraction (...). Such abstractions condition "how we 'carve up2 ou object of study and what properties we take particular objects to have" (...). As such, they have a massively structuring impact in concrete investigations of all aspects of the built environment and sociospatial restructuring. In this sense, questions of conceptualization lie at the heart of all forms of urban research, even the most empirical, contextually embedded, and detail oriented. They are not mere background conditions or framing devices but constitute the very interpretive fabric through which urbanists weave together metanarratives, normative-political orientations, analyses of empirical data, and strategies of intervention." Idem, pág. 96.

[25] "[...] the territorial boundedness of urban unites, albeit now understood to be relationally networked with other cities via transnational webs of capital, labor, and transportation/communication infrastructures." Idem, pág. 91.

da mais detalhada ou empiricamente desenvolvida) não é um pano de fundo, ou uma moldura, pela qual se investigará o urbano. Pelo contrário, define-se o modo de conceptualização do urbano como o próprio "tecido interpretativo"[26] sobre o qual os urbanistas tecem narrativas, orientações e estratégias de intervenção, impactando investigações concretas e empíricas[27].

Por consequência, encara-se com extrema premência a criação de um novo glossário de diferenciação socioespacial que se sobreponha ao vocabulário herdado[28], nomeadamente para circunscrever situações e orientações emergentes das *geografias do capitalismo*. Neste sentido, defende-se uma constante reinvenção de noções e conceitos para que se possa efectivamente abordar o tecido planetário da urbanização, que é irregular, mais ou menos denso, mas ininterrupto. Ou seja, compreender a urbanização através dos seus momentos de *concentração* (ou implosão, de concentração demográfica, infraestrutural e de investimento) e de *extensão* (ou explosão, de propriedades opostas, apresentando investimento infraestrutural e assentamento territorial menos densos)[29].

Em continuidade, entende-se este tecido urbano como contínuo e transparente, de momentos e movimentos de concentração e de extensão que se interligam e se interdefinem, com a sua matriz numa densa rede de trabalho, mercadorias, transporte de matéria, nutrientes e energia que circunscreve todo o planeta. Para

A forma arquitectónica pensada enquanto objecto isolado vs. objecto dependente de redes globais. *L'AVENIR*. Jordi Colomer, 2011.

[26] "interpretive fabric" Idem, pág. 96.

[27] O autor aponta também que o objecto dos estudos urbanos deve possuir propriedades de reflexividade teórica e crítica, ao invés de se adoptarem a priori determinadas suposições teóricas sobre o urbano, tendo a investigação por base uma matriz rígida, pouco consciente de si mesma e pouco apta a reconfiguração (e por isso em muito condicionando a sua própria trajectória). O autor exemplifica este tipo de investigação falaciosa através de situações onde o carácter urbano de um lugar é determinado em relação à sua posição dentro do que é entendido como cidade. Em oposição, Brenner aponta que a reflexividade que sugere acontece quando as suposições de uma determinada investigação são explicitadas e sujeitas a análise e reconfiguração perante a evolução do contexto e das questões abordadas.

[28] Em continuidade, e conforme observado anteriormente no quadro de Lorenzetti, o autor refere que o campo disciplinar em questão sempre diferenciou o paradigma do espaço urbano do não-urbano que o rodeia. O não-urbano torna-se então um "exterior constitutivo" ou um "Outro ontológico", agente de um movimento duplo que ao mesmo tempo legitima a própria ideia, identidade e propriedades do urbano e equilibra e mantém a inteligibilidade do campo disciplinar. Neste sentido, Brenner define que a análise dos processos socioespaciais, ou o que chama de essências constitutivas, se devem sobrepor à preocupação com as tipologias de assentamento, ao que chama de essências nominais. O autor defende que para se compreender a produção e transformação dessa diferenciação espacial tem de se perceber os processos através dos quais as paisagens modernas do capitalismo são produzidas, ao invés de se proceder a uma categorização do que é urbano (cidade, metropolis, megalopolis, etc) e não-urbano (o suburbano, o rural, etc).

[29] BRENNER, Neil – Theses on Urbanization, pág. 102.

[30] Idem, pág. 103.

[31] Idem, pág. 95.

[32] "The city is everywhere and in everything." AMIN, Ash; THRIFT, Nigel cit. por BRENNER, Neil – Theses on Urbanization, pág. 90.

[33] "If the urbanized world now is a chain of metropolitan areas connected by places/corridors of communication (airports and airways, stations and railways, parking lots and motorways, teleports and information highways), then what is not the urban?" Ibidem.

evidenciar a amplitude desta rede, o autor dá o exemplo de circuitos de larga escala como percursos transoceânicos de transporte de mercadorias, redes de infraestrutura, energia e comunicação, redes da agroindústria e acções subterrâneas de extracção de materiais - chegando mesmo a apontar os satélites em órbita do planeta ou a própria biosfera como parte deste sistema. A captura do solo terrestre em tempo nocturno, evidenciando-se a sua rede global de iluminação, é também utilizada e representativa desta questão[30].

O autor clarifica que no seu entendimento a questão urbana é senão um *processo*, ou *processos*. E perante esta ilação, conforme o apelo de Lefèbvre, arrisca traçar novos horizontes para a área disciplinar, interrogando-se sobre as geografias da urbanização e as suas tendências de crise e de reorganização constante sob determinados modelos económicos e projectos políticos regentes, a evolução da questão da concentração e expansão, ou as novas frentes de luta associadas a estes processos de urbanização (onde a luta pelo direito à cidade também carece de reconfiguração urgente perante novas paisagens e contextos).[31]

Por fim, e de modo absolutamente incontornável, entende-se que- *Hoje, a cidade está em tudo e em todo o lado* [32].

"Se o mundo urbanizado é agora uma cadeia de áreas metropolitanas conectadas por lugares/corredores de comunicação (aeroportos e vias aéreas, estações e linhas férreas, parques de estacionamento e vias rápidas), então o que não o urbano?"[33]

Neste sentido, e de forma a estabelecer um paralelismo com esta linha de entendimento, este trabalho encara a palavra *cidade*, não como uma unidade urbana exclusiva e delimitada, mas antes como um momento de concentração do fenómeno urbano e da sua malha, que conta com uma alta densidade de edificado, infraestrutura, camada demográfica e rede de investimento. Entende-se também o urbano como uma série de processos planetários que afectam o contexto local de forma vital.

CIDADE LÍQUIDA: (Re)visitar os processos de problematização da cidade e da forma arquitectónica consoante os novos paradigmas globais. Em Ver. Celeste Cerqueira, Espaço mira, Porto, 2021.

Sleep as a local in a special place. EDA, Lisboa, 2018.

iii. Globalidades e localidades nocturnas

Após a abordagem à obra de Neil Brenner, surge a questão:

Quais os processos da noite urbana? Ou melhor, qual o lado nocturno dos processos da urbanidade e urbanização?
Qual o espectro nocturno e global da urbanidade local?

A transposição de dinâmicas globais para o plano local é considerada pelo campo financeiro enquanto processo de assimilação e adaptação do produto às aspirações e vontades de comunidades e sociedades locais para o aumento de vendas e lucros[34]. Quando transferida para a área disciplinar dos estudos urbanos, esta questão é capaz de reter em si algumas das ideias exploradas neste capítulo relativamente às "geografias do capitalismo" e do neoliberalismo - nomeadamente num momento de concentração: o centro nevrálgico da cidade do Porto.

Também numa tentativa de compreensão da noite contemporânea, é indubitável deparar-se com a ideia de glocalidade, ou como Brenner diria, o contexto em relação com *o contexto do contexto*. Isto é, a relação dinâmica e inevitável entre agentes e movimentos globais e a condição, espaço e actores locais. Também a noite, enquanto espaço-tempo social, é fruto deste material de relação - os processos globais de aproveitamento económico do território, as geografias do capitalismo e as dinâmicas do neoliberalismo ditam o desenvolvimento apropriado da noite da cidade. Ou seja, estes tipos de contextos económicos transversais ao paradigma actual transbordam também para campos de rentabilização do tempo e do território nocturno.

A título de exemplo, traz-se a demolição do Bairro do Aleixo[35] que, motivada pelo aproveitamento imobiliário e rentabilização do solo urbano (relativos a movimentos globais de turismo e fixação), levou ao transbordo e expansão do mercado da droga para outros territórios nocturnos da cidade[36] (levando-se a uma propagação e até complexificação do problema que se radicaliza no período nocturno). Embora este caso seja uma situação extrema e delicada, ilustra de forma bastante representativa o tipo de políticas urbanas tomadas na cidade contemporânea. As lógicas neoliberais de rentabilização (por vezes, indirectamente inscritas em documentos

[34] "https://www.bureauworks.com/blog/what-is-glocalization-understanding-the-terminology-of-global-content-fc/

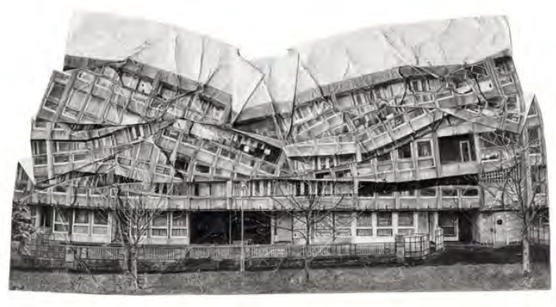
[35] https://www.publico.pt/2019/06/07/local/noticia/demolicao-torres-bairro-aleixo-porto-ja-comecou-1875778 ; https://www.jornaldenegocios.pt/economia/autarquias/detalhe/camara-do-porto-entrega-bairro-do-aleixo-a-fundo-imobiliario-em-maio-para-demolicao

[36] https://www.dn.pt/pais/bairros-do-porto-o-trafico-de-droga-passa-de-pais-para-filhos-11244202.html

Demolição parcial do Bairro do Aleixo no Porto.
2011.

Demolição total do conjunto Robin Hood Gardens da dupla de arquitectura Alison e Peter Smithson. Londres, Dezembro de 2017.

O "falhanço" do projeto social modernista: a marginalidade nocturna traçou um factor vital na reconsideração do sucesso deste conjunto londrino - questionando-se as dinâmicas de manutenção e subsidição a par do desenho arquitectónico de um projecto de cariz social.



A Fall of Ordinariness and Light, The Enabling Power.
Jessie Brennan, 2014.

como o Plano Director Municipal, que ao não integrarem processos de desenvolvimento, de gestão e controlo da intervenção no solo urbano, acabam por depositar essa responsabilidade nos meios e fluxos do mercado e do capital).

De facto, a noite tem sido estudada de acordo com o que se chama de *economia nocturna*, ligada teoricamente a mudanças socioeconómicas constantes[37]. Para Robert Williams, em situações de incerteza económica, especialmente em projectos contemporâneos de revitalização de certas zonas urbanas ou do centro histórico, uma das estratégias base adoptadas é o reforço do *consumo* de espaços e produtos do ócio, de produção de empregos nocturnos, e de uma tentativa generalizada de aumento de fluxos, economias, estruturas e serviços turísticos[38]. Para o urbanista, esta economia da noite que retrata tornou-se nos dias de hoje completamente dependente de um projecto global.

Para se compreender este tipo de dinâmicas o estudo de João Onofre e João Carlos Martins sobre o desenvolvimento do Bairro Alto[39], a par da sua economia nocturna, em Lisboa revela-se como de extrema pertinência. Este contributo português exemplifica como estas políticas acontecem também de forma mais pautada e discreta no solo da cidade, analisando um período de 10 anos. O estudo identificou uma expansão recente e mercantilização de uma noite turística e jovem em Lisboa, a par de uma estratégia de higienização cultural, social e moral das paisagens nocturnas do centro da cidade - alienando-se e marginalizando-se qualquer presença entendida como inapropriada para a imagem da cidade[40]. Neste sentido, os autores apontam para um desenvolvimento complexo do Bairro, intersectando diversas dimensões de hipersecularização, turistificação, gentrificação e "estudantificação"[41].

É pertinente como o trabalho pretende transgredir a definição criada por Alan Bryman para a *disneyzation* da cidade ("o processo pelo qual os princípios dos parques Disney têm vindo a dominar mais e mais sectores da sociedade americana, bem como o resto do mundo"[42]; valores estes como a distribuição e organização funcional, atractiva e sedutora, tendo-se em vista a venda de um produto). Já João Onofre e João Carlos Martins utilizam a expressão *disneyfication* ou *disneyficação* - a disneyficaçao neoliberal da cidade nocturna apresenta um contraste com a perspectiva de que toda a restante paisagem nocturna da cidade é perigosa e *offlimits*. Para Alan Bryman, o consumo está na base deste conceito - mesmo a

[37] "Night has been studied in terms of what is called the nighttime economy (e.g., Hobbs, Lister, Hadfield, Winlow, & Hall, 2000; Hollands & Chatterton, 2003). The nighttime economy is theoretically linked to ongoing socioeconomic changes—a Fordist style of capitalist production developing into a post-Fordist one (Harvey, 1989, 2000). In such analyses, the nighttime economy has great practical relevance because of the increased competition that urban and other places experience as a result of the reshuffling of industries on a global scale." WILLIAMS, Robert W - Night Spaces: Darkness, Deterritorialization, and Social Control." Space and Culture, pág. 3.

[38] "As economies rise and fall, new situations confront businesses, governments, and citizens as they each attempt, respectively, to increase or maintain the financial bottom line, to secure sufficient resources for government services, and to protect the life chances for themselves and their families. Under such conditions of economic uncertainty, one basic strategy of the urban blocs of business, government, and civic leaders has been to increase the importance of the consumption of leisure and the production of service jobs during the night. [...] One common way to theorize the local–global interrelationship is to look at the concept of the everyday." Ibidem.

[39] MARTINS, João Carlos; NOFRE, Jordi - The disneyfication of the neoliberal urban night.

[40] "explore how the recently expansion and commodification of youth-oriented and tourist-oriented nightlife in Lisbon may be seen as a strategy of a socially and morally sanititation of the urban nightscape of the city center, marginalizing everyone who is seen as inappropriate, or in other words, socially perilous to the city branding of Lisbon". MARTINS, João Carlos; NOFRE, Jordi - The disneyfication of the neoliberal urban night, pág. 116

[41] Ibidem, pág. 117.

[42] "the process by which the principles of the Disney theme parks are coming to dominate more and more sectors of American society as well as the rest of the world" BRYMAN, Alan cit. por MARTINS, João Carlos; NOFRE, Jordi - Idem, pág. 118.

[43] "In Bairro Alto, a total of 27 CCMTV cameras, dozens of uniformed police agents, others dozens of secret police agents, and venues' bouncers reinforce social and moral control over the clients, especially over the "unwilled". Punks, squatters, gypsies, and young local blacks from working-class suburbs are invited to not to stay drinking, chatting or smoking in the premises of venues, apart that they are not permitted to entry in the venues as previously commented." Ibidem.

Galerias de Paris, esquisso.
Vários tipos contrastantes de ocupação do espaço: ócio (grupos que bebem e conversam), pessoas na condição de sem-abrigo, carros e autocarros que passam em velocidade pelo pavimento.
Porto, Setembro de 2021.

questão do controlo e da vigilância, muito presente na principal rua analisada[43], a Rua da Atalaia. Ou seja, a sensação de segurança (através da remoção de categorias, identidades ou actividades sociais indesejadas) serve apenas o incentivo ao consumo[44].

Para os autores, a escuridão da noite do Bairro Alto é capaz de fornecer apenas o que Baudrillard chama de "transgressões simuladas"[45], onde se simula um espaço-tempo de lazer transgressivo à rotina do trabalho, mas onde, na verdade, o código social de comportamento é igualmente definido e impingido. Nesta lógica, é possível considerar que os "espaços nocturnos" são sujeitos ao mesmo tipo de ordenação dos restantes, havendo segmentação para diferentes usos, do ócio às transgressões sociais, momentaneamente permitidas (como, por exemplo, a prostituição). Sendo que, outros espaços da cidade relativos a outros tipo de funções exclusivamente vinculadas ao diurno, como é o caso do *Business Centre* (normalmente associado a um novo centro nevrálgico da cidade ou mesmo até à reformulação do próprio centro histórico) que se metamorfoseiam em espaços nocturnos absolutamente vazios.[46]

[44] Ibidem.

[45] "Darkness provides various opportunities for simulated transgressions — in Braudillardian terminology — which are always delimited by the social, cultural, economic and political order of the neoliberal city. In this sense, Rua Atalaia Street in Bairro Alto (Lisbon) might be seen as a simulated transgressive space-time of leisure that also expresses modes of existence other than that of the oppressive routinization of work, evoking joy and stimulate the out-of-the ordinary [...] In the disneyficated urban night, the "what to do", "what to drink" and how to behave is strictly delimited." Idem, pág. 120.

[46] Nesse sentido, este estudo português parte assumidamente da leitura pioneira de Henri Lefèbvre na sua obra *A Produção do Espaço*, onde o espaço é interpretado como um producto inerentemente social, resultante de uma esquema de processos de socialização e significação colectiva (dimensão associada mas não esclusiva ao desenho físico).

Organizaçao Issureicional do Espaço. Fernando Barros, Mário Ramos, [FAUP] , 1975.

Une Fille. Brassai, Rue Quincampoix, Paris. 1933.

Do anonimato e solidão
no esvaziamento do espaço público.

1.4 *A vida e a morte da grande cidade pandémica*[1]. Paisagens Pandémicas: as (in)visibilidades do espaço público em interlúdio.

[1] Em alusão ao título do magnum opus de Jane Jacobs. JACOBS, Jane – The Death and Life of Great American Cities.

"A história das cidades é a história das epidemias. Ou será o contrário?" [2]

[2] BISMARK, Pedro Levi – Epidemia Total. In FARIA, Andreia [et al.] - E de Súbito É Noite: Caderno Pandémico, pág.35.

A realização do presente trabalho foi incontornavelmente permeada pelo contexto de pandemia do vírus SARS-COV2 e da doença do coronavírus (germinando no período pré-pandémico e sendo concluído talvez já numa primeira linha de alívio). Neste sentido, não se entende como pertinente o ensaiar de uma leitura cronológica e metronómica sobre políticas sanitárias relativas ao espaço público e o seu nível de sucesso. Isto, visto que o cenário paradigmático e tentacular da *luta contra o vírus* em que nos encontramos fornece um embasamento frágil, complexo e, por vezes, contraditório para qualquer tentativa precoce e unilateral de formulação de ilações transversais.

Todavia, para o arquitecto, a cidade sob o contexto pandémico, ou a *cidade pandémica*, inscreveu indubitáveis mudanças no paradigma espacial. Nomeadamente, no que toca à necessidade de "um novo conjunto de saberes e técnicas de gestão da população sobre o território"[3] que resulta num redesenho da compreensão, organização e *modus vivendis* das paisagens da urbanidade.

"O Porto está triste. A noite está triste."[4]

[3] Idem, pág. 35. "cada epidemia significou sempre a mobilização de um novo saber, de um novo conjunto de técnicas que visavam, sob o pretexto da salubridade, identificar, organizar, 'purificar' essa massa populacional das cidades e produzir um espaço tao higiénico como higienizado, tao controlado como controlável, tao circulável como seguro." Idem, pág. 36.

[4] Testemunho do Sr. César Garrido, pessoa na condição de sem-abrigo e que habita a escarpa da Torre dos 24, no terreiro da Sé do Porto. Interpelou o estudante enquanto analisava o território.

O actual contexto de excepção e de contraposição apresenta-se não só como elemento essencial da constelação de referências, relações e eixos teóricos neste Momento apresentados, como uma lente, ou um eixo de entendimento, através do qual também é possível analisar a normativa pré-pandémica do espaço público.

A Peste Bubónica. Richard tennent Cooper.

Mulher em rua nocturna de Paris.
Brassai, 1933.

i. Peste(s)

"A inspeção funciona incessantemente. O olhar está alerta em toda a parte. [...]À peste responde a ordem; esta tem a função de desfazer todas as confusões: a da doença que se transmite quando os corpos se misturam; a do mal que se multiplica quando o medo e a morte eliminam as interdições. Prescreve a cada um o seu lugar, a cada um o seu corpo, a cada um a sua doença e a sua morte, a cada um o seu bem, pelo efeito de um poder omnipresente e omnisciente, que se subdivide de forma regular e ininterrupta até à determinação final do indivíduo, daquilo que o caracteriza, do que lhe pertence, do que lhe acontece."[5]

Em Vigiar e Punir, Michel Foucault descreve um regulamento de finais do século XVII que elenca as medidas a serem tomadas quando a peste proliferava na cidade[6]. A doença, de natureza na altura desconhecida, multiplicava-se através de contextos sanitários profundamente desadequados e carecia de resposta imediata. Seguia-se, então, o confinamento, a quarentena, segundo um entendimento reduzido da doença à época (e pouco atento a condições sanitárias intrínsecas ao contexto) - *quem está doente pode infectar quem não está doente.* Nomeadamente, esta estratégia materializava-se em normas e artifícios espaciais, como, por exemplo, o cerco à cidade através do corte de circulação nas entradas da muralha (*ninguém entra e ninguém sai).* Também a vigia pelas autoridades do poder vigente era ininterrupta dentro da cidade[7], cobrindo todo o tempo diurno e nocturno.

De acordo com Foucault, este exercício de contenção considera um profundo instrumento disciplinar sobre o corpo e sobre as relações entre os corpos. A estrutura panóptica, abordada anteriormente, materializa-se exactamente neste tipo de coreografias pelo espaço urbano, a expressão das relações de poder e as dinâmicas de controlo num estado de calamidade.

Tal como a Peste Negra, as grandes epidemias e pandemias da história moderna inscreveram fulcrais desenvolvimentos da relação da sociedade com o seu espaço público, e, por consequência, da organização urbana das cidades ao longo do século XIX e XX - (a cólera, a varíola, a peste bubónica) trouxeram consigo novos modelos sociais e espaciais ao mobilizarem processos de higienização da cidade através da criação de infraestruturas e renovação do desenho de espaço público[8].

[5] FOUCAULT, Michel - Disciplinar e Punir: Nascimento da Prisão, pág. 225-227.

[6] "Em primeiro lugar, uma repartição espacial estritra: encerramento, obviamente, da cidade e dos arredores, interdição de sair dela, sob pena de morte, eliminação de todos os animais errantes; divisão da cidade em quarteirões distintos, onde se estabelece o poder de um intendente. Cada rua é posta sob a autoridade de um síndico; este vigia-a; se a deixar, será punido com a morte. No dia marcado, é ordenado que todos se fechem em casa: poibição de sair de casa, sob pena de morte. O próprio síndico vai fechar, do exterior, a porta de cada casa; leva a chave e entrega-a ao intendente de quarteirão; este guarda-a até ao fim da quarentena. Todas as famílias deverão ter feito a suas provisões; mas para o vinho e o pão constroem-se, ente a rua e o interior das casas, pequenos canais de madeira, que permitem entregar a ração às pessoas sem que haja comunicação entre os fornecedores e os habitantes; para a carne, peixe e as verduras, utilizam-se roldanas e cestas. Se for absolutamente necessário sair de casa, isso deve ser feito por turnos e evitando qualquer encontro. Circulam apenas os intendentes, os síndicos, os soldados de guarda e, entre as casas infetadas, de um cadáver a outro, os "corvos", que podem ser abandonados para morrer: é "gente vil que transporta os doentes, enterra os mortos, limpa e faz muitas tarefas baixas e abjetas". Espaço segmentado, imóvel, fixado. Cada qual está fixo no seu lugar. E se se mexer, corre risco de vida, de contágio ou de punição." Idem, pág. 227.

[7] Ibidem.

[8] BISMARK, Pedro Levi – Epidemia Total. In FARIA, Andreia [et al.] - E de Súbito É Noite: Caderno Pandémico, pág.35.

Adicionalmente e a título exemplificativo, dá-se nota da introdução histórica de certos sistemas e infraestruturas, como é o caso do sistema de saneamento .

Il Morbetto. Marcantonio Raimondi, (Raphael), c. 1512/1513.

Medidas de desinfecção por queima das habitações pelos bombeiros, no Porto.
Aurélio da Paz dos Reis - Centro Português de Fotografia, 1899.

Die Karikatur und Satire in der Medizin, (ilustração de um médico setecentista em Roma).
Eugen Holländer. 1921.

Hospital de S. João, Porto, 2020.

[9] MESQUITA, Mário - Das redes da invisibilidade na equação contemporânea do território. De Processo, projecto, obra e serviço público de água no Porto no entre séculos XIX/XX:

[10] BISMARK, Pedro Levi – Epidemia Total. In FARIA, Andreia [et al.] - E de Súbito É Noite: Caderno Pandémico, pág.35.

[11] PTRI, ano lectivo 2019/2020. MESQUITA, Mário - Das redes da invisibilidade na equação contemporânea do território. De Processo, projecto, obra e serviço público de água no Porto no entre séculos XIX/XX.

[12] BISMARK, Pedro Levi – Epidemia Total. In FARIA, Andreia [et al.] - E de Súbito É Noite: Caderno Pandémico, pág.37.

[13] "Tell me how your community constructs its political sovereignty and I will tell you what forms your plagues will take." PRECIADO, Paul B in https://www.artforum.com/print/202005/paul-b-preciado-82823.

[14] CAMUS, Albert - A Peste, pág. 29.

No Porto, a propósito da peste de 1899, despertaram-se consciências relativamente à necessidade de dotar a cidade com um sistema eficaz de saneamento público no sentido de combater a proliferação da doença que, durante uma década, dizimou a população da cidade. O médico de saúde pública Ricardo Jorge foi o responsável, contra as próprias "forças vivas da cidade", da campanha de higienização que se consubstanciou com a execução do sistema de esgotos da cidade. Convém lembrar que, à semelhança do já referido em parágrafos anteriores, também o Porto foi objecto de um cerco militar e sanitário que isolaria a cidade do resto do país durante seis meses. Esta situação, longe de ter ficado resolvida no consulado de Ricardo Jorge (o médico foi forçado a imigrar para Lisboa pelos maus-tratos da revolta das gentes do Porto) arrastar-se-ia durante cerca de quarenta anos até à estabilização do sistema de saneamento e à criação de um laboratório de análises da água em 1937. [9]

No caso da gripe espanhola, ou pandemia do vírus influenza no início do século XX, o Porto foi confrontado com "a miséria extrema do espaço urbano [...], uma profunda, inevitável e 'intolerável' continuidade corporal, física e espacial entre a burguesia e o proletariado pobre e insalubre, empurrado para dentro dos quarteirões ou para os fundos infestados das 'ilhas'"[10]. O paradigmático lote portuense (de logradouro aproveitado para pequenas habitações, ou habitáculos, para a uma crescente classe operária de um contexto industrial em desenvolvimento e de um massivo êxodo rural[11]) revelava uma extrema promiscuidade sanitária e proximidade entre diferentes populações de diferentes classes (com acessos distintos ao espaço público e privado, a condições dignas de vida e oportunidades de higiene). Este cenário expôs esta proximidade e evidenciou a presença do *Outro* e, nomeadamente, do Comum, o "irremediavelmente comum"[12].

"Diz-me como a tua comunidade constrói a sua soberania política e dir-te-ei que formas as vossas pragas tomarão." [13]

Na obra *A Peste*, Albert Camus considera que os flagelos humanitários, apesar de recorrentes e potenciais, "encontram sempre as pessoas igualmente desprevenidas"[14].

É pertinente partir-se dessa observação numa leitura de *A Sociedade do Cansaço*, onde o filósofo Byung Chul-Han traça o perfil da sociedade contemporânea, e onde é entendido que o

Comerciantes e “homens de negócios” discutem a travagem da economia da cidade provocada pelo cordão sanitário. Palácio da Bolsa, Porto, 1899. Imagem do Centro Português de Fotografia.

Porto, Maio de 2020.

século XXI é um século pós-imunológico. Ou seja, uma era onde, por causa do avanço tecnológico, o agente viral já não é o desafio, o inimigo, ou o instrumento da disciplina institucional[15]. No entanto, o seu entendimento é formulado antes da presente pandemia do coronavírus, “de facto, a primeira [...] de um mundo altamente urbanizado à escala global”[16], onde a urbanidade foi novamente alvo de processos de contenção e vigia altamente semelhantes aos analisados por Foucault.

Com a chegada de um inimigo viral, entidade *estrangeira* que ameaça, catalisa e destrói, seguiu-se a consequente série de políticas frenéticas e inconstantes, estudos e percepções especialistas sob informações ainda minutas. O resultado foi a publicação de diplomas de legislação num ditar inconstante de regulamentação sobre a normativa social, a *possibilidade* de estar e de ser[17]. O indivíduo social viu-se da mesma forma submerso num projecto de reconfiguração profunda do seu próprio contexto relacional, nomeadamente na alienação das suas comunicações interpessoais e com o espaço que habita e percorre. Territórios onde os próprios actos de respirar, falar e tocar são alvo de exímio escrutínio e regulamentação[18].

Para Paul B. Preciado este *estado de excepção* representa a banalização de um paradoxo da biopolítica, onde o acto imunológico protector age através de uma hierarquia na comunidade, entre relações de poderes económicos e sociais que distinguem e excluem estratos da população[19]. Ou seja, a resposta à calamidade parece ter evidenciado e radicalizado lógicas inerentes à organização do corpo social, nomeadamente, no que toca ao desigual acesso à saúde e à *oportunidade*[20] de protecção, tanto a nível local como global. Para Bismark, a pandemia “expôs-nos ao medo do outro, mas ao mesmo tempo faz-nos descobrir a presença do outro.”[21], revelando um “um espaço-tempo que, longe de ser individualizado e insolável, é comum e interdependente”[22].

É sobre a evidenciação e radicalização destas dinâmicas na cidade, presenças e movimentos de invisibilidade no plano visível e consciente da malha urbanística e social, que se irá tratar de seguida.

[15] HAN, Byung-Chul – A Sociedade do cansaço, pág.2-3.

[16] BISMARK, Pedro Levi – Epidemia Total. In FARIA, Andreia [et al.] - E de Súbito É Noite: Caderno Pandémico, pág.35.

[17] Não se questiona aqui a legitimidade e elegibilidade destas políticas, mas uma análise crítica do zeitgeist.

[18] Sem demoras, o plano virtual e colectivo (mas não inteiramente democrático) do cyber-espaço tornou-se no único espaço público a que a população tinha acesso - o novo espaço público, por assim dizer.
“Well before the appearance of Covid-19, a process of global mutation was already underway—we were undergoing social and political changes as profound as those that transpired in early modernity. We are still in the throes of the transition from a written to a cyber-oral society, from an industrial to an immaterial economy, from a form of disciplinary and architectural control to forms of microprosthetic and media-cybernetic control. In other writings, I’ve used the term pharmacopornographic for this type of management and production of the body as well as to describe the political technologies that produce sexual subjectivity within this new configuration of power and knowledge. We are no longer regulated solely by their passage through disciplinary institutions (school, factory, barracks, hospital, etc.) but by a set of biomolecular technologies that enter into the body by way of microprostheses and technologies of digital surveillance subtler and more insidious than anything Gilles Deleuze envisioned in his famous prognostications about the society of control.” https://www.artforum.com/print/202005/paul-b-preciado-82823

[19] “Esposito emphasizes that all biopolitics is immunological: Biopolitics implies a hierarchy with the immunized at the top and the de-munized, who will be excluded from any act of immunological protection, at the bottom. That is the paradox of biopolitics: All protective acts include an immunitary definition of community in which the collective grants itself the power to decide to sacrifice a part of the population in order to maintain its own sovereignty. The “state of exception” is the normalization of this intolerable paradox.” Ibidem.

[20] “Ora, vivemos num corpo social e biologico cada vez mais interligado e interdependente, mas ao mesmo tempo altamente desigual no acesso a riqueza ou a saude” BISMARK, Pedro Levi – Epidemia Total. In FARIA, Andreia [et al.] - E de Súbito É Noite: Caderno Pandémico, pág 38-39. “Se, em parte, podemos ver na epidemia a realizaçao absoluta do liberalismo, a sua utopia plena enquanto construçao de um espalo global, unico, liso, infinatamente rentavel na exploraçao imunitaria dos corpos pelos viros, ela e simultanemanete o seu maior pesadelo, porque expoe as consequencias e as contradiçoes do principio da concorrencia que organiza o corpo social [...] ao mesmo tempo que se torna evidente um espaço-tempo que, longe de ser individualizado e insolavel, é comum e interdependente.” Idem, pág. 36.

[22] Idem, pág. 36.

Estação da Trindade, Porto, Maio de 2020.

Praça da Batalha, Porto, Maio de 2020.

ii (In)visibilidades

A propósito do imaginário da peste, Antonin Artaud refere que:

"o homem, chicoteado pelo medo e pela morte, procura a imortalidade e a evasão" [23].

Nos inícios da pandemia, em Março de 2020, Frank M. Snowden, foi entrevistado pela New Yorker em relação ao seu livro *Epidemics and Society: From the Black Death to the Present*. Snowden afirmava que os sustos e vagas virológicas operam como um espelho defronte da humanidade que reflete e radicaliza as lógicas de relação e a estrutura moral entre pessoas, comunidades e contexto natural e construído[24]. Diogo Vaz Pinto, em reacção à entrevista, refere que "mais do que os seus efeitos, por vezes incrivelmente devastadores, as epidemias servem de gatilho ou punção para fazer vir à superfície sombras e fantasmas que se debatem no interior"[25].

Não é difícil observar as vastas consequências na ocupação do espaço público durante a pandemia. Os extensos registos fotográficos e vídeo da cidade do Porto durante os vários períodos de confinamento geral e recolher obrigatório em muito se assemelham às fotos insólitas de espaços parisienses de Eugène Arget - espaços que são simultaneamente íntimos como aterrorizadores, submersos numa experiência sensorial de medo mas também de desejo[26]. Esta imagética e analogia entre a cidade e uma casa vazia é enriquecida na perspectiva que Diogo Vaz Pinto oferece sobre a relação entre espaço vazio e estado de excepção. O estado de excepção é pelo autor entendido como um campo de batalha onde o inimigo é omnipresente, *transparente*. Em vez de espaço comum, o espaço público metamorfoseia-se num espaço de guerra:

"Cada bairro, cada rua, cada prédio, é agora o lugar onde se trava uma guerra sem fim contra um inimigo que surge sempre mascarado (e que tem o seu agente duplo no assintomático). É uma operação Clausewitz higiénica, em que a frente de guerra se estende a todo o território da cidade [...] Esta militarização do espaço urbano, em que o inimigo está em todo o lado e a frente de guerra em lado algum, faz de nós todos soldados que cumprem ordens, membros de uma cadeia militar que não pode ser colocada em causa. E dá conta, digamos assim, da estranha sensação de se passear por uma cidade nestes moldes: numa guerra total, não há descanso possível, qualquer momento é momento de combate contra o inimigo, qualquer rua é território incerto, que já pode ter sido tomada pelo inimigo. Militarização do espaço, militarização do tempo."[27]

[23] ARTAUD, Antonin cit. por PINTO, Diogo Vaz - Idem, pág. 61.

[24] "tanto aquele que criamos à nossa volta como o ambiente natural que lhe dá resposta" Idem, pág. 63. Faz-se também referência à restande análise de Diogo Vaz Pinto na obra sinalizada.

[25] Ibidem.

[26] Idem, pág. 68.

[26] Ibidem.

Durante os primeiros meses de confinamento em 2020, sair à rua implicou uma experiência inquietante e desconfortável, numa ambiência total de incerteza e desconfiança num espaço público *quasi* vazio. O inimigo, no entanto, revelou-se ainda maior e mais perigoso que o inicialmente antecipado. Infelizmente, o paralelismo entre a cidade pandémica e a cidade nocturna não se fica pelo súbito esvaziamento dos espaços, mas também pela radicalização e evidenciação de contextos extremos de precariedade e de pobreza.[27]

Em Portugal, a população de pessoas na condição de sem-abrigo aumentou[28]. Durante o segundo período de confinamento, nos meses primeiros do ano 2021, e enquanto forma de auxílio às pessoas na condição de sem-abrigo, a Câmara Municipal do Porto abriu a estação de metro da Avenida dos Aliados devido às baixas temperaturas da noite[29]. Não se trata de uma resposta à fragilidade estrutural destas pessoas numa situação lamentável, sem-tecto, mas pelo contrário, de um auxílio de emergência perante novas regras sanitárias em abrigos. Noutras cidades europeias, a abordagem à ocupação do espaço público (mesmo no âmbito da condição de sem-abrigo) passou pela coima e pela prisão[30] - *Onde se confina e isola quem não tem casa? Onde passa a noite quem habita a noite? Qual a linha de acção para os que viam na noite a sua casa ou a sua única sobrevivência?*

Duas cidades.
Porto, Agosto de 2021.

[27] A pandemia do coronavírus fez descer a média salarial anual em Portugal em perto de 1000 euros (de 10,100€ para 9,100€); (~) 400 000 indivíduos viram-se abaixo da linha de pobreza e a população em risco de pobreza aumentou em 25%; a população foi prejudicada assimetricamente, sendo a população em estratos salariais mais baixos e em risco de pobreza a mais afetada com reduções salariais e despedimentos. Nota-se, também, que no espaço de um ano a pandemia forçou um aumento de 600% na procura do Banco Alimentar contra a Fome. https://www.publico.pt/2021/02/03/sociedade/noticia/covid19-banco-alimentar-porto-aumento-600-pedidos-ajuda-1949085 O Banco Alimentar do Porto registou um aumento de 600% dos pedidos de ajuda desde o inicio da pandemia, revelou esta quarta-feira a responsável do serviço social, acrescentando que, neste momento, a instituição apoia 60.000 pessoas no distrito do Porto. "Os pedidos de ajuda e o perfil das pessoas que pedem ajuda também mudou radicalmente", afirmou esta quarta-feira, em declarações à Lusa, Inês Pinto Cardoso. Se antes da pandemia os pedidos eram, na sua maioria, provenientes de pessoas com o Rendimento Social de Inserção (RSI) ou reformados, neste momento, os pedidos que chegam ao Banco Alimentar Contra a Fome do Porto são, essencialmente, de "pessoas que perderam o emprego e que nunca se imaginaram a passar por esta situação". têm aumentado
Já a retrospectiva do Instituto para as Políticas Públicas e Sociais (IPPS) do ISCTE sobre o estado da nação e as políticas públicas em 2021 é mais positiva:
"Ao longo deste período, confirmaram-se debilidades estruturais da sociedade portuguesa e das políticas públicas, enquanto emergiam novos problemas. Num quadro de urgência, revelaram-se também capacidades que poucos antecipavam. Se os défices crónicos de planeamento e de monitorização das políticas se tornaram mais visíveis, verificou-se uma capacidade de adaptação notável, com respostas substantivas e eficazes em vários domínios" https://www.publico.pt/2021/07/21/politica/noticia/pandemia-acentuou-desigualdades-estado-fica-bem-fotografia-1971059.

[28] https://observador.pt/2021/02/22/portugal-tera-mais-de-7-000-pessoas-na-condicao-de-sem-abrigo-a-maioria-em-lisboa-e-no-porto/

[29] https://www.publico.pt/2020/12/30/local/noticia/camara-porto-acciona-plano-proteger-pessoas-semabrigo-frio-1944660

[30] https://www.reuters.com/article/us-health-coronavirus-homelessness-featu/homeless-people-treated-as-criminals-amid-coronavirus-lockdowns-idUSKCN22527I

Encontra-se aqui uma das maiores e inevitáveis definições identitárias da cidade nocturna: a noite como pobreza - actualmente, radicalizada por um contexto inédito e violento.

"As situações de pobreza e vulnerabilidade, a violência doméstica, a ausência de uma política integrada de resposta às dependências, as pessoas em situação de sem-abrigo, a precariedade laboral e tantas outras violações dos direitos sociais mais elementares dos cidadãos e cidadãs, nunca deixaram de ser uma realidade neste território, apesar do glamour e do dinamismo urbano com que se foi ocupando o espaço público ao longo dos últimos anos. A crise pandémica tirou das ruas o bulício do turismo e deixou à vista de todos e de todas o que sempre lá esteve: os pedidos de apoio alimentar aumentaram, mantiveram-se os pedidos de apoio ao nível do alojamento, e foram muitas as chamadas telefónicas para apoio psicológico, sobretudo, de pessoas idosas cada vez mais isoladas." [31]

O espaço-tempo nocturno foi o que sofreu maior regulamentação e restrição de acesso - a noite pandémica enquanto espaço proibido, desertificado e inutilizado. No caso da economia portuense, foi difícil aos estabelecimentos, nocturnos e diurnos, permanecerem activos e de portas abertas[32], observando-se uma vaga de encerramentos. De facto, a pandemia arrasou com o fluxo turístico que tinha vindo a alimentar o projeto de *branding, recomposição* e *alimentação* da cidade. O espaço público ineditamente vazio, as lojas fechadas e de vitrines tapadas, os hotéis, hostels e airb&b's em decadência - o novo projecto frágil de globalização da cidade que se inutiliza sem o *turista*[33].

[31] https://www.publico.pt/2020/08/15/local/noticia/centro-historico-porto-abandonar-pessoas-tempo-pandemia-1926888

[32] https://www.publico.pt/2021/03/30/local/noticia/silencio-escuridao-clubes-nocturnos-porto-fim-vista-1956466

[33] Traz-se o caso do Sr. César Garrido, pessoa na condição de sem-abrigo, que abordou o estudante na Avenida da Ponte em trabalhos relativos à presente dissertação. O Sr. César esclareceu que, normalmente, e de acordo com o seu conhecimento empírico, os focos de ocupação e assentamento no espaço público por pessoas sem-tecto seguem os centros nevrálgicos dos fluxos turísticos. Ao se retirar o turista da equação, uma questão puramente global, surgem consequências directas ao nível local, onde esta população fica ainda mais fragilizada e onde os respectivo s focos de assentamento se dispersam (uma alteração das geografias da pobreza da urbanidade). [ANEXO 4]

Rua de Santa Catarina.
Porto, Maio de 2020.

Rua Dom João IV.
Porto, Maio de 2020.

A Ronda da Noite.
Porto, Janeiro de 2021.

Downtown: Porto, 14:00H.
Porto, Janeiro de 2021.

*

O contexto pandémico teve efeitos brutais nas paisagens da urbanidade. Tal como o contexto nocturno, que revela certos agentes ou dinâmicas *invisíveis* ao dia[34], também a pandemia evidenciou e radicalizou certos padrões dos processos de urbanidade e de urbanização contemporâneos[35]. Assim como no processo projectual em arquitectura, onde a excepção confirma a regra, de facto, também o contexto social de excepção que atravessamos informa e confirma a normativa prévia. Ou seja, ao invés de se compreender as insólitas paisagens portuenses e pandémicas como rude interlúdio de uma "normalidade", importa destacar que estas identidades, presenças e movimentos, outrora invisíveis (mas omnipresentes), visibilizam-se (ao invés de eclodirem).

A cidade pandémica desvaneceu os limites entre o nocturno e o diurno, impregnando o dia com certas qualidades outrora mais firmemente vinculadas ao nocturno e às suas redes invisíveis de experiência e de habitar. Estes contextos, do espaço público sob novas rupturas e percepções sociais, bem como restrições de uso, transbordaram para o período diurno de forma assertiva e, talvez, inédita.

[34] O estudo da mudança de paradigma no uso e ocupação do espaço publico da cidade entre-tempos (diurno e noturno), assim como os seus agentes e intervenientes, será o foco do Momento 2 na consideração dos casos de estudo (percursos) na cidade do Porto.

[35] Conversa Vadia PTRI-FAUP com a Professora Ana Silva Fernandes, moderada por Margarida Avellar. https://inovacaopedagogica.up.pt/42-2/inovacao-pedagogica/comunidade-de-inovacao-pedagogica/

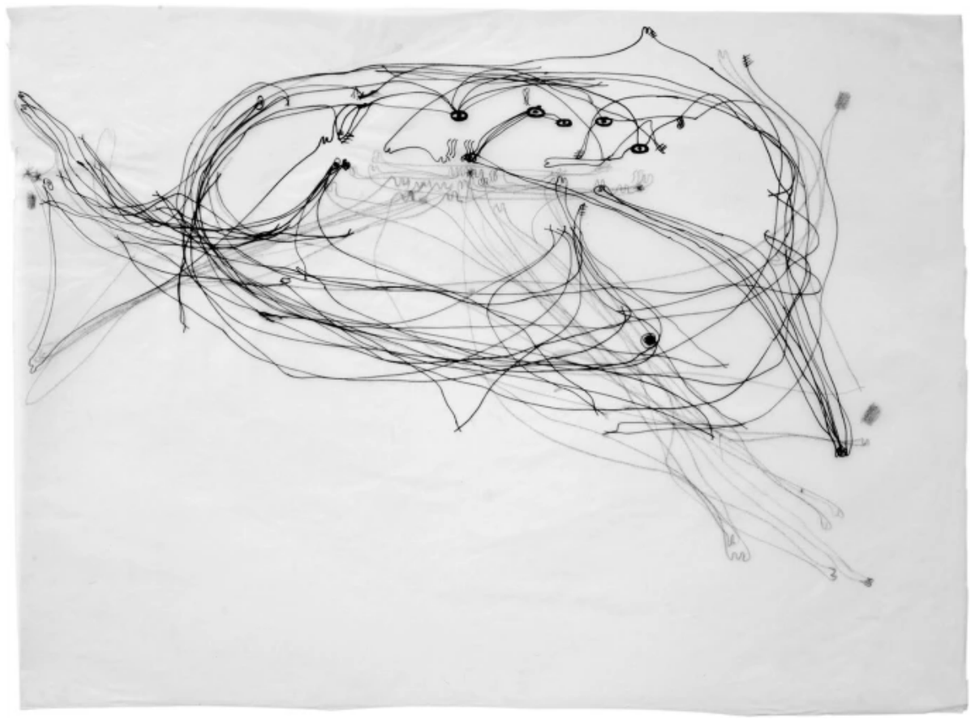
“Andar?! Não me custa nada!...
Mas estes passos que dou
Vão alongando uma estrada
Que nem sequer começou.
Andar na noite?!
Que importa?...
Não tenho medo da noite
Nem medo de me cansar:
Mas na estrada em que vou,
Passo sempre à mesma porta...
E começo a acreditar
No mau feitiço da estrada:
Que se ela não começou
Também não foi acabada!
Só sei que, neste destino,
Vou atrás do que não sei...
E já me sinto cansada
Dos passos que nunca dei.”

Rio de Nuvens. Natália Correia, 1947.

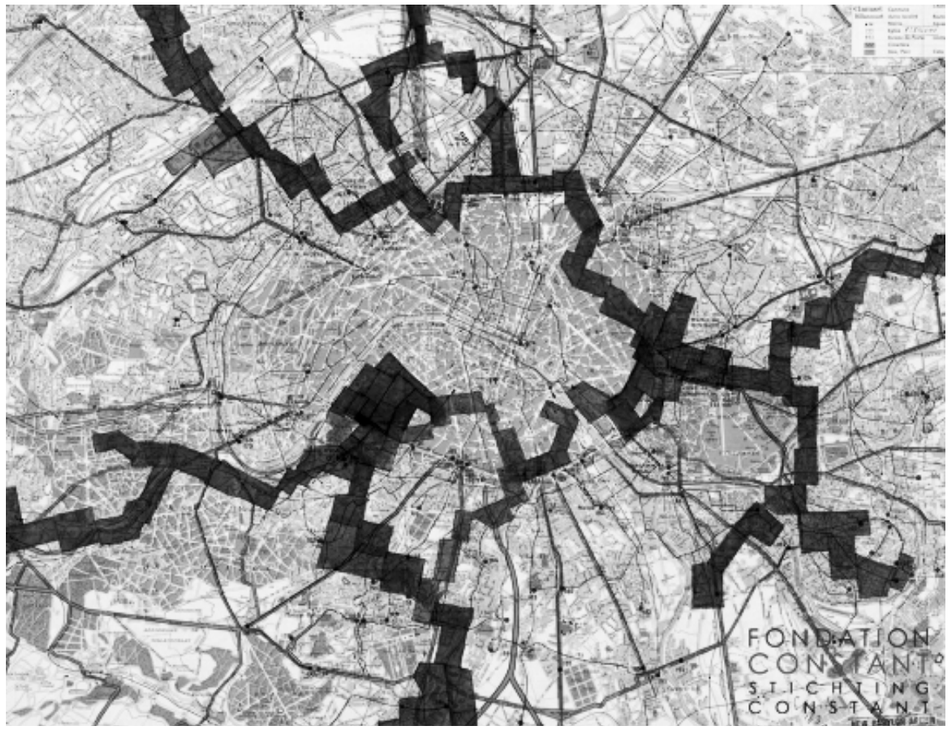
Momento 2

Noite: percursos, encontros, (in)visibilidades.
Porto: percursos solares e lunares na “viagem” pela urbanidade contemporânea.

Vista aérea e nocturna da cidade do Porto.
Thomas Pasquet , Estação Espacial Internacional, 2017.



Lignes d'erre. Fernand Deligny.



Nova Babilónia. Constant, Paris, 1963.

2.1 Cidade-ideologia, cidade-desejo, cidade-expressão. *A Ronda da Noite*. O arquitecto na cidade.

Este capítulo inscreve um estudo *a priori* dos métodos, práticas e instrumentos a serem utilizados no trabalho de campo respectivo a este Momento, debruçando-se sobre a epistemologia do percurso e da experiência urbana enquanto processo de aproximação e de análise.

i. Do percurso: as ritmicidades do urbano.

"O mais interessante acerca do ritmo é o encontro com ele." [1]

No início do século XX, a ritmanálise é apresentada pelo filósofo Lúcio Pinheiro dos Santos, revolucionando o método do pensamento científico na abordagem aos fenómenos do paradigma quotidiano e incentivando a uma abordagem especialmente atenta às características multidimensionais e relacionais do território objecto-de-estudo[2]. Segundo Cláudia Rodrigues, a ritmanálise integra um novo paradigma epistemológico de fusão entre ciência e poesia[3], encontrando-se, tal como a arquitectura, num espaço *entre* campos disciplinares. Esta posição intermédia e inter-medial da própria abordagem corresponde às qualidades do seu objecto de estudo primário: o *ritmo* do espaço urbano.

O ritmo surge também da condição *in-between* - entre progressão e movimento, entre perspectivas e territórios, entre ciclos naturais e fabricados, instintivos e performativos, individuais e colectivos:

"A ritmanálise dinamiza em campos de síntese superior a relação com o princípio de contradição, sempre em busca de compreensões crescentes, evoluindo da conciliação de pontos de vista e entregando-se à inventiva polirritmia." [4]

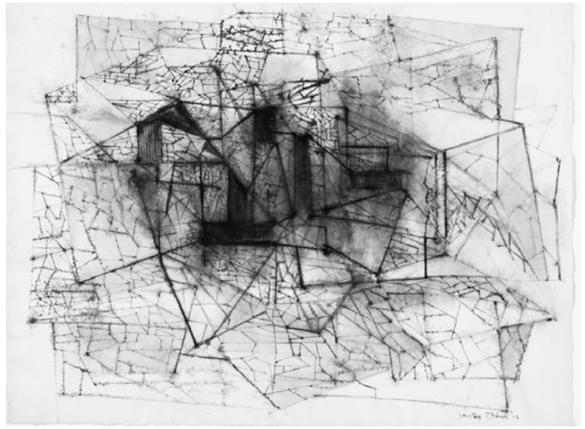
Na sua obra *Éléments de rythmanalyse: Introduction à la connaissance des rythmes*, Henri Lefèbvre estuda a natureza e multiplicidade dos ritmos urbanos, ensaiando-os como um objecto conceptual e cruzando-os com o estudo da urbanidade quotidiana. Nessa abordagem aos ritmos da urbanidade, monta a matriz de um processo de análise plural das redes de organização em sociedade da

[1] SOBRAL DA CUNHA, Rodrigo Cit. por RODRIGUES, Cláudia - A Cidade Noctívaga: Ritmografia Urbana de um Party District na Cidade do Porto, pág. 47.

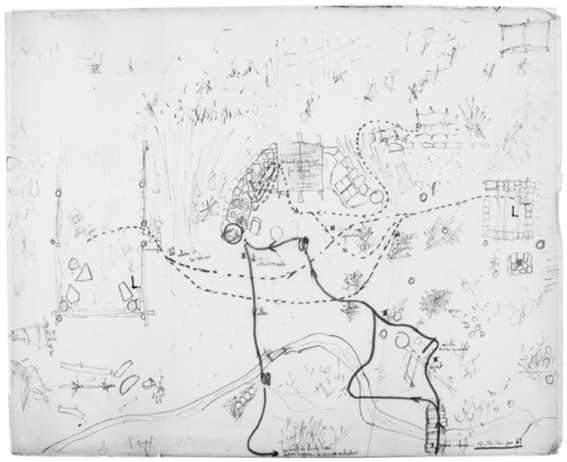
[2] No seu estudo sobre a ritmanálise, Cláudia Rodrigues considera o filósofo português Lúcio Pinheiro dos Santos como o fundador desta vertente filosófica que futuramente se tornaria numa técnica de análise urbana. Idem, pág. p47.

[3] Ibidem.

[4] SOBRAL DA CUNHA, Rodrigo - O essencial sobre Ritmanálise, pág. 18.

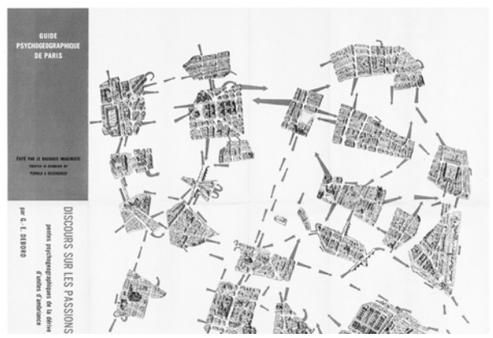


New City. Dorothy Dehner, 1953.



Cartes et lignes d'erre, Fernand Deligny.

Vista noturna da avenida da Boavista. Teófilo Rego, 1962.



Guide psychogéographique de Paris: discours sur les passions de l'amour: pentes psychogéographiques de la dérive et localisation d'unités d'ambiance.
Guy Debord, 1957.

era sua contemporânea – os ritmos orgânicos e os ritmos mecânicos, os ritmos naturais e os artificiais, os ritmos sociais e os anti-sociais; os sons e os silêncios, os movimentos e as interrupções, os ritmos imaginados e simbólicos[5].

Ao se debruçar sobre o quotidiano, o trabalho e o processo ritmográfico, por sua vez, também se posiciona entre campos experienciais contraditórios: "é ao mesmo tempo ordinário e extraordinário, transparente e opaco, conhecido e desconhecido, óbvio e enigmático"[6]. Tal como a prática e o processo projectual da arquitectura, também a análise ritmográfica actua num palco multidimensional do urbano, sendo, por inerência, uma prática multissensorial e transdisciplinar[7].

O ritmógrafo, aquele que efectua a ritmografia, não é homólogo do *flâneur*[8] (aquele que deambula pela cidade - personagem romântica do imaginário da cidade moderna). O ritmógrafo "sente, observa, desenha, apreende e reflete sobre as vibrações e ondulações da cidade cujos ritmos projectam a organização da sociedade"[9], sendo essencial a sua perspectiva e interpretação enquanto presença individual num território complexo e a sua abordagem crítica ao material recolhido. O seu principal instrumento é o seu *andar*, que compreende simultaneamente um instrumento científico de análise e um processo de aproximação e de integração nas dinâmicas inerentes ao território - "andar induz as ritmicidades urbanas e está nelas engajado"[10].

"Se a cidade é linguagem, andar é o acto de falar." [11]

Paralelamente, é pertinente reflectir sobre a abordagem situacionista ao mesmo objecto, o *andar pela cidade*. Para Leonardo Lippolis, o movimento da Internacional Situacionista nasce enquanto reacção enérgica a um momento de enorme transformação neo-capitalista na década de 50. Em contestação, a corrente anti--utilitarista e revolucionária apropria-se do *andar* também enquanto instrumento, reconsiderando-o enquanto *deriva*. Trata-se de uma forma de análise urbana através do percurso sem pré-meditação nem pré-mediação, onde se regista a experiência fenomenológica pelos vários territórios da cidade, dos mais confortáveis aos mais alienantes. [12]

[5] Passim LEFÈBVRE, Henri - Elements of Rhythmanalysis: An Introduction to the Understanding of Rhythms.

Paralelamente, "A organização social da cidade é traduzida nos e pelos ritmos urbanos, expondose, assim, a uma compreensão crítica. Isto é, a sociedade e o espaço urbano prestam-se a uma ritmanálise. A ritmanálise é método, visão e instrumento de compreensão e crítica da realidade e quotidianos urbanos. Através dela explora-se e vivncia-se polimórfica e polifonicamente ritmos urbanos, ritmos sociais." Idem, pág. 54.
"A ritmanálise estuda esse processo altamente complexo de colisão e encontro entre repetição linear - de origem social, construída, monótona - e repetição cíclica - de origem natural e por isso rítmica e renovadora" Idem, pág. p49.

[6] Idem, pág. 55.

[7] "A fenomenologia, já considerada no ponto anterior, a grounded theory, a abordagem transacional, a etnografia, a metodologia qualitativa e a itinerância/errância urbana conjugam-se e entrecruzam-se no desenho da ritmografia urbana constituindo-se os seus eixos e conjuntura de enquadramento da pesquisa." Idem, pág. 61.

[8] Stavros Stavrides apropria-se do conceito de Walter Benjamin e encara o *flanêur* e o habitante próprio como identidades que experienciam as (des)continuidades da urbanidade. STAVRIDES, Stavros – Espaço Comum: A cidade como obra colectiva, pág. 131.

[9] RODRIGUES, Cláudia - A Cidade Noctívaga: Ritmografia Urbana de um Party District na Cidade do Porto, pág. 54.

[10] Idem, pág. 77.

[11] TEIXEIRA LOPES, João Cit. por Idem, pág. 76.

[12] LIPPOLIS, Leonardo – Viagem aos Confins da Cidade, pág. 118-119.

Através desta recolha sensorial, os métodos psicogeográficos visavam a transgressão e reinterpretação da cartografia normativa, tendo-se em vista a contestação por um "urbanismo unitário, o urbanismo feito para agradar"[13].

No âmbito desta dissertação, a pertinência dos trabalhos situacionistas no campo dos estudos urbanos surge não na sua frente revolucionária de submissão expressa do desenho urbano a uma ideologia provocadoramente anti-utilitarista, mas no seu entendimento da *experiência do andar* como a ferramenta mais bela, íntima, genuína e democrática em qualquer aproximação e leitura da cidade.

[13] Internationale Situationniste - Une autre ville pour une autre vie. https://www.revistapunkto.com/search?q=constant&x=0&y=0

ii. Instrumentos

O registo em (e como) desenho

Conforme foi abordado no Acto Introdutório, o diário de campo, e, por consequência, o desenho, é por excelência o instrumento primário (de registo e de reconhecimento) do arquitecto. Este *dossier* congrega os vários momentos de registo manual com meio riscador do estudante, incluindo desenho e notas no próprio terreno, ou enquanto reflexão *a postriori*.

Ou seja, o desenvolvimento de um caderno de campo implica o acto de organizar e interpretar a narrativa de fenómenos quotidianos registados no espaço urbano. Esta (re)interpretação da realidade pelo arquitecto no seu registo da cidade acontece através do seu olhar disciplinar sobre as lógicas de organização de espaço, a par da sua constelação de referências teóricas, processuais e projectais.

O registo fotográfico

A fotografia é utilizada como registo dos cenários encontrados nos espaços intersectados pelo percurso. A fotografia tem uma longa história no campo disciplinar da arquitectura, bem como de forma transversal a variadíssimas ciências e artes, enquanto registo processual das experiências desenvolvidas[14].

A fotografia equipara-se a um dispositivo de auxílio à apresentação do percurso, possuindo em si narrativas próprias que, quando curadas entre si, ultrapassam a própria leitura proposta pelo autor. No entanto, nem todos os territórios da urbanidade nocturna se oferecem a ser fotografados (por variadíssimas razões, desde situações potencialmente perigosas ou em momentos de registo onde por razões de privacidade e anonimato não é possível fotografar-se a *cena* em questão). Nesses casos, recorre-se ao desenho.

[14] Sobre a questão teórica da fotografia é incontornável ter-se em conta a obra de Roland Barthes, *Camera Lucida*, onde o conceito de *punctum* engloba as propriedades da fotografia que instigam um processo de significação e reacção no observador. Neste trabalho, a exploração do *punctum* centra-se no tecer de uma narrativa que transmita os contextos sensoriais da noite urbana.

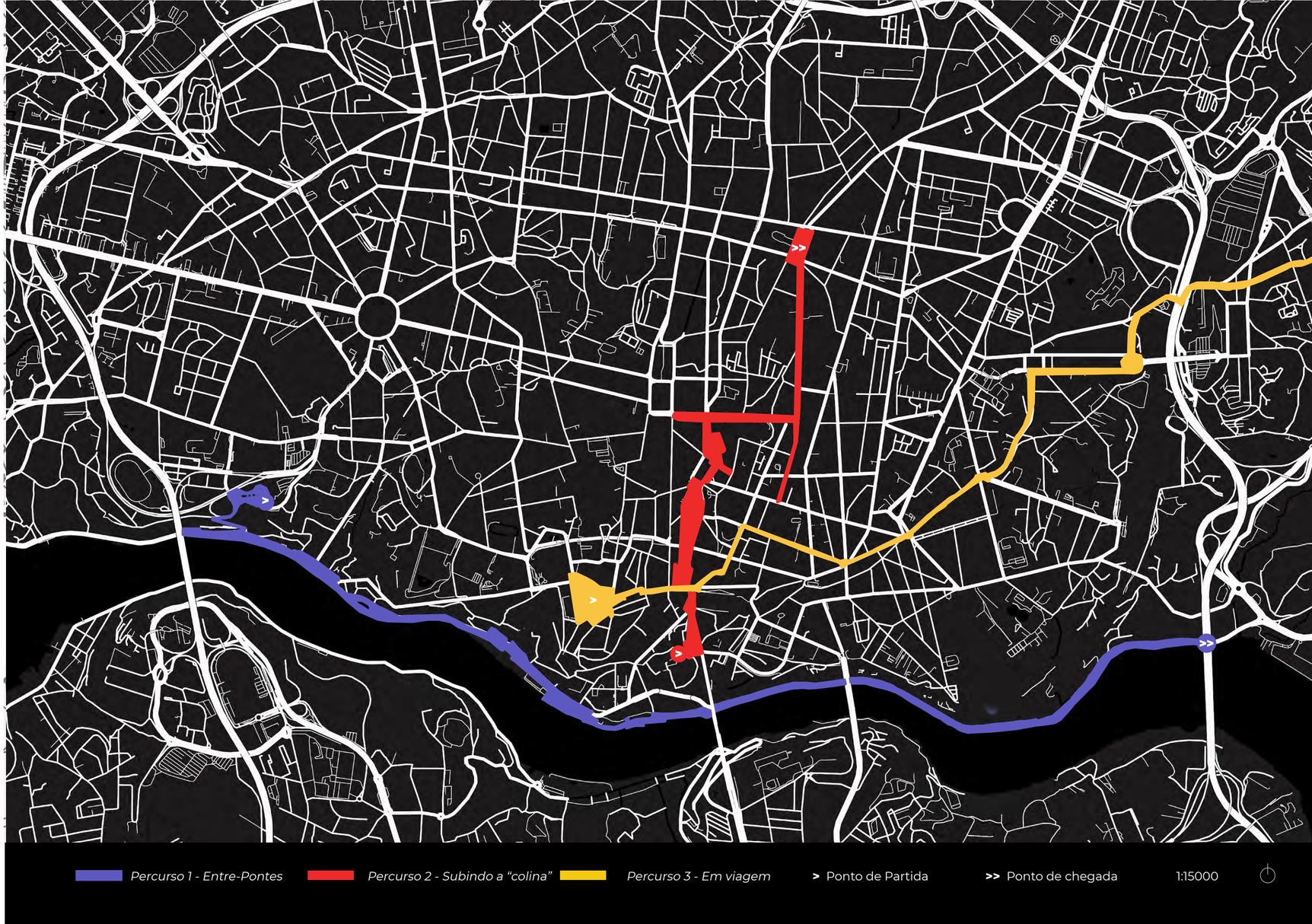
Deste modo, conjugando-se o material fotográfico, descritivo/textual/sensorial será possível tecer um retracto firme do ambiente intersectado (a par da conjugação teórica desenvolvida).

2.2 *Diário de campo*. Percursos, Lunares e Solares.

A cidade do Porto enquanto laboratório.
Notas relativas à metodologia da preparação e realização dos percursos:

1. Este trabalho adopta expressões e conceitos diversos - de abordagens como a ritmanálise e a psicogeografia - sendo convergente com várias das inquietações e propostas das contribuições estudadas. No entanto, ao posicionar-se no campo disciplinar da arquitectura e dos estudos urbanos, implica um processo de desenho dos percursos realizados que seja pertinente ao objectivo em questão: intersectar territórios-chave da noite urbana que permitam o dissertar sobre as principais questões que o paradigma introduz. Ou seja, visto que o território compreende uma infinitude de percursos possíveis, a selecção destes resulta não de uma intenção de deriva situacionista ou de um interesse filosófico e transversal nas ritmicidades da cidade, ao invés acontecendo através do conjunto de temáticas entendidas como de maior interesse no estudo da ocupação e apropriação do espaço público nocturno: (1) os principais fluxos e meios de mobilidade, dispersão e concentração no espaço público; (2) a economia da noite, do ócio e do sexo; e (3) espaços de (dis)ruptura com os quadros legais e sociais do diurno. Os percursos são desenhados conectando-se estes territórios propostos.

2. Por razões metodológicas e de continuidade no objecto de estudo, os percursos diurnos são realizados durante o período da tarde, das três às seis horas da tarde (tendo-se em vista o intersectar da cidade nos seus mais representativos fluxos de mobilidade e de presença, desde um horário laboral até ao término deste e consequente período pós-laboral ainda diurno); já os percursos nocturnos são realizados entre a meia noite e as três horas da manhã (um período onde o potencial convívio pós-laboral e os fluxos de mobilidade casa-trabalho são mitigados exponencialmente, destacando-se assim práticas e presenças na cidade inerentemente nocturnas.



Notas à navegação pela explanação expositiva dos percursos:

1. Durante a apresentação de cada percurso e consequentes reflexões, o tempo diurno encontra-se na barra inferior e o tempo nocturno na barra superior. A explanação desenrola-se sempre desta forma, relacionando-se gráfica e textualmente cada conjunto paradigmático, experiencial e sensorial.

2. Na barra de legenda, encontram-se as várias notas de identificação geográfica, tanto da posição corrente relativamente ao percurso (ex.: Ponto de Reflexão 1), como da geolocalização de cada figura ou elemento.

Pontos de Reflexão - Cartografia-resumo

Percurso 1

Entre-Pontes

[07/07/2021]

Pontos de Reflexão:

Ponto 1- Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto
A noite da Escola, a noite do desenho.

Ponto 2- Marginal, Rua do Ouro
Escalas e proporções nocturnas.

Ponto 3 – Cais da Ribeira
Cidade-postal.

Ponto 4 - Avenida Gustavo Eiffel
A escarpa nocturna da paisagem portuense.

Ponto 5 – Ponte do Freixo
O anel da cidade - noite, mobilidade e comunicação.

Este percurso inicia-se simbolicamente na Escola de Arquitectura. Segue, então, pela marginal da cidade e terminando na Ponte do Freixo.

Pretende-se intersectar a relação da cidade com a presença e constante diálogo do rio e da outra margem, Vila Nova de Gaia, numa *viagem* pela marginal que une num único gesto sequencial os vários territórios nocturnos da cidade.

P1

Ponto de reflexão 1:
Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

A noite da Escola, a noite do desenho.

[15:03]

Via Panorâmica - Faculdade de Arquitectura (Dia)

[00:04]

Via Panorâmica - Faculdade de Arquitectura (Noite)

Não há portão, o perímetro é um abraço. Entra-se na Escola como se entra numa praça.
O conjunto volumétrico da FAUP é uma sedução ao percurso. Os corpos firmes e monolíticos das torres guiam-nos. As fachadas brancas reflectem o sol de sul - por vezes é ofuscante. Todo o espaço aqui é miradouro. A margem de Gaia é o foco que o gesto emoldura. As torres conversam com o verde do outro lado do rio.

No átrio, dá-se nota de movimentos casuais, pessoas que passam, outras que visitam e tiram fotografias ao edifício. Quando chego à zona do bar, ouço risos. Os estudantes interagem com o espaço das formas mais variadas: uns encostam-se à guarda, trocando palavras e observando os colegas na sala (à mesma cota); outros recaem sobre o banco exterior.

É simbólico iniciar o percurso aqui, na Escola de Arquitectura. Vê-la desenhada não pela sombra, mas pela luz fluorescente que recorta o jogo de vãos nas fachadas das torres. Os volumes surgem como lanternas monumentais e ocas que formam caras caricatas e luminosas.
É novamente fascinante a ausência de fronteira no espaço escolar. A Escola não se cerra, mas abre-se em absoluto à noite da cidade. Convida-a e molda-a nos seus termos.
Entrar e percorrer as plataformas verdes é igualmente convidativo, mas agora pelo mistério do escuro. Como se, inesperadamente, o pudesse redescobrir. Por ser pausa lectiva, não há estudantes (o estudante de arquitectura tem normalmente tendência a prolongar o seu trabalho para o tempo nocturno).
Apenas o segurança percorre o recinto. Para além dos seus passos, o silêncio.

A atmosfera aqui é misteriosa, demasiado silenciosa. Uma Escola que dorme também.

Via Panorâmica - Paisagem para a Ponte da Arrábida, entre a vegetação dos terrenos íngremes.

Via Panorâmica - Paisagem para a Ponte da Arrábida. Linha de focos de iluminação sobre a via pública.

-A Ponte da Arrábida surge entre os tons escuros da folhagem, dos cipestres que crescem e emolduram a paisagem. A volumetria intersecta e enquadra os retalhos e ponteados de luz da outra margem do rio.

A forma arquitectónica é desenhada pela sombra, pela matéria negativa do plano iluminado. Os vãos do objeto arquitectónico recortam a escuridão interior.

O desenho volumétrico da Escola - jogo espacial de planos em luz e em sombra.

A sedução do desenho inverte-se - “arquitectura de luz”.

A distância espacial é radicalizada pelo escuro: os focos de iluminação são o elo de relação entre territórios tomados pela penumbra. Os vãos da forma arquitectónica elevam-se *a pontos de referência*, a lanternas de um *interior espacial e diurno*

O desenho volumétrico da Escola na sua relação com o espaço público.

Viaduto da via rápida sobre a Via Panorâmica.

Dicotomia espacial - espaço em penumbra e percurso iluminado da via pública.

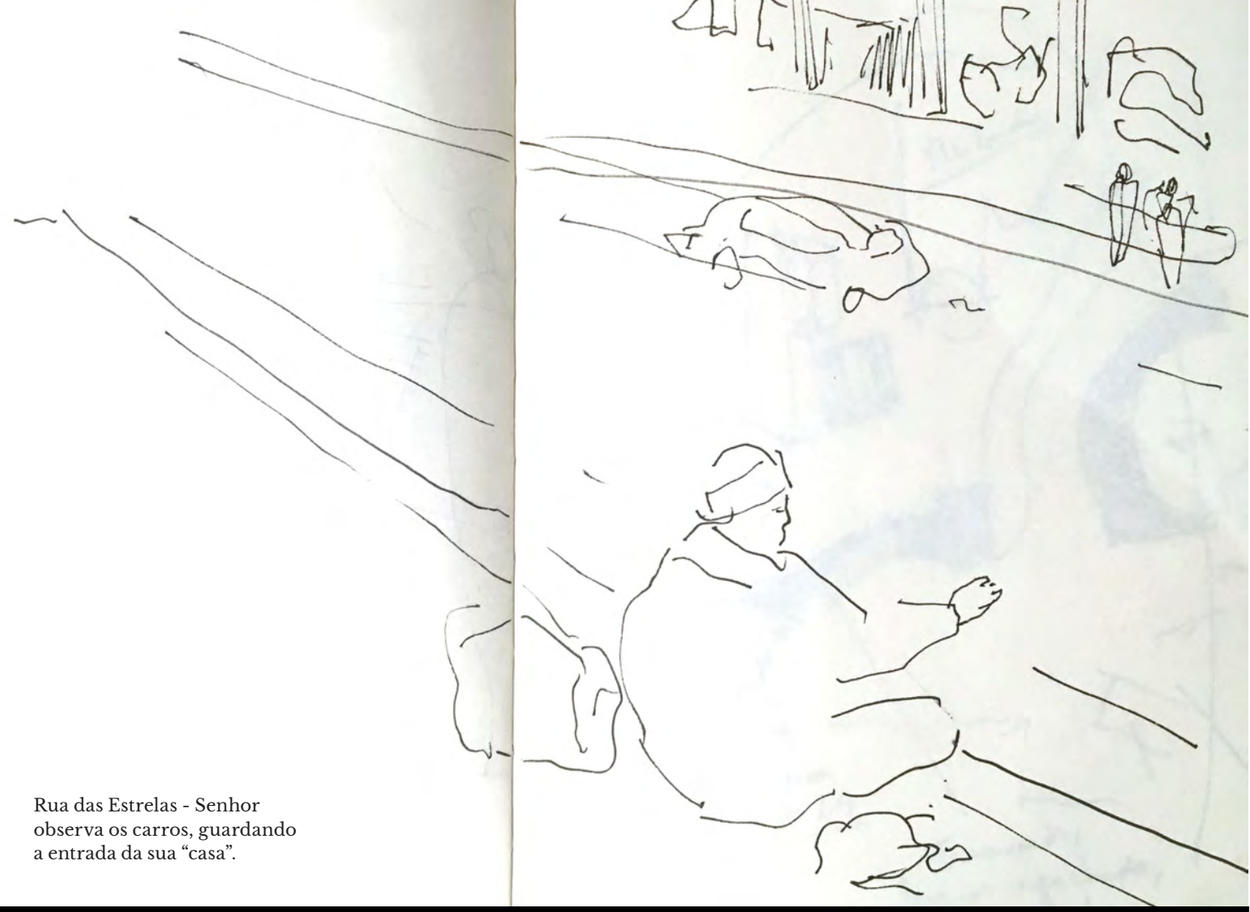
Iluminação pública sobre a Via Panorâmica - as copas das árvores intensificam a penumbra envolvente.

"Da problematização e reconsideração do volume arquitectónico".
A noite tanto inverte o projecto como clarifica a intenção: a rua enquanto veia luminosa que conecta as torres, os espaços intersticiais em penumbra, a envolvente enquanto pano de fundo escuro e embaciado para o gesto assertivo do branco monolítico.

Via Panorâmica, Rua das Estrelas

Viaduto da via rápida. Ocupação clandestina sob o tabuleiro.

Por entre os pilares estruturais do viaduto surge luz artificial.



Rua das Estrelas - Senhor observa os carros, guardando a entrada da sua "casa".

A estrutura que segura o tabuleiro do viaduto foi em absoluto tomada por uma miscelânea de objectos onde há frechas de iluminação. Pessoas na condição de sem-abrigo, na envolvente directa da Escola, tomam um espaço que conseguiram iluminar. Existe a marcação consciente de uma entrada, com um estendal e uma pequena horta...
Surge uma cabeça por entre um vão da sua estrutura informal. Dão pela minha presença e gritam: "Polícia! Polícia!". Não os consigo mais convencer a falar comigo.

*

O "viver periférico" ou o "ser periférico", não como algo geográfico, mas como uma questão relacionada com um plano subjectivo da experiência urbana.
Estar-se numa geografia, com talvez até alguma qualidade de centralidade, experienciando-se no entanto uma vivência de total "periferia" relativamente à cidade.
Trata-se, portanto, de um sentimento. O "sentir-se periférico" até no centro de tudo, até no centro da cidade, até no antro da experiência urbana. Uma vivência de constantes distâncias e alienações.

A cidade nocturna enquanto metáfora.
Territórios urbanos fragmentados

O aspecto simbólico do território nocturno,
enquanto radicalização do jogo de luz da espacialidade urbana, remete para uma clarificação da matriz projectual da condição humana.

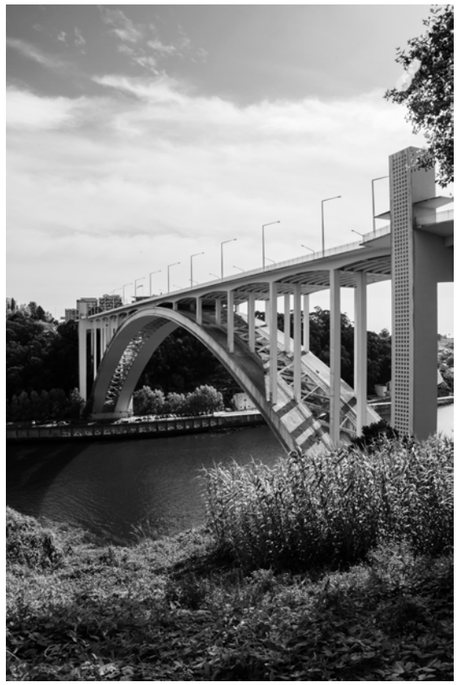
(1) A constante disputa entre espaço iluminado e espaço em escuridão abraça a metáfora do urbano: compreender a cidade enquanto um sistema muito complexo e transversal assente no *confronto*. A questão das bipolaridades e oposições identitárias, estéticas, subjectivas e intersubjectivas que habitam, definem e que expandem a espacialidade urbana através do tecido físico da cidade. O conflito, o desafio, a disputa são o *jogo* do urbano.

Na equação da urbanização, entre as constantes da proporção, posição, diálogo volumétrico, métrica e (des)ordem, também o elo entre luz e negrume impõe a sua própria narrativa.
Há cidade se não houver confronto?

(2) A noite intensifica as problemáticas da questão humana e da questão urbana:
ao se radicalizar o jogo de luz, também se evidenciam tendências prospectivas. O espaço privado surge, muitas das vezes, claramente delimitado do público. As vias públicas surgem como veias luminosas que rasgam o tecido negro da escarpa. A iluminação clarifica a leitura das espacialidades sociais: espaço público, espaço privado, espaço comum; espaço projectado, espaço sobrante, espaço expectante.

Porto e Vila Nova de Gaia - o constante diálogo entre margens do rio que se unem ao fundo num "território só".

Recortes iluminados do território que se unem com a densificação da urbanização.



Ponte da Arrábida.

Encosta não tratada. Ao fundo, a urbanização de Vila Nova de Gaia.

Ponte da Arrábida - foco de iluminação.

O claro contraste entre o aglomerado de terrenos baldios e o projecto da marginal de Vila Nova de Gaia.

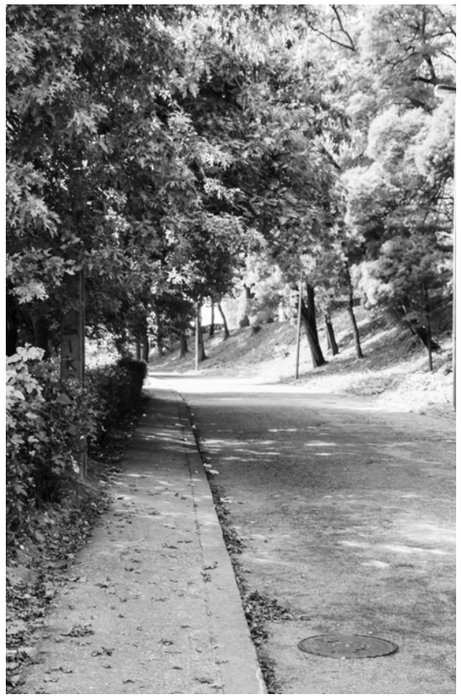
A obra arquitectónica adquire novas vertentes de presença, diálogo e inter-relação através do seu perfil iluminativo em tempo diurno. Deveras, encaram-se novas possibilidades de desenho através dos planos iluminados e da refracção do foco. De outro modo, o monumento, ou o elemento desenhado, metamorfoseia-se numa espécie de lanterna, ou de auxílio iluminativo à cidade e ao espaço público.
Neste caso, a ponte considera um objecto de ligação, relação, objecto icónico e iluminado.

Como se um farol - arquitectura luminosa, escultura-marco.

Via Panorâmica Edgar Cardoso

Espaços que se encontram vazios, ou muito pontualmente frequentados, durante o dia, subita e inexperadamente concentram em tempo nocturno novas formas de ocupação e interacção.
A escuridão da rua, a par da sua posição remota e satélite, circunscreve novos perfis iluminativos a partir dos faróis dos carros.

Carros. Jovens conversam e fumam. Homens recaem nos seus bancos e desvanecem na penumbra interior dos seus automóveis. Não é claro o que acontece aqui durante a noite, mas é claro que existe uma grande diversidade de identidades e de ocupações.



Via Panorâmica Edgar Cardoso - durante o dia, registam-se apenas pontuais presenças e movimentos.

Via Panorâmica Edgar Cardoso - durante a noite, surgem carros estacionados e jovens que conversam.

P1

Ponto de reflexão 2: Marginal, Rua do Ouro

Escalas e proporções nocturnas.

[15:38]

Pescador na Rua do Ouro, voltado para a Ponte.

A marginal acompanha o recorte do território, desenhando o perfil do rio e vivendo das relações que traça com a outra margem.

A margem de passeio quase que parece demasiado pequena para a constante corrente de carros. Passam velozes, por vezes buzinam. Uma coreografia colectiva: as pessoas, os carros, as gaivotas que rasgam o céu.

Cidade em movimento, cidade-movimento. Ritmos, pausas, intervalos e velocidades inconstantes. A cidade diurna floresce nos diálogos opostos e conturbados dos seus fluxos.

[00:47]

Os pescadores permanecem durante a noite na Rua do Ouro - são também uma das ritmicidades do percurso.

Os pescadores pontuam o passeio marginal. Conversam entre si. Lançam anzóis que brilham para a corrente aparentemente ligeira do rio.
Gaia é uma nuvem escura ao fundo, uma manta de retalhos e ponteados luminosos.
Do outro lado, vejo por vezes vultos entre os vãos iluminados dos prédios que rapidamente se desvanecem.
A massa do rio reflecte as faixas luminosas na cidade, distorcendo-as. De resto, é uma massa negra que separa as duas margens, tão perto e tão distantes simultanemanete – estando os elevadores da Ponte da Arrábida fora de serviço.

Ao andar em direcção à Alfandega, dá-se nota de zonas amplas de antiga ancoragem de barcos, onde a plataforma se lança ao rio sem guarda.
Há um momento, no Cais das Pedras, em que o desenho da rua se destaca da margem e que se torna num corredor curvo e iluminado.

Rua do Ouro

A intensidade dos focos de iluminação da Ponte da Arrábida sobre a via pública.

No espaço público nocturno, o factor decisivo é o seu determinado perfil iluminativo, a falta do desenho deste - o que possibilita, ou não, a vivência da noite de forma artificial, humanizada, domesticada.

Por outro lado, dá-se nota da qualidade "romântica" da experiência nocturna da urbanidade. O constante jogo de transição entre planos e contextos de claro e de escuro, entre cheios (fachadas iluminadas, frentes de rua de estruturas que pela sua qualidade de equipamento proporcionam outro tipo de iluminação) e vazios , entre positivo e negativo – qualidades arquitectónicas que remetem para a experiencia subjectiva da experiencia pela cidade. O romantismo, a sedução na dualidade entre territórios, entre "espaço romântico", amigo ou convidativo, e "espaço agressor", estrangeiro ou perturbador, principia no paradigma da ausência – a ausência de luz.

A fachada, iluminada, é também relativa à rede publica de iluminação e parte integrante da vivência do espaço publico nocturno. Aqui, a iluminação de um ponto de referência: o Museu do Carro Eléctrico e a própria Ponte da arrábida – "pontos iluminados" e, por consequência, "pontos de referência" (ou será ao contrário?).

O Monumento, o Edifício de Representação, que à noite adquire uma nova fachada, ou melhor, uma nova possibilidade de fachada - onde não só a perceppão da morfologia dos elementos que constituem a frente de rua apresentam novas possibilidades de escultura, mas também a de (re)consideração de iluminação do espaço público. A fachada iluminada é parte integrante do perfil iluminativo do espaço público, e, muitas vezes, representa um factor essencial para a vitalidade do seu espaço adjacente.

O Museu do Carro Elétrico e, defronte, as linhas do elétrico.

A fachada do Museu do Carro Elétrico enquanto elemento próprio da rede pública de iluminação. O desenho desta "segunda fachada" evidencia-se como aspecto vital do projecto arquitectónico.

Rua da Boa Viagem.

Esplanada no Cais das Pedras.

Viela no desaguar da Rua da Restauração com o Cais das Pedras (Dia).

Rua da Boa Viagem.

Linha do eléctrico defronte do Museu do Carro Eléctrico.

Viela no desaguar da Rua da Restauração com o Cais das Pedras (Noite).

O imaginário colectivo do medo nocturno e urbano...

... tem o seu foco no esvaziamento do espaço público, na penumbra anónima e alienante.

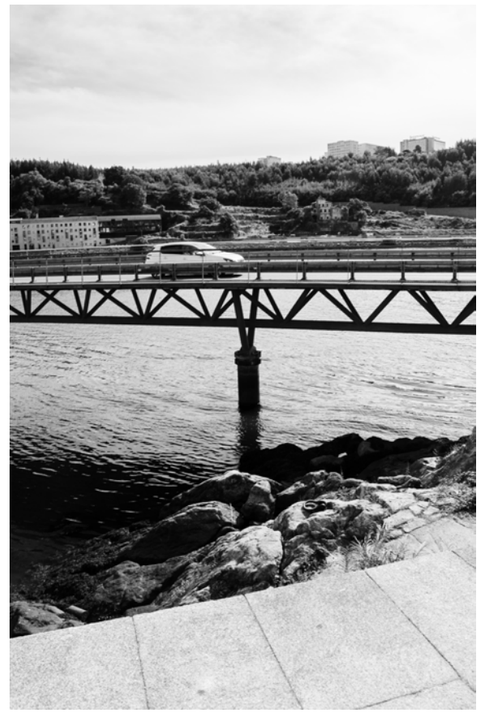
Viaduto do Cais das Pedras

Viaduto do Cais das Pedras - antigo local de atracagem de barcos.

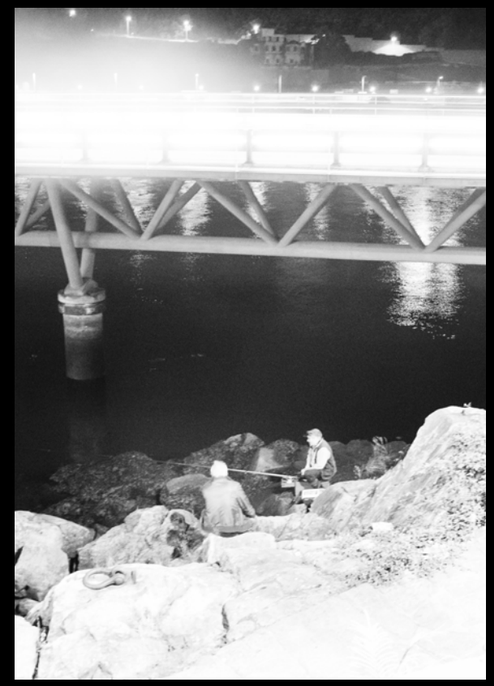
Viaduto do Cais das Pedras - linha contínua e horizontal de iluminação.

Pescadores noctívagos usufruem do perfil iluminativo do viaduto, que resplandece na corrente ligeira das águas do rio até à outra margem.

Conversam, comem e bebem na encosta. A rocha, iluminada pelas linhas contínuas e curvas de iluminação fluorescentes, é também um corpo luminoso e convidativo.

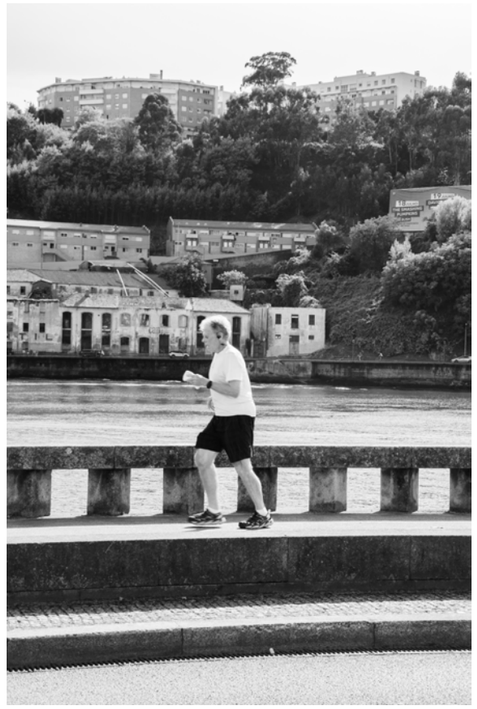


A escarpa do Cais das Pedras na sua relação com o viaduto.



Pescadores ocupam a escarpa sob a luz do viaduto.

Rua Nova da Alfândega



Diversas dinâmicas de utilizam e ocupação da via pública ao longo da marginal.

Viaduto do Cais das Pedras

Escadas do Caminho Novo

Rua Nova da Alfândega

Entre as arcadas dos prédios, vejo um casal. Duas figuras tão próximas que se tornam num único vulto.

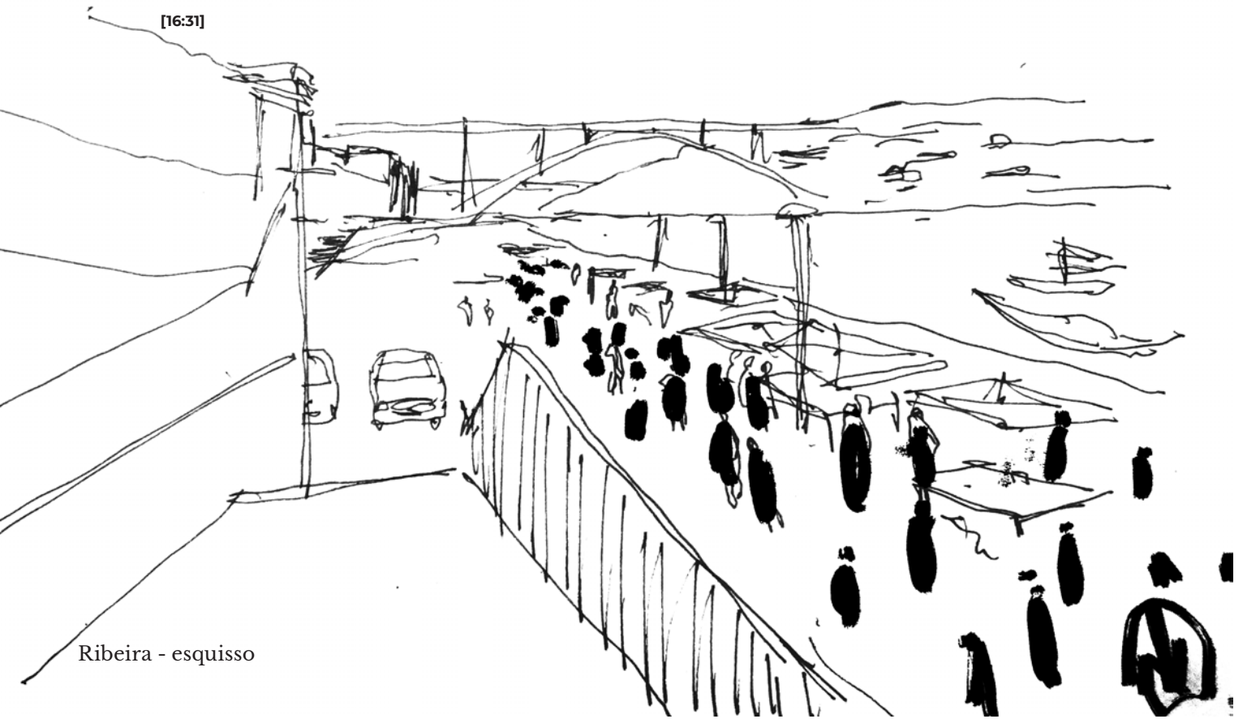
A cidade nocturna enquanto intimidade

A questão do limite ténue, por vezes indecifrável, entre o espaço privado e o espaço público está assente exactamente na indefinição do espaço íntimo, que não pertence a um domínio específico. O espaço íntimo ousa em diluir fronteiras e em procurar o escuro.

P1

Ponto de reflexão 3:
Cais da Ribeira

Cidade-postal



Ribeira - esquisso

Cidade postal - A Ribeira envolvida pela malha patrimonial iluminada.

Cheira a peixe grelhado e ao calor ensoado que vem debaixo, do pavimento de pedra granítica.
Uma violenta azáfama na corrente de corpos. O barulho é quase violento, uma nuvem densa de palavras estrangeiras vindas das esplanadas e dos pontos de atracagem dos barcos turísticos.

O rio, de perto, é mais azul.
É essa a paisagem de quem passeia: ao fundo, a imponência e delicadeza da estrutura férrea da ponte, a marginal de Gaia e as telhas de cor escura das coberturas empilhadas das caves de vinho do Porto; em posição intermédia, e como corpo inerente de relação, o Rio Douro, corredor constante de corrente esverdeada, tanto uma fronteira como um abraço; e pontuando a frente de passeio, as bancas de vendedores, com brincos e objectos de metais que cintilam ritmicamente, a enquadrarem a paisagem global.
O movimento é tanto que se torna difícil tomar caminho recto.
Sinto-me como dentro de um postal. As cores do edificado recebem o sol e vibram.
A cidade torna-se paisagem, como cenografia, como Aldo Rossi e o seu Teatro veneziano do Mundo:

O turista e a paisagem-postal.

Ouço poucas pessoas. De repente, o postal é outro.

A qualificação da paisagem, exactamente pela iluminação do espaço publico, resulta numa espécie de postal: a margem e a paisagem da cidade, como o desenho de determinados momentos de perspectiva contornados pela rede iluminativa.

As estruturas estão encerradas. O metro deixa de passar pelo tabuleiro superior da ponte. Há mais silencio, apesar de ainda cá estarem alguns turistas (que agora tiram foto ao postal nocturno).

Abordam-me duas vezes: pedem-me dinheiro.
Observo como algumas das pessoas cruzam a Ribeira com incerteza e desconfiança, como se a decidiram que já é demasiado tarde para acederem ao espaço, entrar nas ruas... Coexiste a presença do turista com pessoas que dependem da “esmola” do turista.

Travessa do Outeirinho

Rua do Outeirinho

Travessa do Cais da Estiva

Anonimato e solidão na cidade,
A cidade enquanto descoberta e ilusão.
Territórios urbanos da memória e do desconhecido.

Travessa do Outeirinho

Rua do Outeirinho

Travessa do Cais da Estiva

A experiência nocturna desencadeia um (re)descobrir da cidade no inquietante confronto paradoxal com o vazio de espaços outrora apinhados. O transeunte noctívago é submerso no absoluto palimpsesto do imaginário urbano do que pode acontecer a altas horas. As ruas tornam-se escuras, húmidas, mudas. O turista desaparece, o turista dorme. Nestas estreitas passagens, a cidade parece dormir também.
O anonimato do indivíduo na noite citadina é violento. A pedra rude das estruturas históricas parece cercar-me num labirinto nocturno. Se passa alguém, desconfio. Há quem desconfie de mim também.

Quem sou eu, aqui?
Quem fui eu, aqui?

Rua da Reboleira

Os fluxos turísticos jogam num movimento duplo de interacção, ocupação e expansão na cidade. Por um lado, conduzem e transferem mais pessoas para o espaço publico. Efectivamente, o espaço urbano, por si, torna-se mais seguro pela sua maior ou menor frequência. No entanto, e a determinada altura, o fluxo turístico interpela a dinâmica nocturna grandes conglomerações. Não se distingue a passagem do dia para a noite, quase como uma banalização do espaço nocturno em determinadas zonas dada a invasão por estes grupos estrangeiros, visitantes, a espaços com os quais têm relações apenas singulares e momentâneas.

A turistificação, por um lado, é algo que cria movimento e dinâmica na própria cidade e estimula um conjunto de actividades que contribuem inclusivamente para que o próprio espaço publico funcione como um espaço alargado de convência. Por outro lado, corre-se o risco de expulsar, de forma advertida ou inadvertida, os próprios habitantes desses territórios - quase como uma substituição dos utilizadores desses espaços através da massificação da utilização do espaço púbico. O fluxo turístico nocturno opõe-se à concretização de espaços bucólicos, de silêncio, de ausência, de contemplação e de interlúdio, qualidades que uma cidade deve oferecer.

A par desta reflexão sobre a turistificação, dá-se nota de que o espaço nocturno não se apresenta como tão perigoso quando se funciona em grupo. Quando isolado, quando se caminha sozinho, a qualidade de insegurança urbana interpela a experiência individual com sensações de desconforto e insegurança.

Rua da Reboleira

Rua de S. João

P1

Ponto de reflexão 4:
Avenida Gustavo Eiffel

A escarpa nocturna da paisagem portuense.

[16:55]

Turistas sentadados nos bancos da marginal da Avenida Gustavo Eiffel à sombra da ponte.

A escarpa do Porto, neste lado da Ponte de Luis I, é um mosaico complexo de cronologias, memórias, materialidades, sucessos e falhanços. As ruínas contam histórias da domesticação deste terreno íngreme, da carquejeiras que subiam as inclinadíssimas ruas com cestas sobre a cabeça...
É inquietante entrar num espaço tão "selvagem" numa zona tão central. O verde devora as ruínas.
Vejo que toma uma área da escarpa foi (re)tomada por um projecto de hortas comunitárias. Ao fundo, vejo pessoas que criam sulcos com sacholas.
Mais à frente, o comboio emerge da escarpa, como se uma serpente que a perfura e percorre.

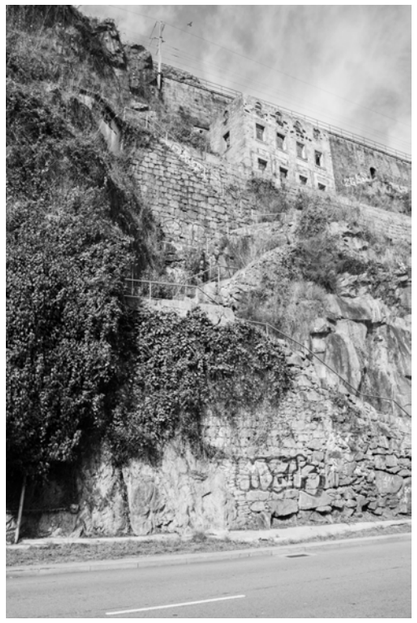
A plataforma para o tabuleiro do comboio cria um espaço inferior de escarpa não tratada. Mesmo em plena luz do dia, é um espaço em permanente sombra. Vejo movimento.

[01:48]

Rulote Nascimento - Avenida Gustavo Eiffel

Nas hortas, há pessoas. Consigo ouvi-las, ao longe, e apesar de estar cá em baixo.

Ao fundo, a Ponte do Freixo.
Encontro uma rulote que lança luz fluorescente para a rua. Está montada em encosto à escarpa negra. É como se fosse uma lanterna que atrai insectos voadores. Num percurso tão solitário, encontro um grupo de pessoas que se reúnem junto da rulote. Outras que se sentam na guarda, do outro lado da rua, a comerem os seus cachorros e a beberem cervejas. Ao mesmo tempo, olham-me como se soubessem que não sou um habitual...
Sou abordado por "esmola". Depois, vejo o individuo a fugir para a escuridão, rumo às estreitas escadas de pedra que vem um terreno tão ingrime e tão "desconhecido".

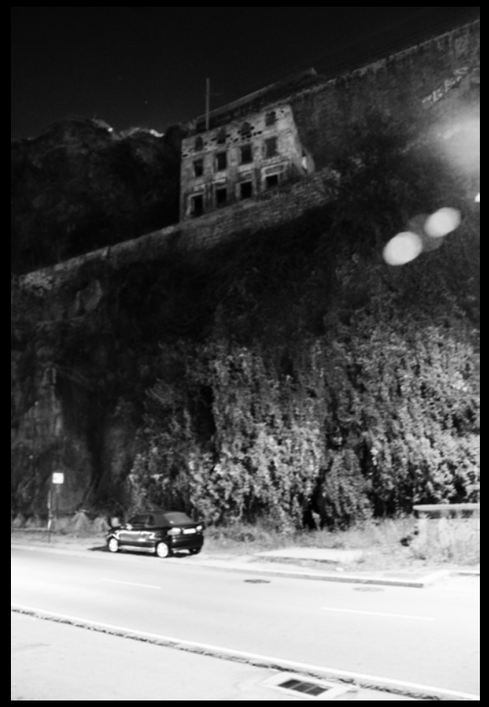


Escarpa marginal.

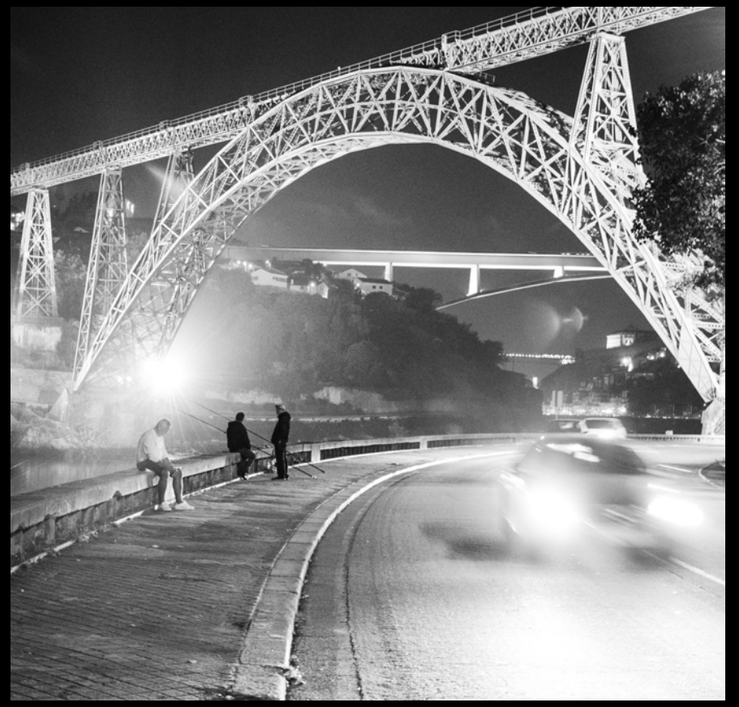
Surge o paradoxo de se reivindicar o desenho do espaço público nocturno, a humanização e domesticação destes espaços sobrantes, terrenos baldios, enquanto ao mesmo tempo se aprecia a qualidade momentânea de excepção de um vazio urbano não desenhado, não vigiado e não concretamente funcional – o jogo entre o desenho oficial e não oficial, entre o projecto realizado e o espaço sobrante, anónimo, "de ninguém".

Passeio marginal. A ponte enquanto paisagem.

Avenida em "interlúdio".



Escarpa "sucumbe" à penumbra.



A ponte enquanto objecto iluminado.

P1

Ponto de reflexão 5:
Ponte do Freixo

O anel da cidade - noite, mobilidade e comunicação.

[17:45]

Transeuntes disfrutam da sombra da ponte.

Família passeia pelo largo perfil pedonal.

[02:37]

Durante a noite, ao invés de escurecer, a ponte ilumina.

A Via de Cintura Interna constitui possivelmente uma nova "muralha" contemporânea - perímetro fisíco de comunicação que actua de forma "transparente".

A Ponte volta a enquadrar a paisagem e a reconsiderar a escala urbana para com os transeuntes, iuminado-os com os focos reverberados do branco de betão.

A ponte ilumina o território, como se de um sol se tratasse. Esta acção de iluminação constitui uma vital oportunidade de projecto - toda e qualquer grande estrutura pública considera também um perfil iluminativo consequente nos seus territórios nocturnos.

Passeio marginal totalmente iluminado.

Pontos de Reflexão - Cartografia-resumo

Percurso 2

Subindo a “colina”

[14/07/2021]

Pontos de Reflexão:

Ponto 1- Rua Escura

Principiar nos espaços históricos de escuridão.

Ponto 2- Estação de S. Bento, Avenida dos Aliados

O centro nevrálgico e nocturno da cidade.

Ponto 3 – Rua Gonçalo Cristóvão, Estação de Metro da Trindade

Identidades e presenças da transgressão.

Ponto 4 - Rua de Santa Catarina

A noite do organigrama funcional da cidade.

Ponto 5 – Praça do Marquês de Pombal

O jardim nocturno.

Este percurso inicia-se na área-berço da cidade do Porto. Nomeadamente, na Rua Escura, onde a toponímia surge como elemento convidativo e simbólico para o ponto de partida. Num eixo transversal ao leito do rio, pretende-se a criação de uma intercepção do centro da cidade ao longo da sua pendente, percorrendo-se o palimpsesto profundo e antigo da cidade.

Ao se intersectarem os centros nevrálgicos da cidade e os diversos espaços e equipamentos a si associados, gerar-se-á uma aproximação à profunda mudança nos fluxos de movimentação e ocupação destes territórios entre-tempos - entre presenças e discursos diurnos e nocturnos, oficiais e não oficiais, formais e informais.

P2

Ponto de reflexão 1:
Rua Escura

Principiar nos espaços históricos de escuridão.

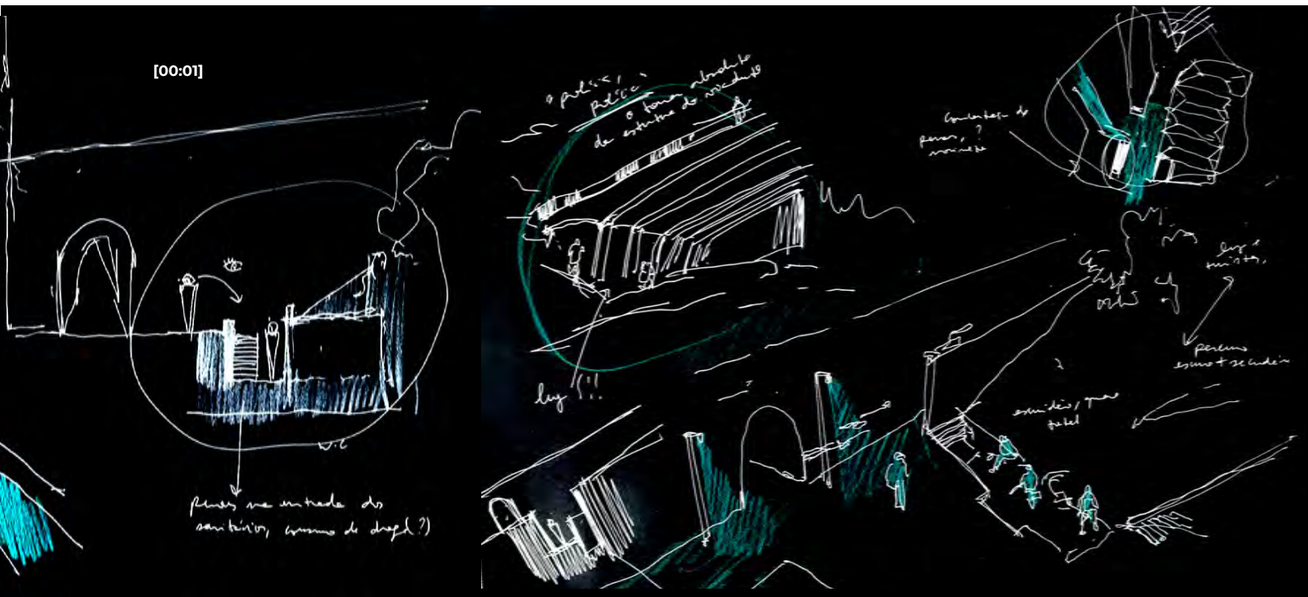
[15:04]

Rua Escura: passagem para a “Avenida da Ponte”.

Rua Escura: turistas e moradores na rua.

Vista do Terreiro da Sé para a Rua de S. Sebastião.

“Ocupantes” do espaço de preparação para os sanitários da Rua Escura.



Estudo da concentração de pessoas no espaço de preparação para os sanitários da Rua Escura.
Durante a noite, os “ocupantes” preenchem os espaços mais escuros.

Estas ruas estreitas de herança medieval são conturbadas, misteriosas e enigmáticas. A linha de visão é curta, a iluminação fraca e amarela. As fachadas dos edifícios tornam-se em duas paredes, altas e cegas, que me cerram. Já perto da Avenida da Ponte e o antigo mercado, passo por um grupo de pessoas que tomam um canto do espaço público, entre um dos muros do projecto da Casa dos 24 e a escarpa rochosa. Definitivamente, este espaço considera-me estranho... e eu a ele.

Olham-me. Não sou bem-vindo. Escondem-se por detrás de guarda-chuvas e dos muros que rodeiam o espaço de preparação para os lavatórios públicos.

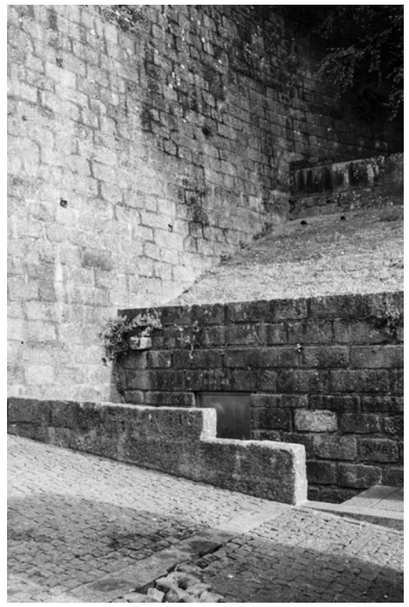
A noite inclui também momentos de violência e inquietação. Espaços progressivamente escurecidos ao longo do dia, onde a condição de isolamento nocturno se encontra durante o dia também – novamente a questão do “viver periférico”. A condição nocturna transborda-se para o tempo diurno: o tipo de ocupação é igualmente “nocturno”, desviante, periférico. Este momento urbano de excepção acontece onde a “escuridão” invisibiliza fenómenos desviantes, transgressões e ilegais.

Rua Escura: passagem para a “Avenida da Ponte”.

Sé Catedral do Porto enquanto objecto iluminado - a “segunda” fachada.

Na envolvente da estrutura icónica da Sé Catedral do Porto e da sua esplanada envolvente: a escarpa não tratada, a sua escuridão e os seus movimentos diminutos de quem habita a penumbra. É um caso recorrente, em adjacência a percursos principais da cidade, iluminados e reconhecidos, surgem percursos alternativos, obscuros e enigmáticos. Neste caso, o espaço iluminado é compatível com o miradouro do Terreiro da Sé, permitindo fluxos turísticos e higiénicos em sobreposição a outro tipo de movimentos transgressores.

Por entre as plataformas escuras de escarpa, ruína ou de cobertura desenhada, vejo movimentos. Homens sós, aninhados sobre si mesmos, em pontos cegos do percuro turístico.



Espaço de preparação para os sanitários da Rua Escura.

Casa dos 24, vista da Rua Escura.

Escadaria do Terreiro da Sé para a Rua Escura - escarpa e plataformas em absoluta penumbra.

Movimentações discretas pela Rua Escura.

O turista e a loja de turismo.

A personagem do turista é parte integrante das paisagens portuenses da urbanidade.Os fluxos diurnos e turísticos alteram a morfologia da urbanização, que ao atender à vinda em massa de identidades estrangeiras se metamofoseia numa experiência, ou producto, a ser vendida ou consumida.

Paisagem urbana - "manta de penumbra" com momentos pontuais de iluminação.

Durante a noite, o fluxo turístico mantém-se, embora diluído. O território em penumbra ameaça a identidade desconhecedora do turista.

P2

Ponto de reflexão 2:
Estação de S. Bento, Avenida dos Aliados

O centro nevrálgico e nocturno da cidade.

[15:32]

S. Bento: duas dinâmicas de mobilidade

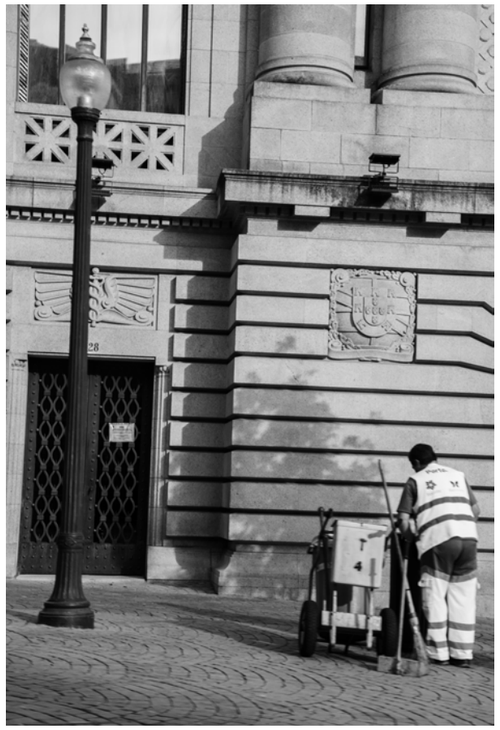
S. Bento: Tourist Service

[00:41]

Momento singular em que grupo de pessoas conversa sob a luz do poste de iluminação. As pessoas, "como se traças", aproximam-se do espaço iluminado.

S. Bento: o *quasi* esvaziamento da envolvente.

A cidade do Porto inclui este centro nevrálgico, estes momentos de cruzamento, fluxos de atravessamento que não o preenchem propriamente.
A movimentação no centro é apenas realizada por três factores: os movimentos turísticos, movimentos relativos ao ócio nocturno e a questão da mobilidade urbano-nocturna. Esta última dinâmica urbana da mobilidade é a mais visível de momento, a que mais agiliza e coreografa o preenchimento humano da espacialidade deste espaço que se dá também na sua "representação" de equipamentos vitais.



Recolha do lixo e limpeza da rua em período diurno.

A “espera” pelo autocarro.

Um casal desfruta de um dos bancos da Avenida.

“Ocupação” de espaços intersticiais da obra arquitectónica a partir da via pública - as (in)visibilidades da paisagem urbana.

As “invisibilidades” das urbanidades - a banalização dos contrastes sociais na paisagem urbana.

A “espera” pelo autocarro, do outro lado da Avenida.

O “banco nocturno”.

O “autocarro nocturno”.

Aqui, a única mobilização (à excepção dos veículos automóveis) é a das redes de transporte público e colectivo nocturnas. A esta hora, a Avenida vazia entrega-se apenas aox movimentos pendulares dos autocarros.

P2

Ponto de reflexão 3:
Rua Gonçalo Cristóvão, Estação de Metro da Trindade

Identidades e presenças da transgressão.

[16:03]

Galeria de projecto de habitação - prolongamento da via pública.

[01:07]

Galeria de projecto de habitação - durante a noite, um resguardo ou abrigo.

As galerias e arcadas dos prédios, bem como certas entradas, criam nichos de espaço público que as pessoas na condição de sem-abrigo tomam.

Passo pela galeria de um dos edifícios de habitação (entre tantos hotéis e os seus lobbys garridos) e uma mulher, encostada a um dos pilares, chama-me. Acontece mais do que uma vez. Este é definitivamente um intersectar da rede de prostituição, que surge com a noite. Aqui mesmo, mesmo em frente ao posto da polícia no Silo-Alto. Tudo absolutamente transparente e descoberto.

Por vezes, passa alguém por mim – apressado. Esta rua não é alcatroada, os pneus rolam sobre as peças do pavimento e ecoam. A noite é exactamente isto: a activação do silêncio e a multiplcação dos sons, que, inesperadamente, trepam pelas vértrebras e ecoam na nuca.

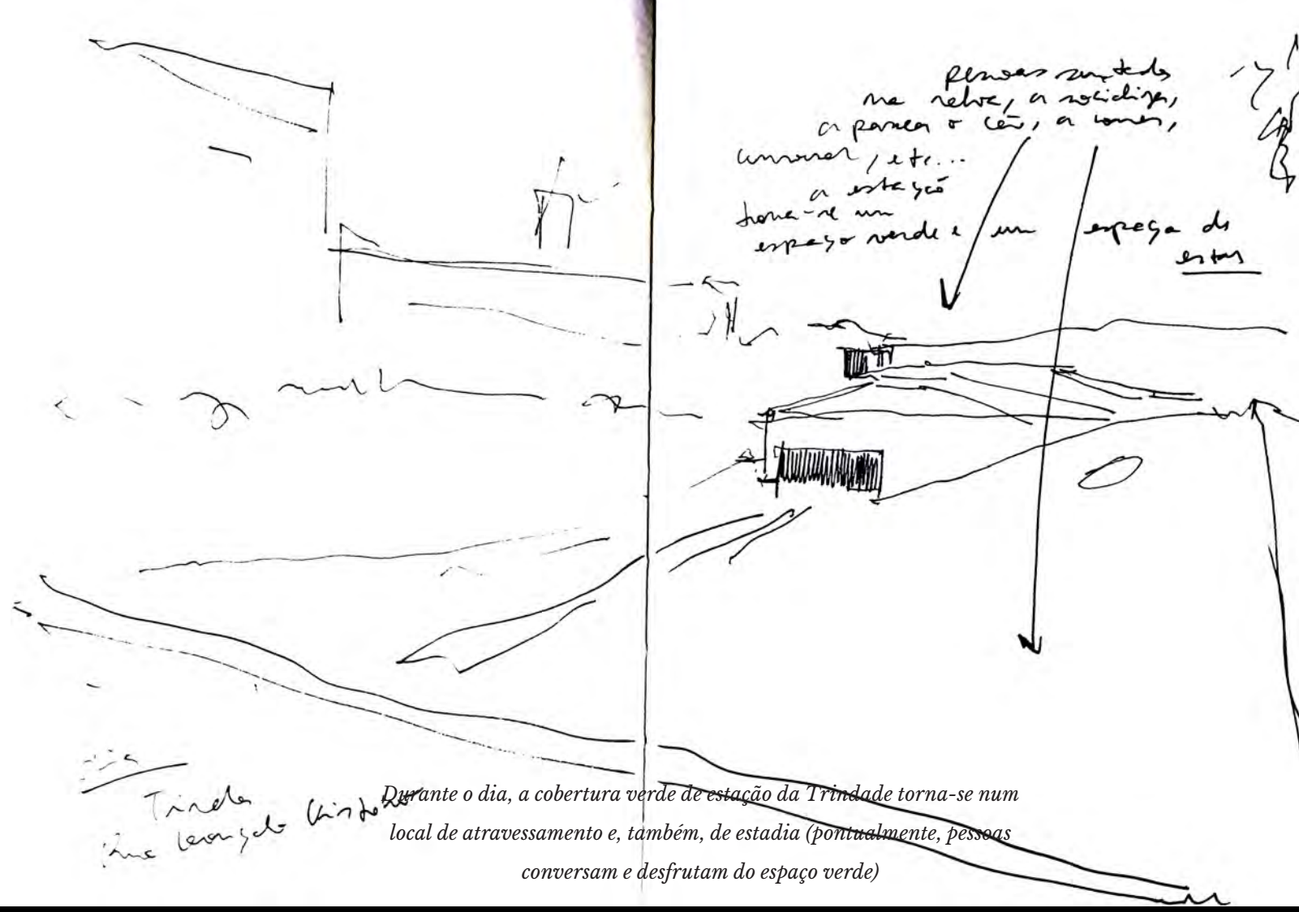
Rua de Camões (dia)

Rua de Camões (noite)

Rua Gonçalo Cristóvão, Estação de Metro da Trindade

A cidade nocturna enquanto metamorfose,
Territórios urbanos temporalmente multifuncionais.

A Rua Gonçalo Cristóvão ilustra como do mesmo território são tecidos discursos formais e informais, oficiais e não oficiais, legais e ilegais. A discrepância é produzida pela marcação temporal: o diurno conjuga fluxos constantes de movimentação pedestre e automóvel, estabelecimentos comerciais e de serviços activos, inclusive a presença de um posto da polícia. Conforme mencionado, durante a noite, o quadro identitário sofre uma mudança total: certos espaços intersticiais (e sobrantes) da rua são ocupados por pessoas na condição de sem-abrigo, dinâmica que coabita com o surgimento de redes de prostituição.



Durante o dia, a cobertura verde de estação da Trindade torna-se num local de atravessamento e, também, de estadia (pontualmente, pessoas conversam e desfrutam do espaço verde)

A paragem de autocarro - foco de luz em via pública - “abrigo”

Estação da Trindade - um subterrâneo “tunel de luz”. O espaço verde torna-se num território isolado e vazio.

Rua Gonçalo Cristóvão

Nestes espaços centrais da cidade, entre a intensificação dos fluxos quotidianos urbanos, inter e intra-municipais, surge também a radicalização da ocupação transgressora do espaço. Na questão das pessoas na condição de sem abrigo, a forma nocturna do espaço publico é ocupada enquanto habitação temporária de sobrevivência. Durante o dia, dá-se nota desta presença através de elementos que preenchem espaços sobrantes do desenho arquitectónico de certos edifico ou, por exemplo, entre os pilares do viaduto. Durante a noite, esta presença evidencia-se, dá-se um processo de substituição dos autores e agentes intervenientes na narrativa do espaço publico.

Relativamente a estes fenómenos, dá-se nota da banalização da sua visualização. Não constitui um momento extraordinário na passagem das pessoas pelas ruas e pelas praças onde acontece. Normaliza- -se o "habitar a noite", "ocupar-se a rua" ou o espaço intersticial do alçado.

"Ocupações" efémeras da via pública associadas a pontos de luz.

P2

Ponto de reflexão 4:
Rua de Santa Catarina

A noite do organigrama funcional da cidade.

Rua de Santa Catarina

Azáfama.

Nesta zona possibilita-se uma critica à cidade de zonamento monofuncional. Nestas zonas urbanas, o monopólio de ocupação pela parte dos comércios e dos serviços circunscreve um processo de substituição ao implicarem os seus determinados horários exclusivamente diurnos. A ocupação torna-se específica e exclusiva ao normalmente terminar com o fim do horário laboral.

Ao contrário de outro tipo de programas, como a habitação (neste caso, sublinha-se a prevalência de alojamento local e de imóveis de aluguer de curta duração), estes não implicam permanência. Quando se retira a habitação da equação, a monofuncionalidade torna-se indesejável. Deixamos de ter um processo de identificação com o espaço, claramente visível no espaço de habitar, por vezes transferível ou prolongável para o espaço da rua. Com o comercio, sem mais nenhum tipo de diversão ou ocupação nocturna (cafés, bares, etc) a partir das 8 da noite o espaço esvazia-se e entra num interlúdio funcional completo, "renascendo" apenas as 8 da manhã do dia seguinte.

A movimentada Rua de Santa Catarina em "interlúdio".

(O violento contraste do ambiente nocturno nesta rua.)
As lojas fecham-se, as vitrines cegam-se com grades de metal. O rés-do-chão de toda a frente de edificado que delimita esta rua, antes poroso e movimentado, é agora barreira.

P2

Ponto de reflexão 5:
Praça do Marquês de Pombal

O jardim nocturno.

[17:08]

Senhores conversam em banco de jardim.

[02:37]

Novamente, a paragem de autocarro enquanto “abrigo” urbano iluminado.

As pessoas emergem das saídas da estação de metro, como formigas a sair do formigueiro profundo e subterrâneo. Os senhores já idosos matam o tempo (como habitualmente) a jogar às cartas em grupo. É caricato, vê-los, mas agora de máscara. Há também quem durma no banco do jardim...

É inquietante cruzar um jardim à noite. A falta de iluminação remete para a nictofobia. Vejo movimentações suspeitas. Pessoas que esperam e pessoas que se encontram com outras pessoas. Penso no Jardim de S. Lázaro, que sendo encerrado durante a noite torna-se num espaço impedido, proibido. Aqui, também não é clara qual a função exacta deste parque nocturno – talvez se circunscreva ao factor meramente visual.

Relactivamente ao jardim nocturno, por um lado, dá-se nota da democratização no acesso ao território durante todo o dia; por outro, da existência inevitável de fluxos clandestinos, marginais e transgressores da cidade.

Praça do Marquês de Pombal

Movimento de entrada e saída na estação de metro. Senhores jogam à sueca em mesa de pedra.

Movimentações nocturnas do turismo.

Senhor alimenta as pombas do jardim.

O Jardim, vital equipamento urbano, pode ser utilizado pelo seu usufruto directo (permanência no espaço) ou pela sua mera visualização (viver-se, por exemplo, junto a um jardim – ir-se à janela). O território é valorizado pela existência do jardim. No entanto, é evidente o medo generalizado de se cruzar o jardim nocturno. As pessoas contornam-no, evitando cruzar a penumbra que se intensifica e densifica.

Levanta-se, portanto, a questão do jardim nocturno que se encerra e o jardim nocturno que não se encerra. O jardim nocturno que é considerado como um prolongamento do espaço publico, em vez de um espaço isolado do resto da malha urbana, integrado e desenhado para o aproveitamento nocturno. Esta "conquista" da penumbra insegura do espaço publico dá-se também na conquista dos territórios da noite para o aproveitamento nocturno.

Praça do Marquês de Pombal

O jardim nocturno e as suas diversas matrizes de iluminação - da penumbra total da vegetação e da copa das árvores à cintura de iluminação na via pública e nas paragens de autocarro.

Pontos de Reflexão - Cartografia-resumo

Percurso 3

Em viagem:
o autocarro e a paragem de autocarro.

[17/03/2021]

Pontos de Reflexão:

Ponto 1- Jardim da Cordoaria
O sono do espaço público. Anonimato e solidão.

Ponto 2- *Em viagem*, cruzando a Área Metropolitana do Porto
Fragmentos urbanos: a rede intercisa
de territórios nocturnos.

Ponto 3 - Terminal de autocarros, Centro do Passal
Do partir e do chegar: urbanidades em confronto.

O presente percurso pretende inscrever o meio de mobilidade como outra forma de entender a cidade nocturna. Tal como o arquitecto Álvaro Siza descreve a viagem de eléctrico e de comboio como um meio particular de observação e compreensão da cidade do Porto pela sua velocidade e percurso intersticial pelo conjunto urbano, proporcionando diferentes perspectivas do território.

Entende-se também como crucial a inclusão das redes de mobilidade nocturna neste trabalho. A noite não implica uma paragem nos serviços de transporte público. Pelo contrário, e conforme será abordado no relato, a noite inscreve dinâmicas de movimentação que são essenciais ao tempo diurno. A paragem de autocarro surge, então, como uma estrutura específica e essencial que pontua a cidade. Surge, geralmente, como uma instalação de iluminação fluorescente que marca as veias da cidade e que dirige e coordena os fluxos sobreterrâneos de transporte.

Importa também referir que este percurso se inicia no centro histórico da cidade e que termina no limite da Área Metropolitana do Porto, numa intenção deliberada de desenhar a mudança sequencial do perfil iluminativo e das diferentes morfologias do espaço urbano durante o tempo nocturno.

"Havia uma janela de comboio na qual surgia subitamente a cidade. Uma visão rápida, quase irreal. Era necessário treino e truques para apreender tudo - instantâneo perfil petrificado, animal desdobrado, sucessão de episódios, intervalos, Torre dos Clérigos dourada pela limalha dos cabos eléctricos, torres de igrejas conventuais, Grilos, Sé, cubo imponente de Nasoni, muralha cruzando o arco de ferro da ponte, encostas desfeitas e casario, casario, reflexos de azulejos, empenas em chapa zincada de sumptuoso vermelho veneziano, telhas, vidros de clarabóia cortantes como espelhos."
SIZA, Álvaro - 01 Textos, pág. 139.

P3

Ponto de reflexão 1:
Jardim da Cordoaria

O sono do espaço público. Anonimato e solidão.

[15:35]

A paragem de autocarro enquanto centro nevrálgico de movimentações na via pública.

Junto à paragem está um conjunto de pessoas que esperam. Uma senhora de vermelho alimenta as pombas na esplanada do CPF e há crianças que jogam à bola.

A pedra granítica do pavimentos e das fachadas envolventes reflecte a luz do sol.

Sinto-me no olho do furacão, da azáfama. O 801 chega e eu junto-me à fila de entrada.

[23:04]

Anonimato e escuridão na “espera” pelo autocarro.

Sento-me no banco da paragem de autocarro. É quase como se um abrigo frágil e transparente.

Olho em volta. O Jardim da Cordoaria é uma frente densa e escura. A luz da lua não trespassa as copas das árvores. Vejo, ao fundo, entre os troncos intercalados das árvores, um parque infantil que sucumbe ao escuro. Está vazio, despojado em absoluto da sua função, da sua raison d’être. De uma certa forma, assume uma presença, não inútil, mas escultórica. Como se uma instalação exuberante e colorida em pleno espaço público.

A esplanada do Centro Português de Fotografia é um recinto inquietante, por tão amplo e tão vazio. Lembra-me um palco de teatro, cuja cenografia é a fachada firme do edifício vazio oitocentista. A par do silêncio, sinto-me sempre na expectativa de que algo ou alguém entre em cena.

A cidade à noite é mais fria. A brisa nortenha tem uma forma especial e aflitiva de soprar. A cidade à noite também é mais distante. Em praticamente todos os espaços, entra num interlúdio total e dorme também. Os espaços jazem quase como se sem função. E eu, também, num espaço que deixa de ser de representação da vida quotidiana, sinto-me perdido. É inquietante sentir-me tão sozinho e tão anónimo na cidade que sempre conheci.

Ouço o som do autocarro, que chega e estaciona. Sou o único a entrar no último autocarro da linha.

A "viagem nocturna de autocarro".
A apreensão em movimento da cidade - o jogo da malha de luzes intensifica-se, os territórios fundem-se numa única paisagem solitária, bucólica e quase que inteligível de vultos pontuais.

P3

Ponto de reflexão 2:

Em viagem, cruzando a Área Metropolitana do Porto

Fragmentos urbanos: a rede intercisa de territórios nocturnos.

[16:07]

O ar é quente, abafado.
O autocarro quase que se esvazia na paragem de Caramujeira.

Senhor fala ao telemóvel - som que ecoa pelo autocarro.

[23:38]

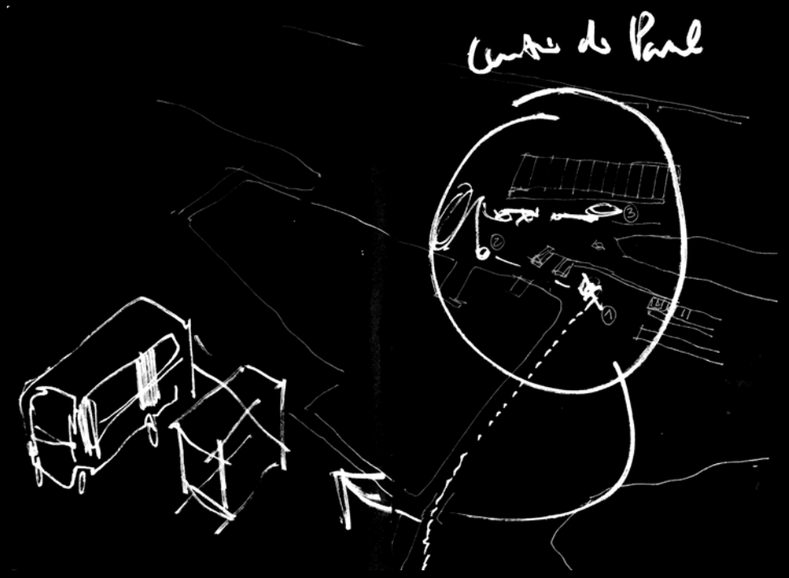
Atravessar a Área Metropolitana do Porto de autocarro -

A passagem entre territórios dá-se de um modo suave. Não há grandes diferenças bruscas que acontecem especialmente no perfil iluminativo. Neste sentido, a noite neutraliza os territórios por onde o autocarro passa.
Passa-se por zonas comerciais, de escritórios, zonas desertas, por zonas mais residenciais, também desertas - as pessoas refugiam-se dentro de casa. O clima portuense, mais frio, também faz com que as pessoas se recolham mais cedo.

A cidade nocturna enquanto redes de trabalho e de serviço
(momentaneamente, o autocarro segue a carrinha de recolha do lixo)

A cidade nocturna não é um território desabitado e estanque. O período nocturno circunscreve vitais redes de trabalho e transporte que subjazem o período nocturno - redes de recolha de lixo, acções de manutenção de espaço público, presenças de vigia e segurança, serviços (como o padeiro, ou a doméstica, que inscreve horários laborais ou deslocações nocturnas).

A cidade nocturna revela-se como um corpo incessantemente activo e vital.



Compreender o trajecto do autocarro - o seu término nocturno acontece no Centro Social do Passal, no perímetro da Área Metropolitana, entre terrenos baldios.

A cidade nocturna enquanto mobilidade e comunicação

A viagem de autocarro retrata as variadas mudanças nocturnas no desenho do espaço público. À medida que nos distanciamos do centro do Porto, a noite urbana torna-se mais escura, mais vazia. A paisagem sucumbe, por vezes, a um quadro absolutamente negro. Em momentos, os faróis do autocarro pintam o único vislumbre de paisagem.
Evidencia-se a premência da protecção e manutenção das redes de transporte público e de comunicação pedonal nocturnos. O desenho do percurso pedestre nocturno parece estar unicamente circunscrito à existência da rede pública de iluminação, surgindo inúmeras ruas sem passeio – o elemento essencial do perfil da via pública, por excelência do peão.

O horário da linha de autocarro nocturna, que cobre um tipo temporalmente singular de território, é mais espaçado. A mobilidade nocturna não lida, muitas vezes, com zonas espácio-temporais criticas.
A rede de mobilidade nocturna tem dois momentos: um momento de ida e de volta. As pessoas que vêm trabalhar mais cedo e que se deslocam no sentido do centro da cidade - o trabalhador do café, o padeiro, o funcionário da recolha do lixo, de trabalhos urbanos de manutenção. Estes horários são principalmente vividos em tempos laborais como este. [O autocarro nocturno integra fluxos que acabam por estar menos cheios consoante a mesma hora do dia em diferentes dia da semana.] O outro movimento, o “voltar a casa”, é talvez o sentimento mais disseminado pelo imaginário do próprio espaço da noite.

Substituir os meios de transporte particular pelos colectivos, garantindo uma rede de mobilidade que permita de forma sustentável a cobertura total do território. Nomeadamente no contacto com o centro, no conjunto de dinâmicas que sustentam a dimensão publica e que tem de ser acessíveis em qualquer hora do dia. Se queremos incentivar a independência aos meios de mobilidade individual e privada como o automóvel, tem de se criar conforto na viagem nocturna, assim como na viagem diurna.

P3

Ponto de reflexão 3:
Terminal de autocarros, Centro do Passal

Do partir e do chegar: urbanidades em confronto.

[16:42]

O terminal é apenas um largo com o poste de paragem no que parece ser uma zona negligenciada. Está rodeada de terrenos baldios e expectantes na proximidade do Café da Associação do Passal.
Há quem tome o seu facé, descontraídamente, enquanto os autocarros chegam e partem.

[A viagem de regresso encontrou o autocarro igualmente cheio, com todos os acentos ocupados e com a cidade na mesma azáfama.]

[00:11]

No final do percurso, o centro do Passal causa alguma perplexidade, pois circunscreve um grande espaço sobrante, terrenos baldios que desvanecem na escuridão. O edifício do Centro do Passal destaca-se da penumbra (ouço garrafas a tinlintar - talvez esteja clandestinamente aberto?)

Aqui, durante o dia, vê-se a colina repleta de moradias, os autocarros que vêm e vão, os motoristas que fazem uma pausa e tomam o seu café. Já durante a noite, a paisagem é domada pela escuridão total. A respiração é visível, o escuro é frio e distante. O silêncio, o silêncio total.

[A viagem de regresso encontrou o autocarro praticamente vazio, com entradas e saídas extremamente pontuais.]

Os autocarros “dormem” também, no perímetro da Área Metropolitana.

“É noite.
A noite é muito
escura. Numa casa
a uma grande
distância, brilha a
luz duma janela.
Vejo-a, e sinto-me
humano dos pés à
cabeça.”

Poemas Inconjuntos in Poemas de Alberto Caeiro [pseud. Fernando Pessoa], pág. 90.

Momento 3

Noite: objecto disciplinar e objecto de projecto.
Apontamentos sobre novos eixos de estudo na área disciplinar dos estudos urbanos.
Eixos estratégicos para a regeneração da noite urbana.

3.1 “Em retrospectiva”: da Condição Nocturna da Urbanidade.

i. Para novos eixos de estudo na área disciplinar dos estudos urbanos.

Neste capítulo, e após o trabalho de campo, pretende-se organizar uma reflexão *a posteriori* dos diferentes percursos, concretizando-se, assim, um retrato da cidade nocturna, relacionando-se a vertente teórica com a práctica e formalizando-se eixos de relação entre o Porto, cidade-dia, e o Porto, cidade-noite.

Ao longo da narrativa do trabalho, torna-se clara a vontade de enunciar, visibilizar e legitimar a preocupação teórica com a condição nocturna do espaço público da cidade. Também a realização dos percursos e o ensaio desta condição revela a necessidade de se enunciar claramente o período transitório em que o desenho do espaço público adquire novas propriedades que nos ajudam a compreender a normativa diurna. Desta forma, escapando-se também a uma concepção binária e antagónica entre o paradigma diurno e nocturno do espaço público que debilite teoricamente a compreensão da realidade material e diversidade cultural e experiencial na prática e na compreensão da noite urbana.[1] Após a *viagem pela noite*, traça-se a questão:

O que é, então, a experiência nocturna da urbanidade?
Como a conceptualizar, evidenciar e integrar no discurso contemporâneo dos estudos urbamos?

e, consequentemente,

Como atender à experiência nocturna do urbanidade?
Como reconhecer as suas “patologias” numa malha operativa de entendimento?

[1] O entendimento da dimensão do espaço público não se deve cingir a uma visão simplista de um dualismo entre noite e dia: “the rather simplistic dualisms between night and day, dark and light, binary conceptions that suggest absolute opposition and diminish the diversity of each condition and the ways in which they interpenetrate each other.” EDENSER, Tim - The gloomy city: Rethinking the relationship between light and dark, pág. 431.

ii. Elogio Crítico: em expansão do campo disciplinar

"Entrar na noite é um acto conclusivo."[1]

Na revista *Dédalo: Práticas em Transgressão* de 2018 em que o autor desta dissertação foi co-editor, Fernando Pimenta escreve n'*O Elogio da Noite* uma íntima ode às possibilidades sociais, políticas e urbanísticas, individuais e colectivas que o território nocturno oferece. Ensaia-se a noite como espaço de aventura, ócio, libertação, reivindicação e conspiração. Um retrato romântico e devaneador de uma nova cidade, onde eixos normativos de sociabilização e de ocupação do espaço se diluem.

De forma convergente, o urbanista Nick Dunn define como factor-chave da noite o seu palco de oportunidade - a oportunidade de (re)visitar o percurso urbano e de (re)pensar a relação do indivíduo com a urbanidade: Para o urbanista, a experiência do percurso nocturno implica novas dimensões sensoriais de (re)descoberta da cidade para além de práticas de consumo[2]. O território nocturno é visto como uma oportunidade de quebra com a cultura e comércio de velocidade hiper-acelerada[3] da era contemporânea, permitindo-se novas formas de *estar* e *interagir* com a cidade em moldes (mais) desacelerados, pautados, sensíveis e íntimos[4].

"Andar nas cidades à noite permite-nos sentir, conectar e pensar a cidade em nossa volta. Somos capazes de dar às coisas a nossa atenção plena, uma pausa bem-vinda da constante erosão e subdivisão do nosso tempo e do nosso sentido de pertença ao mundo. Movendo-se deliberadamente para fora do clarão e olhar das nossas rotinas diárias mercantilizadas e extremamente estruturadas e em direcção às sombras ricas e à pátina das nossas cidades, esta será talvez uma das verdadeiramente belas e sublimes práticas a nós acessíveis."[5]

É premente a discussão sobre o *desenho* de uma noite inclusiva, segura, familiar onde todo o território urbano se ofereça à descoberta e à apropriação. Infelizmente, esse não é e nunca foi o retrato nocturno. Na sua ode à noite, Nick Dunn negligencia aspectos-chave como a violência nocturna nos seus múltiplos reductos, nomeadamente na questão de género ou na violência no espaço público da cidade nocturna. Conforme foi analisado neste trabalho, a noite nem sempre é um espaço seguro, confortável e neutro. Adicionando-se à perspectiva de Nick Dunn, é importante

1. "To go out into the night is a conclusive act." DUNN, Nick - Dark matters: a manifesto for the nocturnal city, pág. 94.

2 "The collective reclamation of the urban night is important and perhaps more urgent than ever. However, it is not the concern of this book. Instead, I have sought to trace out different ways in which there is much to be discovered and enjoyed through direct experience of cities at night beyond practices of consumption." Ibidem.

3 "Halfway through the second decade of the new millennium it seems evident that the harmful velocities of hyper-accelerated culture and commerce have profoundly affected how and who we are." Idem, pág. 95. "To this end, whatever the future of cities may hold, our relationship with them is likely to become further and further mediated and, thus, even more diluted. This is why attending to them is vital. Not as vapid arenas of consumption, but as the real deal, the twenty-first-century ecology of humanity." Ibidem.

4 Também se pode relacionar com a questão que Hannah Arendt coloca no capítulo iniciativo *Victa Activa e a Condição Humana* na sua obra *A Condição Humana* sobre a inerência dos estágios de *Victa Activa* ("labour, work, action" ARENDT, Hannah – The Human Condition, pág. 7; "unquiet" Idem, pág. 15) e *Victa Contemplativa* ("teoria" Idem, pág. 16; "contemplation" Ibidem; "stillnes" Idem, pág. 15) na vida humana.

5 "Walking in cities at night, therefore, enables us to sense, connect and think with the city around us. We are able to give things out undivided attention, a welcome respite from the ongoing erosion and subdivision of our time and sense of belonging in the world. Deliberately moving out of the glare and stare of our commoditized and highly structured daily routines and into the rich shadows and patina of our cities at night may be on of the few truly beautiful and sublime practices available to us." DUNN, Nick - Dark matters: a manifesto for the nocturnal city, pág. 96.

compreender que a noite não é um objecto higiénico e higienizador, bem pelo contrário, é muitas vezes a expressão material, social e económica das maiores fragilidades contemporâneas.

A pobreza, a violência, a marginalidade e a clandestinidade são sintomas crónicos de um sistema incapaz de atender a problemas estruturais. A noite é, muitas vezes, o inoportuno reflexo dos distúrbios do sistema que a subjaz. Dessa forma, é impraticável reduzi-la a um retrato abstracto de conforto optimista e ocioso, ou a um território estanque e inconsequente. Pelo contrário, o presente contributo encara a noite como um território profundamente negligenciado e fragilizado, mas ao mesmo tempo profícuo e essencial.

O anterior quadro de análise e relação dos percursos da cidade nocturna não termina no acto de *observação* e *consideração*. A área disciplinar da arquitectura e urbanismo requer um olhar crítico e operativo sobre o objecto. A inclusão do instrumento do *percurso* dá-se numa apreciação ao campo de oportunidade e interpretação individual, mas legitima-se essencialmente enquanto auxílio a uma proposta particular que visa problematizar e estimular o entendimento corrente de *pensar* e *fazer cidade*—colocando-se a questão:

Terá o pensamento urbanístico negligenciado a transição paradigmática do período diurno para o nocturno? Estarão as estruturas de administração e de poder local e nacional devidamente inteiradas dos diversos territórios da sua noite, bem como das suas distintas carências e aspirações?

Como construir o ideário operativo para a definição dos contornos do "direito à noite" ou do "direito à cidade nocturna"?

Esta~e trabalho dá continuidade ao projecto de Neil Brenner (que confronta e provoca o debate relativamente à condição urbana contemporânea, contribuindo para a vaga de estratégias emergentes de recompreensão e reconceptualização no campos dos estudos urbanos[6]) e ao apelo que Henri Lefèbvre lança em *A Revolução urbana* por uma metafilosofia da urbanização (que, em vez de olhar o objecto de estudo como parte de um processo estanque e completo, se baseie numa abordagem exploratória para o traçar de *orientações* e o *definir de horizontes*[7]). Este trabalho procura também ser um contributo que instigue o alargamento do campo disciplinar e a introdução de novas

6 BRENNER, Neil – Theses on Urbanization.

7 "Lefebvre's call for a metaphilosophy of urbanization - an exploratory approach that 'provides an orientation, opens pathways and reveals a horizon' rather than making pronouncements regarding an actualized condition or a completed process." BRENNER, Neil - Theses on Urbanization, pág. 95.

perspectivas no olhar sobre a cidade contemporânea.
É urgente desenhar novos campos de reflexão e debate, assim como novos mapas cognitivos para a condição urbana, e que se abram caminhos de conceptualização e investigação para que seja finalmente considerado o *problema* nocturno: a noite urbana carece de moldes específicos de reflexão e análise.

Esta integração e visibilização do *problema* da condição nocturna da urbanidade no tecido processual e projectual da prática do arquitecto torna-se premente quando relativa ao actual discurso nacional e internacional, pouco sensível a estas questões. É imperativo que a formação do arquitecto integre o contacto com esta questão e instigue o desenvolvimento de uma perspectiva fundamentada e crítica que transborde para a futura *praxis*, tanto a nível do processo projectual da forma e da obra arquitectónica, como no arranjo do conjunto urbanístico ou do estudo de fluxos e infraestrutura municipal, intermunicipal e nacional.

3.2 Ideário. Em Comum: (Re)considerar o projecto nocturno.

Este capítulo pretende iniciar uma resposta ao desafio lançado anteriormente pelo avanço no campo disciplinar a novos processos de regeneração da cidade nocturna. No entanto, não compreende em si uma proposta resoluta e unilateral. De outra forma, e já num momento conclusivo do trabalho, utiliza-se o quadro teórico e prático estabelecido num palco final de reflexão que se mostra aberto à exploração de novas vias de desenho e entendimento na consideração da cidade nocturna. Assim sendo, e através de quatro breves pontos, exploram-se possíveis propostas de definição dos contornos do *ideário da regeneração urbano-nocturna*.

i. Para uma estratégia de regeneração

Por *regeneração* da cidade nocturna entenda-se tanto a introdução de lógicas reformadoras do desenho do espaço público como os próprios processos de auscultação e intervenção. Na sua essência, não está exclusivamente preocupada com a formulação de tipologias de desenho de espaço público, objectos arquitectónicos ou conjuntos urbanísticos de forma exacta e concreta. Pelo contrário, veicula-se a abordagens adaptativas e inclusivas que, em vez de sugerirem objectos ou instrumentos determinísticos e universais, estejam interessadas em desenvolver métodos processuais de auxílio à actuação local. Ou seja, a disponibilidade para um pensamento adaptado ao contexto do local, às suas características e necessidades, mas integrado em matrizes processuais de interpretação e intervenção.

No entanto, é importante salientar que a discussão à volta desta temática será sempre manifestamente complexa e polivalente. A noite urbana inscreve contextos sensíveis para os quais não existem soluções óbvias ou concretas. Quando se fala em *regenerar a cidade nocturna*, qualquer iniciativa ou intervenção compreende e depende da (talvez principal) questão que subjaz estes territórios: a dualidade

entre conforto e desconforto na experiência diversa e complexa do percurso noctívago pela cidade.[1]

Neste sentido, os processos mencionados de desenvolvimento não se restringem apenas ao desenho formal da noite no conjunto urbanístico (como a disposição qualitativa e quantitativa da rede de iluminação pública ou o desenho e materialidade do espaço público preocupado com eixos gerais de visibilidade). Estes processos carecem de inscrever e estimular outro tipo de políticas e modos de actuação e vivência no espaço público.

Colocam-se as seguintes interrogações, em sentido de instigação a futuros fóruns de discussão e debate:

Deve o acesso aos territórios nocturnos da cidade ser consagrado como um direito público?

Deve a iluminação do espaço público nocturno, a par do planeamento global do desenho do espaço público nocturno, ser consagrada como um direito público?

Deve a mobilidade nocturna, na sua vertente de transporte público, ser consagrado como um direito público?

[1]. Passim. BAUMAN, Zygmunt - Confiança e Medo na Cidade.

ii. Do desenvolvimento e gestão do solo urbano.

Por fim, e no âmbito dos diplomas em vigor relativos à gestão, planeamento e ordenamento do solo urbano, existe uma manifesta carência pela consideração do tempo nocturno. De facto, as especificidades e nuances que a noite inscreve na cidade raramente são integradas na equação do pensamento estratégico e de desenvolvimento que o orienta.

Revela-se como premente impulsionar e legitimar os contributos preocupados com o estudo destes territórios e com a sua regeneração, nomeadamente em palcos de decisão e de agência. A partir destes estímulos para a visibilização e discussão desta temática, possibilitar-se-á o desenho de novos eixos estratégicos de gestão e desenvolvimento da cidade nocturna. Torna-se imperativa a materialização e introdução destes conhecimentos e preocupações em documentos-chave para o ordenamento e gestão do território, como o Plano Estratégico de Desenvolvimento Urbano (PEDU) e o Plano Director Municipal (PDM)-

de desenhar e legitimar a possibilidade nocturna do espaço público.

As estratégias de desenvolvimento municipal, coordenadas numa estratégia intermunicipal, carecem de uma compreensão exaustiva dos diversos territórios nocturnos da área em questão; (re) considerando-se o espaço público em tempo nocturno na sua relação entre diversos factores e agentes: os fluxos de utilização, mobilidade, de trabalho, de concentração e dispersão, os equipamentos activos, as carências, aspirações e possibilidades de cada território.

*

Simultaneamente à conclusão do presente trabalho, o autor da dissertação teve a oportunidade de iniciar uma *traineeship* no Directorado de Projectos Urbanos do Parlamento Europeu, em Bruxelas. Através desta oportunidade, foi possível iniciar uma (re)descoberta dos princípios e orientações que constroem a matriz das directivas europeias para o urbanismo e para a forma arquitectónica, lançadas a partir do coração da Bélgica. Neste sentido, foi de extrema pertinência, sempre em diálogo com a finalização do trabalho, compreender o planeamento para a revitalização do

panorama urbanístico a nível europeu, integrando-se novas metas para as próximas décadas assentes em dois princípios-base: a Sustentabilidade e a Acessibilidade.

Relativamente à sustentabilidade, recorre-se ao modo de funcionamento da obra arquitectónica, sempre em relação com a infraestrutura global do conjunto urbano, procurando-se um sistema eficiente no consumo de recursos, na pegada ecológica, bem como na circularidade da cadeia de consumo e produção. Mais próximo da preocupação do presente trabalho, o território urbano--nocturno em relação com o corpo social e as suas dinâmicas de utilização, a vertente da Acessibilidade esculpe uma firme postura a ser futuramente utilizada como modelo europeu. A questão da acessibilidade refere-se tanto a questões de impedimentos físicos e psicológicos (removendo o foco do contexto individual e relocalizando-o para a capacidade de resposta do espaço colectivo relativamente aos impedimentos pessoais), bem como a aspectos do desenho arquitectónico de impacto na "acessibilidade" (oportunidade social de interagir, integrar e estar integrado) ao espaço público.[2]

Neste sentido, considera-se um esforço geral na percepção administrativa e legislativa do "direito ao acesso ao território urbano", inclusive, o território urbano-nocturno. Este inédito movimento vem re-estabelecer a tabela de prioridades a nível local e nacional, em cada estado-membro e em coordenação europeia, cristalizando-se a postura oficial relativa à expansão e manutenção da cidade. Neste momento, pensar o acesso ao território nocturno, em coordenação com o (re)desenho do espaço público, mostra-se como uma prioridade. Assim sendo, este capítulo vem explorar brevemente possíveis posturas projectuais de desenvolvimento e coordenação urbana que procuram rejuvenescer o debate sobre a questão, bem como propor novas formas de olhar, pensar e *fazer cidade*.

*

[2] «https://multimedia.europarl.europa.eu/en/european-accessibility-act-better-access-for-the-disabled_N01-PUB-190304-ACCE_ev»

O Parlamento Europeu convocou novas metas para a accesbilidade relativa a impedimentos físicos, enquadrando-a num novo debate sobre a acessibilidade e mobilidade social pelo território urbano.

Stavros Stavrides, que publicou em 2021 a obra intitulada de *Espaço Comum: A Cidade como Obra Colectiva*, afirma que para além do espaço privado e do espaço público existe o *espaço comum*. Ou seja, um espaço-tempo de carácter ambíguo e maleável que se sobrepõe aos dois outros contextos categóricos. E que, ao mesmo tempo, tal como com o privado ou o público, representa um espaço que carece de ser exercitado e mantido no complexo sistema da cidade – tanto em esferas oficiais, como não oficiais; tanto *formais*, como *informais*.

É importante considerar como a obra teórica do arquitecto Stavrides tem o seu ponto de partida na contribuição pioneira de Jane Jacobs, *A Morte e a Vida das Grandes Cidades Americanas* de 1961. Nesta obra, Jacobs produz uma forte crítica tanto aos moldes pedagógicos do pensamento urbano como às próprias políticas urbanas que proliferavam nas cidades americanas. O seu interesse pela temática e pelo activismo partiu, nomeadamente, de um risco de demolição do parque nova-iorquino Washington State, perto da sua residência, para a construção de uma via rápida automóvel. Esta situação motivou um estudo por vários cenários urbanos norte--americanos onde a autora fundamenta a sua tese sobre os perigos do projecto urbano centrado exclusivamente na mobilidade automóvel e no investimento privado.

Jacobs concretiza assim uma correlação teórica e pioneira entre o sentimento de *segurança*, de *pertença* e de *mobilidade* (geográfica, social, cultural e económica) na cidade com a ideia de vigilância informal através de fluxos diversos de ocupação e vigia do espaço público pelas suas comunidades. Para a autora, o dinamismo e a saúde da cidade depende exactamente desta relação, comunidade / espaço-público, elegendo-se os elementos urbanos do *parque*, da *rua* e, mais especificamente, do *passeio*, como estruturas para a possibilidade e flexibilidade de apropriação pelos seus habitantes. Na obra de Jacobs, este tipo de teses tinha por base exemplos empíricos concretos, como a questão da mulher e da violenta insegurança nocturna em zonas cobertas por videovigilância em contraposição a zonas onde *as crianças brincam na rua* ou onde *o vizinho está à janela*.

É também importante compreender o quão impactantes foram as teses de Jane Jacobs na área disciplinar dos estudos urbanos. Estas têm vindo a ser continuamente intersectadas por vários outros

conceitos-chavão e movimentos reformistas do pensamento do projecto urbano.

De todo o espectro de novos movimentos políticos de compreensão do *fazer cidade*, a base de partida é sempre a mesma: a necessidade de se elevar a preocupação com o contexto local, as suas especificidades físicas, sociais e económicas, a par de uma recorrente interpelação e diálogo com as próprias comunidades em questão.

Evidentemente, todas estas frentes reformistas são passíveis a crítica, por vezes na sua visão simplista dos laços comunitários da cidade e do próprio projecto de desenho e intervenção, por outras, na larga baliza temporal necessária à sua concretização. No entanto, compreendem considerações valiosas sobre a estimulação do bom funcionamento da cidade, e, nomeadamente, através da relação entre as questões urbanísticas e os laços comunitários que permitem e estimulam.

Com as consideraçoes de Stavrides e de Jacobs, lança-se a ideia central e sintetizadora deste trabalho:

O sentimento de pertença ao território público nocturno permanece um dos mais desafiantes reductos da área disciplinar e da prática profissional.

iii. A noite do desenhar

A narrativa desta dissertação gera-se em volta de um principal eixo de relação: o *desenhar da noite* para a futura construção de uma *noite do desenhar*. Assim sendo, o seu ponto de término não inscreve um fecho formal ou uma consideração conclusiva e transversal, ao invés posicionando-se no principiar de um novo eixo de projecto:

Actualmente, é da máxima urgência (re)pensar e (re)tomar a noite.

A noite urbana carece de ser entendida como um espaço-tempo essencial de amplo potencial comunitário. É urgente o desenho de novas abordagens e novos dispositivos, oficiais e não oficiais, formais e informais, que procurem (re)considerar estes territórios, desenhando-os e contextualizando-os.

O desenho de uma noite comum, em comum.

III. Acto Retrospectivo

i. Em suma

Em gesto sintético de efeito conclusivo, é possível afirmar que o *Desenhar a Noite* é uma tentativa de afirmação e compreensão da percepção particular e passageira da morfologia do espaço público em escuridão nocturna. Partindo do campo disciplinar da arquitectura e dos estudos urbanos, inscreve em si um movimento duplo de (re) activação de conceitos e temáticas (no discurso contemporâneo, nacional e internacional) e de questionamento e problematização dos próprios pressupostos onde está assente.

Assim sendo, a sua narrativa pretendeu fornecer um percurso que intersecta vários enquadramentos teóricos e conceptuais, bem como diversos estágios de aproximação (da teoria à *práxis*, da generalização teórica ao trabalho de campo, da análise objectiva à motivação operativa) - revelando-se simultaneamente um contributo de relevância académica e um gesto individual de compreensão.

*

O Momento 1 encarou as grandes coordenadas de interpretação das questões abordadas no trabalho:

(1) Primeiramente, estabeleceu-se uma compreensão teórica sobre a relação do corpo com a escuridão da noite, avançando-se para ideias do conceito de sublime. Estabeleceu-se que a noite é um espaço socialmente mediado que cruza motores de intra-subjectividade e de inter-subjectividade. Entende-se, então, a noite como espaço inerentemente heterotopológico, uma dimensão simultaneamente estrangeira e familiar - *para além de*.

(2) Estabeleceu-se uma compreensão histórica sobre o

desenvolvimento da relação entre espaço urbano e o tempo nocturno, compreendendo-se a corrente associação a um tempo *inapropriado* ou *proibido* de transgressão e marginalidade. Ensaiou-se o grande ponto de viragem no paradigma da noite urbana, a introdução da rede de iluminação pública na cidade, onde o espaço público passou a substituir-se ao privado naquilo que era a iluminação, democratizando-se o acesso a esta, e, por sua vez, à cidade na sua plenitude.

(3) Construiu-se um entendimento sobre a urbanidade contemporânea, tendo-se em vista um aproximar ao paradigma actual de transformação do território, de urbanização, nos seus sistemas globais de comunicação e influência e nas suas lógicas capitalistas e neo-liberais de expansão, de aglomeração e dispersão, compreendendo-se a condição actual de urbanidade como *transparente* e *pós-disciplinar*.

(4) Finalmente, traçou-se uma linha de comparação e compreensão entre a corrente pandemia da doença do coronavírus e o espaço público em tempo nocturno, onde ambos os contextos vêm

visibilizar e radicalizar fragilidades sociais e urbanas, associando-se a um inóspito esvaziamento do espaço público.

O Momento 2, que inscreve o diário de campo dos percursos pela cidade do Porto, delineou processos de aproximação ao território real:

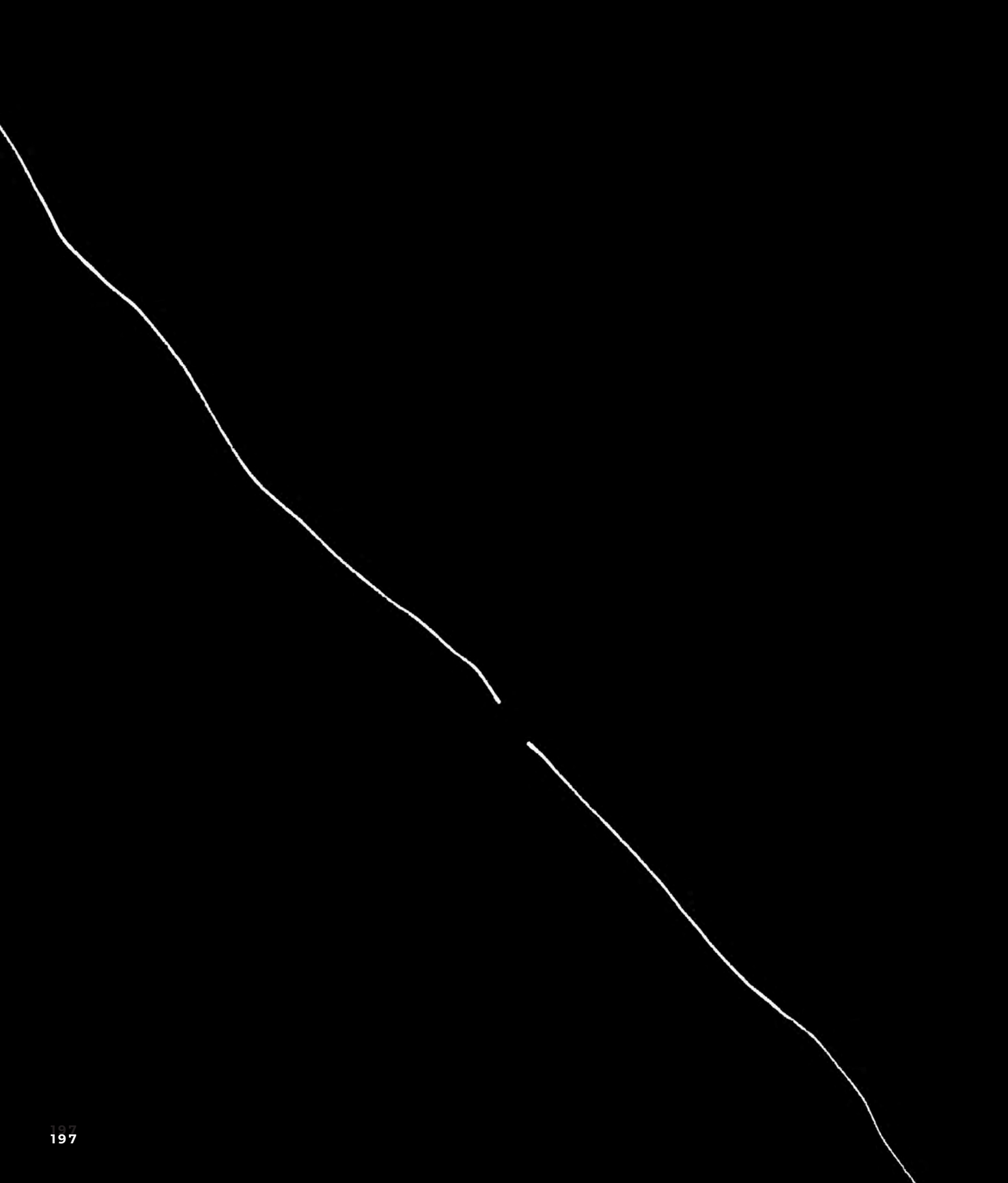
(1) Estabeleceu-se um quadro referencial e metodológico de suporte ao trabalho de campo, onde se legitima o recurso ao *percurso* enquanto ferramenta científica, de experiência, apropriação e interpretação, nomeadamente na quadro da arquitectura.

(2) Realizou-se seis percursos, diurnos e nocturnos, que intersectam os vários territórios nocturnos da cidade do Porto e que ensaiam um retrato da mudança na percepção da morfologia do espaço público através do seu contexto geográfico e urbano, do seu perfil iluminativo e funcional e dos seus fluxos de ocupação e mobilidade.

Relativamente ao Momento 3, um eixo já conclusivo da narrativa da dissertação, encarou-se uma reconsideração e sintetização das temáticas abordadas, investindo-se em perspectivas futuras de interpretação do objecto de estudo na área disciplinar dos estudos urbanos, bem como relativamente a eixos processuais de regeneração da noite urbana:

(1) Objectivou-se a estimulação da área disciplinar da arquitectura e dos estudos urbanos através de novas vias de investigação, legitimando-se uma compreensão profunda e crítica do estudo do território urbano-nocturno em qualquer quadro de aproximação, interpretação e intervenção.

(2) Ensaiou-se a criação de uma malha operativa de entendimento com base na matéria recolhida e elaborada no *diário de campo*, onde a noite urbana é encarada como um território útil e essencial ao bom funcionamento da cidade, carecendo de novas estratégias de *regeneração*. Neste sentido, exploraram-se vias de legitimação do *problema nocturno*, associadas a práticas académicas e projectuais integrativas, que estimulem uma introdução efectiva nos documentos-chave do desenvolvimento urbano.



ii. A linha nocturna do horizonte

O projecto tecido pelo *Desenhar a Noite* não é uma intenção estanque que se esgota com o findar do plano académico de estudos. O desenho desta constelação de referências, relações, aproximações e imersões desenvolve-se menos como um objeto sólido de linhas assertivas e mais como um movimento, um gesto que assenta considerações presentes e que pautará futuras posições e propostas de um *projeto-de-arquitectura* pessoal e contínuo:

Desenhar a Noite para a Noite do Desenhar.

E, de facto, o *desenho* aqui apresentado é senão a tentativa genuína de reconhecimento que parte do foco individual e subjetivo para o plano colectivo e inter-subjetivo. É a expressão final de um percurso de formação, mas também *motivo* e *projeto*.

Ao desenhar, o Arquitecto desenha-se a si - define-se, compreende-se. E, no entanto, o desenho do arquitecto nunca o é se for completo. O desenho do Arquitecto, na sua essência, é impossível de *coisificar* ou circunscrever; trata-se de um contínuo movimento de interpretação, questionamento, expressão: a construção íntima e inquieta de uma lente sobre a qual debruçar o olho e mirar as possibilidades do mundo.

A linha nocturna do horizonte é tão distante quanto a posição do olhar.

Tanto o horizonte como o indivíduo se inter-definem e inter-motivam, ao inscreverem em si formas que dançam entre planos de luz e de sombra, leituras e discursos contraditórios entre a lucidez do diurno e os espectros do nocturno. Tanto o desenho do Arquitecto, a obra de arquitectura, a cidade ou a noite são frutos deste mesmo material contínuo de relação, tão dinâmico e vital. Assim sendo, este desenho permanece, persiste, amadurece sempre em busca de novos eixos de perspectiva, novos pontos de fuga e planos emergentes de intersecção –

A noite, na sua construção perpétua do ser, do saber, do querer compreender ao se erguer em comum.

IV. Fontes de Informação

Referências Bibliográficas

ANDERSEN, Sophia Mello Breyner - **O Rapaz de Bronze**. Porto: Porto Editora, 2014. ISBN 9720726261.

COSTA, Alexandre Alves – **Prefácio com Interrogações**. In OLAIO, António – **Ser um Indivíduo chez Marcel Duchamp**. Porto: Dafne Editoria, 2005. ISBN 9789729901973.

CAEIRO, Alberto [pseudónimo Fernando Pessoa]- **Poemas de Alberto Caeiro**. Lisboa: Ática, 1993. ISBN 9789899796614.

ARENDT, Hannah – **The Human Condition**. 2ª Edição. Chicago: The University of Chicago Press. 1998. ISBN 0226025993.

BARTHES, Roland – **Camera Lucida**. Londres: Vintage Barthes, 1993. ISBN 9780099225416.

BAUMAN, Zygmunt – **Confiança e Medo na Cidade**. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2006. ISBN 9789727088935.

BERGER, John – **Ways of Seeing**. Londres: Penguin Books, 2018. ISBN 9780563122449.

BERTO, Al – **Lunário.** Lisboa: Assírio & Alvim, 2017. ISBN 9789723705089.

BROX, J. - **Brilliant: The Evolution of Artificial Light**. Nova Iorque: Houghton Mifflin Harcourt, 2010. ISBN 9780547055275.

CACCIARI, Massimo – **La Ciudad**. Barcelona: Editoria Gustavo Gili, 2010. ISBN : 978-84-252-2331-0.

CASTELLS, Manuel - **The Urban Question: A Marxist Approach**. Bath: Edward Arnold, 1977. ISBN 071315717.

CORBUSIER, Le – **Towards a New Architecture**. Nova Iorque: Dover Publications, 1992. ISBN 0486250237.

CORTÉS, José Miguel G - **Políticas do Espaço. Arquitectura, Gênero e Controle Social**. São Paulo: Editora Senac, 2008.

CUNHA, Rodrigo S. - **O essencial sobre Ritmanálise**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2012. ISBN 9789722720526.

DEHAENE, Michiel [et. al]– **Heterotopia and the City: Public space in a postcivil society**. Londres: Routledge, 2008. ISBN 0-203-08941-3.

DIDI-HUBERMAN, Georges – **O que nós vemos, O que nos olha**. Porto: Dafne Editora, julho de 2011. ISBN 978-989-8217-12-7.

DUNN, Nick - **Dark matters: a manifesto for the nocturnal city**. Winchester: Zero Books. 2016. ISBN 9781782797487.

FARIA, Andreia [et al.] - **E de Súbito É Noite: Caderno Pandémico**. 1ª Edição. Porto: A Corja. 2020. ISBN 9786120009710.

FOUCAULT, Michel - **Disciplinar e Punir: Nascimento da Prisão**. Reimpressão 2020. Lisboa: Edições 70. 2010. ISBN 9789724417660.

HAN, Byung-Chul – **A Sociedade da Transparência**. Lisboa: Relógio D'Água Editores, setembro de 2014. ISBN 9789896414634.

HAN, Byung-Chul – **A Sociedade do Cansaço**. 1ª Edição. Lisboa: Relógio de Água. 2014. ISBN 9789896414498.

JACOBS, Jane – **The Death and Life of Great American Cities**. Edição Vintage Books. Nova Iorque: Random House. 1992. ISBN 067974195.

JUNG, Carl – **Psychological Types**. 2ª Edição. Londres: Princeton University Press, 1974. ISBN 0691018138.

KOSLOFSKY, Craig - **Evening's Empire: A History of Night in Early Modern Europe**. Cambridge: Cambridge University Press, 2011. ISBN 9780511977695.

LEFÈBVRE, Henri - **Elements of Rhythmanalysis: An Introduction to the Understanding of Rhythmsin / Rhythmanalysis. Space, Time and Everdyday Life**. Londres: Continuum, 2008. ISBN 9780511977695.

LEFÈBVRE, Henri - **The Production of Space**. Oxford: Blackwell, 1991. ISSN 0-631-14048-4.

MARC, Augé - **Não-Lugares: Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade**. 2ª Edição. Lisboa: Letra Livre, 2012. ISBN 9789898268143.

MOHAGHEGH, Jason Bahbak - **Night: a philosophy of the afterdark**. Winchester: Zero Books. 2020. ISBN 9781789042771.

NEIDICH, Warren - **Glossary of Cognitive activism (for a not so distant future)**. 1ª Edição. Berlim: Archive Books, 2019. ISBN 9783943620511.

LIPPOLIS, Leonardo - **Viagem aos Confins da Cidade: A Metrópole e as Artes no Outono Pós-Moderno (1972-2001).** Lisboa: Antígona, 2016. ISBN 978-972-608-272-9.

OLAIO, António – **Ser um Indivíduo chez Marcel Duchamp**. Porto: Dafne Editoria, 2005. ISBN 9789729901973.

PALMER, Brian - **Cultures of Darkness: Night Travels in the Histories of Transgression**. Nova Iorque:M onthly Review Press, 2000. ISBN 9789729901973.

SCHIVELBUSCH, W. (1988) - **Disenchanted Night: The Industrialisation of Light in the Nineteenth Century.** Oxford: Berg, 1988. ISBN 0520059034.

SIZA, Álvaro - 01 Textos. Porto: Parceria A. M. Pereira, Janeiro de 2019. ISBN 9728645937.

STAVRIDES, Stavros – **Espaço Comum: A Cidade como Obra Colectiva**. Lisboa: Orfeu Negro, 2021. ISBN 9789899071117.

TANIZAKI, Junichiro - **O Elogio da Sombra**. Lisboa: Relógio D'Água, 2016. ISBN 9789896415860.

TÁVORA, Fernando - **Minha Casa / Prólogo**. Porto: FAUP Publicações, 2013. ISBN 9789899796614.

Publicações e Periódicos

BILLE, Mikkele; SØRENSEN; Tim Flohr - **An anthropology of Luminosity: The Agency of Light**. *Journal of Material Culture*. ISSN 1359-1835. Vol. 12, N° 3 (2007), pág. 263-284.

BRENNER, Neil - **Theses on Urbanization**. *Public Culture*. ISSN 1527-8018. N°25 (Fevereiro, 2013), pág. 85-114.

EDENSER, Tim - **The gloomy city: Rethinking the relationship between light and dark**. *Urban Studies*. ISSN 0042-0980. N°52 (2015), pág. 422–438.

FILIPE, Beatriz [et al.] – **Dois Mil e Dezoito: Práticas em Transgressão**. *Dédalo*. ISSN 0011-7455. N°4 (2018).

FINA, Rosa - **E agora a noite: A transformação da noite lisboeta entre os séculos XVIII e XIX**. *Brotéria*. Vol. 180, N° 4 (Abril de 2015), pág. 337-359.

GERGEN, Kenneth; GERGEN, Mary; BARTON, William – **Deviance in the Dark**. *Psychology Today*. [s/ISSN]. Vol. 7, N°5 (Outubro de 1973), pág. 129-130.

LEVOS, Joshua; ZACCHILLI, Tammy Lowery - **Nyctophobia: From Imagined to Realistic Fears of the Dark**. *Psi Chi Journal of Psychological Research*. ISSN 2325-7342. Universidade de Saint Leo. Vol. 20 N°2 (verão de 2015), pág. 102-120.

MARTINS, João Carlos; NOFRE, Jordi - **The disneyfication of the neoliberal urban night**. *Keep it Simple Make it Fast!: An approach to underground music scenes*. ISBN 978-989-8648-49-5. Universidade do Porto. N°1 (2017), pág. 113-124.

WILLIAMS, Robert - **Night Spaces: Darkness, Deterritorialization, and Social Control**. *Space and Culture*. ISSN 1206-3312. N°11, 4 (Novembro, 2008), pág. 514-532.

MORRIS, N - **Night walking: darkness and sensory perception in a night-time landscape installation**. *Cultural Geographies*. ISSN 1477-0881. Vol. 18, N°3, pág. 315-342.

SIMMEL, George - **The Sociology of Secrecy and of Secret Societies.** *The American Journal of Sociology*. [S/ ISSN]. Vol. XI N°4 (janeiro de 1906), pág. 441-498.

Trabalhos Académicos

RODRIGUES, Cláudia - **A Cidade Noctívaga: Ritmografia Urbana de um Party District na Cidade do Porto**. Universidade de Coimbra – Faculdade de Economia: agosto de 2016. Tese de doutoramento.

FINA, Rosa - **Portugal nocturno e a ameaça do dia. A ideia de noite na cultura portuguesa (séculos XVIII a XX)**. Universidade de Lisboa – Faculdade de Letras: 2016. Tese de doutoramento.

Actas de Congressos

XVIII COLÓQUIO DE OUTONO 2016 – CEHUM: OUTROS LUGARES: UTOPIAS, DISTOPIAS, HETEROTOPIAS, 17-18 de Novembro de 2016. FINA, Rosa - **Pessimismo e as distopias do séc. XX: noite como refúgio?** : actas. Universidade do Minho, CEHUM, 2017.

ENCONTRO INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS SOBRE A NOITE, 16 de março de 2018. ALVES, Teresa - **Geografias da Noite**: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Recursos Online

ALEMIDA, Francisco – **Subsídios para a História da Electrificação Portuguesa** (1997). Consultado a 2 de Novembro de 2020. Acedido em «https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/5285.pdf»

CORREIA, Natália - **Rio de Núvens** (1947). Consultado a 3 de Agosto de 2021. Acedido em «https://books.google.be/books/about/Rio_de_nuvens.html?id=tUYTAQAAMAAJ&redir_esc=y».

FARMAN, Gabril - **What Is Glocalization? Understanding the Terminology of Global Content** (15 de Agosto de 2018). Consultado a 3 de Junho de 2021. Acedido em «https://www.bureauworks.com/blog/what-is-glocalization-understanding-the-terminology-of-global-content-fc/»

LOKKEGAARD, Morten - **European Accessibility Act**. (Março de 2019). Consultado a 3 de Setembro de 2021. Acedido em «https://multimedia.europarl.europa.eu/en/european-accessibility-act-better-access-for-the-disabled_N01-PUB-190304-ACCE_ev»

NEVES, Álvaro Seiça - **A HIPERPERIFERIA DO PONTO.** (s/d disponível) Consultado a 28 de Dezembro de 2020. Acedido em «https://www.revistapunkto.com/2010/06/hiperperiferia-do-ponto.html?fbclid=IwAR3cYCJYpihLKAyKEO7P8sktonSMUdxK35IZ-HyhHeXMUPUq2Nmz57wIOPM»

PRECIADO, Paul B. - **LEARNING FROM THE VIRUS** (Maio de 2020). Consultado a 24 de Outubro de 2020. Acedido em «https://www.artforum.com/print/202005/paul-b-preciado-82823»

QUERRIEN, Anne - UMA OUTRA CIDADE PARA UMA OUTRA VIDA \ CONSTANT (s/d disponível). Consultado a 13 de Julho de 2021. Acedido em «https://www.revistapunkto.com/search?q=une+autre&x=0&y=0»

Artigos de Jornal

BACCHI, Umberto; CHANDRAN, Rina - **Coronavirus Homelessness: Homeless People treated as Criminals amid Coronavirus Lockdowns** (23 de Abril de 2020). Consultado a 21 de Julho de 2020. Acedido em «https://www.reuters.com/article/us-health-coronavirus-homelessness-featu/homeless-people-treated-as-criminals-amid-coronavirus-lockdowns-idUSKCN22527I»

LEIBOWITZ, Kari - **The Norwegian Town Where the Sun Doesn't Rise** (1 de Julho de 2015). Consultado a 14 de Março de 2021. Acedido em «https://www.theatlantic.com/health/archive/2015/07/the-norwegian-town-where-the-sun-doesnt-rise/396746/»

LUSA - **Risco de pobreza afeta 17,2% dos portugueses, mas dispararia sem apoios sociais** (3 de Março de 2021). Consultado a 3 de Março de 2021. Acedido em «https://eco.sapo.pt/2021/03/03/risco-de-pobreza-afeta-172-dos-portugueses-mas-dispararia-sem-apoios-sociais/»

LUSA - **Covid-19: Banco Alimentar do Porto com aumento de 600% nos pedidos de ajuda têm aumentado** (3 de Fevereiro de 2021).
Consultado a 4 de Fevereiro de 2021. Acedido em «https://www.publico.pt/2021/02/03/sociedade/noticia/covid19-banco-alimentar-porto-aumento-600-pedidos-ajuda-1949085»

LUSA - **Silêncio e escuridão nos clubes nocturnos do Porto sem fim à vista.** (30 de Março de 2021). Consultado a 1 de Abril de 2021. Acedido em «https://www.publico.pt/2021/03/30/local/noticia/silencio-escuridao-clubes-nocturnos-porto-fim-vista-1956466»

LUSA - **Demolição das Torres do Bairro do Aleixo no Porto já começou** (7 de Julho de 2019). Consultado a 18 de Abril de 2020. Acedido em «https://www.publico.pt/2019/06/07/local/noticia/demolicao-torres-bairro-aleixo-porto-ja-comecou-1875778»

LUSA - **Câmara do Porto entrega bairro do Aleixo a fundo imobiliário em maio para demolição** (23 de Abril de 2019). Consultado a 14 de Janeiro de 2021. Acedido em «https://www.jornaldenegocios.pt/economia/autarquias/detalhe/camara-do-porto-entrega-bairro-do-aleixo-a-fundo-imobiliario-em-maio-para-demolicao»

MAMEDE, Ricardo Paes; SILVA, Pedro Adão e, - **A Pandemia acenturou as desigualdades**
Consultado a 14 de Agosto de 2021. Acedido em «https://www.publico.pt/2021/07/21/politica/noticia/pandemia-acentuou-desigualdades-estado-fica-bem-fotografia-1971059»

MANDIM, David - **Bairros do Porto. "O tráfico de droga passa de pais para filhos"** (29 de Agosto de 2019)
Consultado a 12 de Setembro de 2019. Acedido em «https://www.dn.pt/pais/bairros-do-porto-o-trafico-de-droga-passa-de-pais-para-filhos-11244202.html»

MARTINS, Teresa; MOUTINHO, Mário - **Centro Histórico do Porto: abandonar as pessoas em tempo de pandemia?** (21 de Julho de 2021). Consultado a 17 de Setembro de 2020. Acedido em https://www.publico.pt/2020/08/15/local/noticia/centro-historico-porto-abandonar-pessoas-tempo-pandemia-1926888

SILVA, Joana [et. al] - **The Social Observatory: The Impact of Covid-19 on Poverty and Inequality in Portugal and the Cushioning Effect of Policies** (Maio de 2021).
Consultado a 13 de Julho de 2021. Acedido em «https://oobservatoriosocial.fundacaolacaixa.pt/en/-/o-impacto-da-covid-19-na-pobreza-e-desigualdade-em-portugal-e-o-efeito-mitigador-das-politicas-de-protecao?fbclid=IwAR2EMRJJ_oAy8jB94MUM_mLPDFzRL1ZSTGniG3uspN-45WYHvIeeSRubVRk»

V. Índice e créditos de figuras

Todas as figuras sem créditos atribuídos são da autoria do estudante.

Pág. 013

Lonely Metropolitan, Fotomontagem.
Helbert Bayer, 1932.
https://www.metmuseum.org/art/collection/search/302020

De Pictura, desenho de linhas no espaço tridimensional com ponto de fuga.
Leon Battista Alberti, 1450.
https://www.researchgate.net/publication/326834755_GEOMETRY_FOR_THE_ARTIST_AN_INTERDISCIPLINARY_CONSCIOUSNESS-BASED_COURSE

Pág. 015

Radio-X in X-RAY Architecture.
Beatriz Colomina, 2019.
In COLOMINA, Beatriz - X-RAY ARCHITECTURE, pág. 71.

Maquete experimental de exposição de projecto de casa unifamiliar através da sobreposição de negativos-acetato.
In Diller Scofidio + Renfro - Flesh: Architectural Probes,[s/p].

Pág. 023

The Black Box. Tony Smith, 1961.
DIDI-HUBERMAN, Georges – O que nós vemos, O que nos olha, [s/p]

Pág. 025

On Air, Tomás Sarraceno.
Palais de Tokyo, Paris, 2018.
https://studiotomassaraceno.org/on-air/

A Casa é o Corpo (The House is the Body),
Lygia Clarck, 1968.
https://www.moma.org/audio/playlist/181/2410

Casa Moller.
Adolf Loos, Viena, 1928-1929.
https://www.researchgate.net/figure/Figura-4-Adolf-Loos-Casa-Muller-Salita-de-la-senora-Praga-1929-Tomada-de-Riselda_fig2_318668977

Pág. 027

Aniki-Bóbó, fotograma.
Manoel de Oliveira, Porto, 1942.
Retirado do filme.

Dança ao Luar, óleo sobre tela.
Paula Rego, 1988.
https://www.tate.org.uk/art/artworks/rego-the-dance-t05534

Generator, performance interactiva e participativa.
Marina Abramovic, Sean Kelly Gallery, Nova Iorque, 2014.
https://mai.art/generator20142017

Pág. 029.

O Dentro é o Fora, peça-escultura. Lygia Clarck, 1963.
https://www.moma.org/audio/playlist/181/2409

Pág. 031

Night Windows. Edward Hopper, 1928.
https://www.edwardhopper.net/

A minha obra é o meu corpo, O meu corpo é a minha obra. - Negrura Aguada.
Helena Almeida, 1964.
http://arquivos.serralves.pt/viewer?id=79261&FileID=32622

Pág. 033

The Beheading of St. John the Baptist. Caravaggio, 1608.
https://www.caravaggio.org/beheading-of-saint-john-the-baptist.jsp

Street Accident. Arthur "Weegee" Fellig, Nova Iorque, 1941.
https://www.moma.org/collection/works/56185?artist_id=1842&page=1&sov_referrer=artist

Pág. 037

Exodus, or the Voluntary Prisoners of Architecture: The Reception Area, Rem Koolhaas, Elia Zenghelis, Madelon Vriesendorp, Zoe Zenghelis; 1972.
https://www.moma.org/collection/works/401

Frozen Assets: A Cross-Section Throught the City. Diego Rivera, 1931.
In KOOLHAAS, Rem - DELIRIOUS NEW YORK, pág. 224

Pág. 041

Salinas de Chaux. Claude-Nicolas Ledoux, 1774.
https://www.researchgate.net/figure/Saltworks-of-Chaux-by-Claude-Nicolas-Ledoux-1774-Establishment-of-isolated-and_fig6_314672961

Pan-Óptico, Planta e Corte.
Idealizado por Jeremy Bentham, 1791.
In FOUCAUL, Michel - Vigir e Punir, [destaque s/p]

Pág. 043

Avenue de l'observatoire. Brassai, c. 1937.
https://www.sfmoma.org/exhibition/brassai/

Fifth Day: Fireworks on the Grand Canal of Versailles.
Jean Lepautre, 1676.
https://blogs.getty.edu/iris/louis-xiv-as-royal-spectator/

Projecto da Maquina do Jardim do fogo que se erigio na Real Paraça do Commercio de Lisboa, pello feliz Nascimento de Sua Alteza Real a Serenissima Senhora D. Maria Thereza Princesa da Beira, por mandado do Desembargador do Paço Diogo Ignacio de Pina Manique Intendente Geral da Policia da Corte e Reyno. José Caytano Rivara, 1793.
In FINA, Rosa - E agora a noite: A transformação da noite lisboeta entre os séculos XVIII e XIX. Brotéria. Vol. 180, Nº 4 (Abril de 2015), pág. 9.

Pág. 045

Ilustração de avenida parisiense. Iluminação artificial na sua relação com o espaço público nocturno. In La Lumière Électrique. 1991.
In DAVIES, Angela - Disenchanted Night: the Industrializaiton of Light, pág. 147.

Ilustração de fábrica parisiense iluminada por iluminação elétrica.
In Eclairage à l'éctricité. H. Fontaine. 1877.
In DAVIES, Angela - Disenchanted Night: the Industrializaiton of Light, pág. 8.

Ilustração de um baile noctuno nos Vauxhall Gardens em Londres no século XIX. George Cruikshank.
In DAVIES, Angela - Disenchanted Night: the Industrializaiton of Light, pág. 141.

Ilustração de uma cena nocturna em Paris no século XVIII - a Mulher e o perigo do ambiente urbano (em iluminação artificial) In Les Nuits de Paris. 1788.
In DAVIES, Angela - Disenchanted Night: the Industrializaiton of Light, pág. 94.

Pág. 047

[s/n], Arthur "Weegee" Fellig. Antes de 1968.

https://www.amber-online.com/collection/weegee-collection/

Flagrant délit, Madelon Vriesendorp. 1975.
https://www.frac-centre.fr/_en/art-and-architecture-collection/vriesendorp-madelon/flagrant-delit-317.html?authID=207&ensembleID=310
In KOOLHAA, Rem - DELIRIOUS NEW YORK (capa e contracapa)

Pág. 048

Multidão em acções de vandalismo à rede pública de iluminação a gás.
Viena, 1849.
Genaue Darstellung der denkwurdigen Wiener Ereignisse des Jahres 1848 in ihren Ursachen und Folgen, Vienna, 1849.
In SCHIVELBUSCH, Wolfgang - Disenchanted Night: the Industrialization of Light, pág. 110.

Pág. 049

[Trabalhadores de alcatroamento], Brassai. 1934.
https://www.pinterest.pt/pin/141019032068115634/

Pág. 051

Valley Curtain, Christo, 1974.
https://artillerymag.com/shelter-in-place-christos-valley-curtain/

Muralha Fernandina do Porto,
vista de Vila Nova de Gaia
[S/D], [S/A]
https://s7a5n8m2.stackpathcdn.com/wp-content/uploads/2019/10/cidade-muralhas-fernandinas-porto.jpg

Pág. 053

Specters of the Acephalous. Warren Neidich, 2020.
https://www.warrenneidich.com/specters-of-the-acephalous/

Pág. 054

Praça da Liberdade e Rua dos Clérigos. 2018.
Rita Santos
https://olhares.com/o-porto-em-longa-exposicao-foto9523285.html

Pág. 055

Efeitos do Bom Governo sobre a vida da cidade (detalhe). Ambrogio Lorenzetti, Palazzo Pubblico, Siena, Itália. 1338.
https://pt.wahooart.com/Art.nsf/O/8XZN77/$File/Ambrogio-Lorenzetti-Effects-of-Good-Government-on-the-City-Life-detail-2-.JPG

Rede planetária de iluminação artificial.
NASA
https://www.nasa.gov/sites/default/files/thumbnails/image/blackmarble2016-1500px_0.jpg

Pág. 057

Rede global de transporte de mercadorias. Photo Researchers. 2012.
BRENNER, Neil - Theses on urbanization, pág. 106.

Rede global de mobilidade humana.
BRENNER, Neil - Theses on urbanization, pág. 106.

A urbanidade depende de redes planetárias e super-planetárias, NASA.
BRENNER, Neil - Theses on urbanization, pág. 107.

Pág. 059

Planta do Porto, George Balck. 1813.
http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/?q=balck+1813

A urbanização contemporânea do Porto. CEAU.
https://www.juponline.pt/perfil/aldomingues/page/3

Pág. 061

L'AVENIR, Jordi Colomer. 2011.
http://www.jordicolomer.com/?lg=2&id=4&prid=77

Pág. 063

Em Ver, Celeste Cerqueira. Espaço mira, Porto. 2021.
Arquivo online no facebok da artista.
https://www.facebook.com/celeste.cerqueira.58

Sleep as a local in a special place. EDA, Lisboa, 2018.
https://www.facebook.com/oinstituto.pt/videos/437224510654701

Pág. 065

Demolição parcial do Bairro do Aleixo no Porto.
https://www.jn.pt/local/noticias/porto/porto/demolicao-de-torre-nao-afastou-trafico-do-aleixo-2944830.html

Demolição total do conjunto Robin Hood Gardens da dupla de arquitectura Alison e Peter Smithson. Londres. Dezembro de 2017.
https://www.diggitmagazine.com/column/home-robin-hood-gardens-exhibit

A Fall of Ordinariness and Light, The Enabling Power.
Jessie Brennan, 2014.
http://www.jessiebrennan.co.uk/a-fall-of-ordinariness-and-light
https://www.apollo-magazine.com/robin-hood-gardens-and-the-politics-of-regeneration/

Pág. 069

Organizaçao Issureicional do Espaço, Fernando Barros, Mário Ramos. [FAUP] , 1975.
https://www.publico.pt/2014/10/27/culturaipsilon/noticia/-o-lado-desconhecido-da-escola-de-arquitectura-do-porto-1673990

Une Fille, Brassai. Rue Quincampoix, Paris. 1933.
https://www.xibtmagazine.com/en/2019/11/paris-eugene-atget/

Pág. 071

A Peste Bubónica. Richard tennent Cooper, [s/d].
https://wellcomecollection.org/works/kgan347v

Mulher em rua nocturna de Paris. Brassai, 1933.
https://www.xibtmagazine.com/en/2019/11/paris-eugene-atget/

Pág. 073

Hospital de S. João, Porto. 2020.
https://www.publico.pt/2021/01/31/fotogaleria/
porto-deserto-tarde-nevoeiro-405401

Die Karikatur und Satire in der Medizin, Eugen Holländer. 1921.
Eugen Holländer, Die Karikatur und Satire in der Medizin: Medico-Kunsthistorische Studie von Professor Dr. Eugen Holländer
https://archive.org/details/diekarikaturunds00holl/page/n8
https://medicine.iu.edu/blogs/medical-library/11142#_edn1

Medidas de desinfecção por queima das habitações pelos bombeiros, no Porto.
Aurélio da Paz dos Reis - Centro Português de Fotografia, 1899.
https://www.publico.pt/2020/03/18/p3/fotogaleria/
erros-cometeram-combate-peste-bubonica-porto-1899-400765

Il Morbetto, Marcantonio Raimondi, Raphael. c. 1512/1513.
https://www.nga.gov/collection/art-object-page.654.html

Pág. 075

Reunião de comerciantes e homens de negócios do Porto, no Palácio da Bolsa, para discutir o impedimento à economia da cidade provocada pelo cordão sanitário. Centro Português de Fotografia. 1899.
https://www.publico.pt/2020/03/18/p3/fotogaleria/
erros-cometeram-combate-peste-bubonica-porto-1899-400765

Porto. Maio de 2020.
Paulo Pimenta
https://www.publico.pt/2021/01/31/fotogaleria/

porto-deserto-tarde-nevoeiro-405401

Pág. 077

Estação Da Trindade, Porto, Maio de 2020.
Ana Marques Maia
https://www.publico.pt/2020/05/06/p3/fotogaleria/
covid19-gritam-paredes-porto-401203

Praça Da Batalha, Porto. Maio de 2020.
Ana Marques Maia
https://www.publico.pt/2020/05/06/p3/fotogaleria/
covid19-gritam-paredes-porto-401203

Pág. 079

Duas cidades. Mário Mesquita, Porto, Agosto de 2021.
Mário Mesquita - Arquivo Online
https://www.facebook.com/mario.mesquita.39982

Pág. 080

Rua Dom João IV, Porto. Ana marques Maia, 2020.
Https://www.publico.pt/2020/05/06/p3/fotogaleria/
covid19-gritam-paredes-porto-401203

Rua Santa Catarina, Porto. Maio de 2020.
Paulo pimenta
Https://www.publico.pt/2021/01/31/fotogaleria/
porto-deserto-tarde-nevoeiro-405401#&gid=1&pid=8

Pág. 081

A Ronda da Noite. Mário Mesquita, Porto, Janeiro de 2021.
Mário Mesquita - Arquivo Online
https://www.facebook.com/mario.mesquita.39982

DOWNTOWN: Porto, 14:00H. Mário Mesquita, Porto, Janeiro de 2021.
Mário Mesquita - Arquivo Online
https://www.facebook.com/mario.mesquita.39982

Pág. 087

Lignes d'erre. Fernand Deligny.
https://www.researchgate.net/figure/Fernand-Deligny-Lignes-derre-Wander-Lines-Courtesy-Maison-dedition-lArachneen_fig1_326619448

Nova Babilónia. Constant, Paris, 1963.
https://stichtingconstant.nl/work/new-babylon-paris

Pág. 089

New City. Dorothy Dehner, 1953.
https://www.moma.org/collection/works/140488

Cartes et lignes d'erre, Fernand Deligny.
https://www.espazium.ch/fr/actualites/milieux-de-vie-de-la-pedagogie-la-cartographie

Vista noturna da avenida da Boavista. Teófilo Rego, 1962.
https://www.portodhonra.com/2021/02/passeio-noturno-pelo-porto-das-decadas.html?spref=fb&fbclid=IwAR2FDqJBiMPpY_d8hkjG73yWmL_9v_gkedELAr9YWw4Cf1WmfWpvcBWD6-s

Guide psychogéographique de Paris: discours sur les passions de l'amour: pentes psychogéographiques de la dérive et localisation d'unités d'ambiance.
Guy Debord, 1957.
https://www.macba.cat/en/art-artists/artists/debord-guy/guide-psychogeographique-paris-discours-sur-passions-lamour-pentes

Conversas Vadias
Ciclo da Cidade Nocturna

Iniciativa da Comunidade de Inovação Pedagógica PTRI-FAUP para o debate e o cruzar das temáticas de estudo e investigação em desenvolvimento num registo informal e livre.
O seu registo vídeo, nomeadamente no Ciclo da Cidade Nocturna, é aqui associado por compreenderem uma parte fundamental do desenvolvimento deste trabalho.

Apêndice 1
A Noite e a Cidade

Apêndice 2
A noite e a cidade: ideologia, desejo, expressão e (dis)rupturas

Apêndice 3
The night, the city and the common space

CONVERSAS VADIAS
Ciclo da Cidade Nocturna, Conversa #1

A Noite e a Cidade

com a presença de Catarina Oliveira, Inês Álvaro, Margarida Avellar, o Professor Mário Mesquita,
com a moderação de Nuno Lopes Delgado.

Sexta-feira, 12 de Fevereiro de 2021 às 11h00, via Zoom.

Duração: 1:24:17

Link da gravação - Grupo PTRI-FAUP
https://www.facebook.com/mario.mesquita.39982/videos/257648392538006

CONVERSAS VADIAS
Ciclo da Cidade Nocturna, Conversa #2

A noite e a cidade: ideologia, desejo, expressão e (dis)rupturas

com a presença de Margarida Avellar, Marta Regadas, Margarida Silvestre, Natália Favero, Chloé Darmon, Ana Arantes, Diogo Rodrigues e o Professor Mário Mesquita,
com a moderação de Nuno Lopes Delgado.

Sexta-feira, 19 de Fevereiro de 2021 às 15h00, via Zoom.

Duração: 1:42:40

Link da gravação - Grupo PTRI-FAUP
https://www.facebook.com/mario.mesquita.39982/videos/262083008761211

223

224

CONVERSAS VADIAS
Ciclo da Cidade Nocturna, Conversa #3

The night, the city and the common space

com a presença de Margarida Avellar, Marta Regadas, Inês Álvaro, Maria Eduarda Filipe e Catarina Oliveira.

Quinta-feira, 29 de Abril de 2021 às 17h30, via Zoom.

Duração: 1:18:12

Link da gravação - Grupo PTRI-FAUP
https://www.facebook.com/mario.mesquita.39982/videos/307424157560429

Desenhar a Noite.

Porto: uma leitura crítica
dos territórios da noite urbana.

Nuno Lopes Delgado

Porto, 2021